

Kolonja Ijuhy nad rzeka i góra tegoz sa-
mezo nazwiska, oddalona o 9 mil od miasta
Ciesz Alta i 6 mil od Santo Angelo, polaczona
z Góbu s tami dobremi droga. Zalożona
jest na góru Ijuhy. Pod okiem m. zorga-
miroua z adu migr. u oku
18 im. dro. zna. zyla.
Gra je sie. au-
de. as-



A AGONIA DOS DIALETOS

Cada vez se fala menos as línguas dos imigrantes

- Página 12 -

**NO INVERNO
A TERRA
FICOU NUA**

**SÓ A TÉCNICA
NÃO ARRUMA
NOSSOS SOLOS**

**OS BONS
PASTOS
DE VERÃO**

COOPERATIVA REGIONAL
TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS
Fone: PABX - (055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Luís Régis do Amaral, Werner Erwin Wagner, Eduardo Augusto de Menezes, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Wilson Oliveira, Eduardo B. Ferreira, Renato Borges de Medeiros.

(Conselheiros (efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann, Egon Eickoff, Telmo Rovero Ross, Joaquim Stefanello.

Conselheiros (suplentes)

Alfredo Driemeyer, Reinhold Luiz Komers, Ido Marx Weiller, João Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Aquilino Bavaresco, Antônio Bandeira.

Conselho Fiscal (suplentes)

Álvaro Darci Contri, Alceno Elvino Volmer, Rui Adelino Raguzzoni.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Vila Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	45.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	26.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

AJOOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes
Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Moisés dos Santos Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Ao leitor

Uns explicam que foi por culpa da Guerra. Outros falam da influência do rádio e da televisão, do ensino nas escolas que simplesmente passou a ignorar as línguas que sempre marcaram as conversas de dentro de casa. O certo, porém, é que a colônia está deixando de falar os dialetos dos imigrantes, o alemão, o italiano, o polonês. . . A situação chegou num ponto tal que é difícil para as gerações antigas se comunicarem com os mais moços. As vezes são os gestos que substituem as palavras, pois a linguagem não é a mesma falada pelos avós e pelos netos.

A agonia dos dialetos é a matéria que publicamos a partir da página 12. Ali se tenta mostrar em que ponto está a sobrevivência de alguns destes dialetos na colônia da região, onde até algumas décadas atrás o difícil era encontrar quem falasse o português. Hoje, junto com a língua, foram morrendo os costumes, as festas típicas, a cultura que os imigrantes trouxeram da Europa.

É um fato triste para quem se apegava às tradições. Mas é algo inevitável e até mesmo previsto pela mudança dos tempos. Ou como diz um dos estudiosos do assunto na região, o professor Mário Osório Marques: a cultura dos imigrantes não chega a desaparecer de fato, mas sim vai enriquecendo aquilo que se chama de "cultura brasileira".

Neste aspecto chega a se observar alguns pontos interessantes. A criação de palavras, que surgiram de expressões estrangeiras e foram "aportuguesadas", como é o caso de serigote ou de chibo, palavras alemãs incorporadas ao nosso vocabulário. E mesmo que os dialetos estejam morrendo, ainda se encontra alguns resquícios da língua na pronúncia de muita gente que pouco sabe falar alemão, italiano ou polonês. É gente que puxa nos "r", pronuncia com força os "t" e assim por diante. Isto mostra que, mesmo agonizando, os dialetos deixaram sua marca nas regiões de colônia.

Desde a época em que a lavoura de soja começou a se expandir, ainda na década de 60, as culturas de inverno foram tendo, aos poucos, sua área reduzida.

Do leitor

INFORMAÇÕES SOBRE FUNRURAL

Sou associado da Cotrijornal em Dourados no Mato Grosso e há muitos anos venho pagando a taxa de 2,5 por cento sobre a produção, que vai para o Funrural. O desconto é automático.

Como não tenho muito conhecimento sobre o Funrural, venho solicitar informações a este respeito. Gostaria de saber algumas informações sobre a lei pela qual o Funrural cobra a gente e que outro percentual, além dos 2,5 por cento, devo pagar ao escritório aqui de Dourados.

Quando fiz uma visita ao Funrural, no ano passado, fui informado de que teria de trazer as declarações do Imposto de Renda dos últimos anos. Voltei no outro dia. O funcionário pôs a máquina a funcionar e depois de dez minutos, me informou: "O Sr. deve mais de Cr\$ 50 mil. Se não pagar, fica sujeito ao pagamento de juros, correção monetária e multa". Pedi para ver a lei que dá base para os cálculos, mas o funcionário respondeu-me que possui apenas um exemplar e que não poderia emprestar. Mas garantiu que quanto mais eu pagasse, maior seria a minha aposentadoria. No entanto, a ajuda, em casos de doenças, não seria com o Funrural.

Se realmente existe uma lei que fixa o percentual sobre a produção, está deveria estabelecer uma diferença sobre a produção em terra própria e a produção em

terra arrendada, pois paguei, neste ano, Cr\$ 50 mil, à vista e adiantados, por cada alqueire arrendado.

Josef Honigmann
Dourados - MS

NR: Os produtores enquadrados na categoria de empregados rurais realmente têm que fazer uma outra contribuição ao Funrural, além dos 2,5 por cento descontados automaticamente na comercialização das safras. Este valor é fixado de acordo com a renda bruta obtida durante o ano e recolhido através de um carnê. Todas estas informações foram divulgadas em edições do Cotrijornal. Dê uma olhadinha nos números 68, de novembro de 1979, e 62, de abril daquele ano.

MAIS GENTE PARA LER

Depois de receber vários meses esse importante meio de comunicação e de instrução, não só para agricultores, mas para quem também quer estar por dentro de assuntos do meio rural, estou mostrando interesse de continuar recebendo o Cotrijornal.

Na condição de Diretor da Escola Estadual de Primeiro Grau "14 de Maio", de Vicente Dutra, levei o Cotrijornal ao conhecimento dos professores, os quais, foram unânimes em afirmar que o mesmo contém assuntos realmente importantes. Na mesma oportunidade, solicitei que os mesmos procurassem fazer uma assinatura

Anos mais, anos menos, dependendo dos resultados de safras anteriores e de estímulos que vinham através do crédito. Mas os números dos últimos anos mostram que nunca se plantou tão pouco durante o inverno. Exatamente 85,07 por cento da área agricultável do Rio Grande do Sul ficou sem nenhuma planta neste ano de 1981. Este é o assunto de uma matéria que publicamos na página 3, onde se procura analisar esta ociosidade da terra.

O forte desta edição do Cotrijornal são as matérias de conteúdo técnico. Na página 10 se fala da necessidade de higiene na ordenha, para evitar um dos principais motivos de acidez no leite. Agora, com a aproximação do verão, o assunto merece maior cuidado, pois os índices de acidez já tendem naturalmente a aumentar.

Na página 16 o assunto é piscicultura, e voltado principalmente para a produção de alevinos. Como esta atividade recém está iniciando na região, ainda existe muita dificuldade em conseguir filhotes para o povoamento do açude. É por isto que os técnicos dão algumas dicas neste sentido.

Outra atividade que está iniciando a dar seus primeiros passos é a de formação de pastagens. Este é o tema da matéria que está na página 6, onde se aponta as forrageiras de verão mais indicadas para a área onde atua a Cotrijornal no Rio Grande do Sul. Se fala das características de cada pastagem, dos cuidados da semeadura e também do manejo, numa tentativa de prolongar a durabilidade dos pastos implantados na região.

Outra matéria técnica, porém, foi enfocada também politicamente. Ela trata da conservação do solo e foi realizada a partir de um encontro de especialistas em solos, que aconteceu em Ijuí. A conclusão é que este assunto não pode se prender meramente a questões técnicas, pois ele envolve muito mais coisas do que apenas um controle científico do processo de erosão. Muitas perguntas ficaram para ser respondidas, como dá para ver na matéria que inicia na página 4.

individualmente ou então, uma assinatura para o centro de professores de nossa Escola.

Sei que é muito difícil percorrer todas as localidades no sentido de que mais gente adquira este jornal, mas acredito que pelo menos um maior número de pessoas deveria procurar lê-lo.

Plínio Perosa
Vicente Dutra - RS

MUDANÇA

Quero agradecer o recebimento sistemático deste jornal, que considero de grande interesse e utilidade.

Aproveito para comunicar a minha mudança de endereço, da rua Linha Nova, 1483, em Três Corações-MG, para a Praça do Rosário, 71, em Muriaé-MG.

Joaquim Arildo Borges
Muriaé - Minas Gerais

NOSSA CAPA

A foto que publicamos na capa desta edição faz parte do acervo do Museu Diretor Pestana, da Fidene. Ela foi tirada aproximadamente em 1912 pelo fotógrafo Eduardo Jansen, e mostra a família de Jacó Uhde. É também do acervo do Museu a foto do interior de uma igreja que aparece nas páginas centrais desta edição.



UM MONTE DE TERRA PARADA

O muito que já se falou sobre a redução na área de plantio do trigo no Estado, este ano, talvez não tenha sido ainda suficiente para que se tenha uma idéia dessa situação. Pois agora os números começam a tornar esse quadro um pouco mais claro, e aí sim não fica nem uma dúvida de que a grande maioria das terras do Rio Grande do Sul estão ociosas nessa época do ano. É, aliás, a maior ociosidade da lavoura nos últimos anos, como mostram dados levantados pelo departamento de Estudos Econômicos, da gerência de Planejamento e Projetos da Cotrijuí.

Até parece mentira que as terras descobertas no Estado neste inverno tenham chegado a 85,07 por cento das áreas agricultáveis. E tudo por causa da grande redução na área de plantio do trigo, que dos um milhão 296 mil hectares do ano passado, caiu para 879 mil hectares este ano. Foi uma redução que não havia sido notada na lavoura, a partir de 1970. A menor área de trigo, na década passada, foi a de 1973, com um milhão e 227 mil hectares.

Mas a verdade é que essa diminuição apenas acentua ainda mais, agora, as diferenças entre as áreas de plantio de verão e de inverno. Os números levantados por Arnaldo Preissler, do Departamento de Estudos Econômicos, mostram bem que inclusive em 1979, quando a lavoura de trigo foi bem expressiva, a lavoura de verão foi mais de três vezes superior à de inverno (veja as tabelas) no Estado.

CRESCER A OCIOSIDADE

Essas tabelas consideram as principais culturas das duas épocas, mas as diferenças que possam existir, em função de outras plantas que ocupam pequenas áreas, é mínima, quase não alteram esse quadro. Assim, dá pra constatar que já em 1979 a área plantada no inverno no Estado era menor que a área não plantada. A área ociosa naquele ano foi de 68,48 por cento, passando para 79,39 por cento no passado, e chegando aos 85,07 deste ano.

As causas disso tudo já são bem conhecidas. O trigo foi desiludindo muita gente, em função das

safras frustradas. A pesquisa quase que não evoluiu, para criar variedades que se prestem para o nosso clima, e, além disso, principalmente na atual safra, houve um desestímulo que ficou bem evidente nos baixos VBCs (custeios) e preços mínimos, enquanto o custo da produção é cada vez mais alto. É por isso que a terra fica descoberta hoje, aumentando os riscos de erosão, pois também não estão ainda bem comprovadas, em termos técnicos e econômicos, as alternativas de inverno que possam ocupar essas áreas.

Na Região Pioneira da Cotrijuí, é claro que a situação não é diferente do resto. A lavoura de trigo, que chegou a 238.560 hectares em 79, caiu para 177.501 hectares no ano passado e para os 90.400 deste ano. Foi por causa da lavoura de 79, que naquele ano o inverno teve até uma área plantada bem maior que a ociosa (sem qualquer planta), chegando a 63,44 por cento de área cultivada. No ano passado, também houve maior área de plantio do que ociosa, mas caindo um pouco para 51,09 por cento. Este ano é que a situação ficou braba: há 61,75 por cento de área sem planta nenhuma na Região Pioneira.

DIFERENÇA GRANDE

Os dados levantados pelo departamento de Estudos Econômicos, na Região Pioneira, mostram ainda outros números comparativos entre inverno e verão. No último verão, as safras de soja e milho renderam cerca de 717 mil toneladas de grãos, enquanto que a atual safra de inverno, de acordo com as estimativas, renderá apenas umas 142 mil toneladas. Outra comparação entre as duas principais culturas de inverno e verão: enquanto que a soja ocupou 82,35 por cento da lavoura da última safra na Região Pioneira, agora o trigo ocupa apenas 24,52 por cento.

O levantamento mostra também a diferença entre as alternativas de verão e de inverno. No verão, o milho vem crescendo como boa opção, e já pegou 60.600 hectares da última safra. Mas no atual inverno, todas as alternativas somadas (aveia, azevém, tremoço, colza e outros) chegam a somente 49.560 hectares.

Capoeira não dá lucro

A ociosidade das terras levanta muitas questões. Uma delas é de que, nos países onde a agricultura está mais desenvolvida, não existe esta história de cultura de inverno e cultura de verão. Nessas nações, a safra grande numa propriedade é apenas uma durante o ano. Mas no Rio Grande do Sul, onde o agricultor se acostumou a tal agricultura intensiva de trigo e soja, isso é possível? Como tirar apenas uma safra de 15, 20 hectares?

O seu Hélio Campagnolo, de São Judas, Chiapetta, acha que essa é mesmo uma história de "país poderoso, com produto de valor". Para ele, a idéia de se fazer rotação de cultura ou esperar um ou dois anos para repetir a mesma planta numa área, parece uma coisa impossível de se aplicar por aqui. "O produto vale pouco e o dinheiro não tem valor", afirma seu Hélio, que é proprietário de 10 hectares e ainda divide, com um irmão, a lavoura em 11 hectares de sua mãe, e arrenda outro pedaço.

No verão, ele formou

uma lavoura de uns 11 hectares, e agora só plantou dois hectares de trigo. Ele era de Santa Maria, e há uns 30 anos mora em Chiapetta.

Seu Hélio acha que trigo "é coisa só pra granjeiro", por ter se tomado uma cultura muito cara e arriscada. Ele vem lidando com umas vacas de leite e garantindo, com outras plantas, pelo menos o alimento pra casa. Ele ainda não tem bem certeza do que é possível plantar no inverno, pra que não fique dependendo só da soja no verão, mesmo porque o leite não vem dando muito bem. "A única coisa é a pastagem, mas daí depende de ter mais vacas. E muitas vezes a gente pensa em plantar alho, mas vê que também o alho não aprovou este ano". O certo, segundo ele, é que a terra não pode ficar descoberta, porque "criar capoeira não dá lucro".

Na Linha 23 Norte, em Ajuricaba, o seu Orlando Antonio Sperotto também anda remoendo essas dúvidas. Ele tem 20 hectares, que vem ocupando todo ano com uns 17 de soja. O trigo, seu Orlando plan-

ta há uns 15 anos, e também ocupava uns 17 hectares, até cinco anos atrás, quando reduziu pra 10 hectares. Este ano, ele decidiu parar e não plantou nada.

"Plantar ou não plantar no inverno, vira quase a mesma coisa", diz seu Orlando, que não descobriu ainda a cultura ideal para substituir o trigo. Ele acha que "plantar meio hectare de colza ou outra planta não vale a pena", e prefere esperar. Ele também não sabe se dá pra ir fazendo a terra descansar, e colher só uma safra por ano, e diz apenas que no inverno se garante bem com o que plantou para consumo da casa, pelo menos por enquanto. "É possível até que eu plante trigo no ano que vem de novo, se o trigo se endireitar", diz seu Orlando.

OS TEMPOS SÃO OUTROS

O seu Luís Kusik, que tem 135 hectares na Linha 5 Leste, em Ijuí, é outro que reduziu a área de inverno. Ele chegou a plantar 70 hectares de trigo, e agora só tem 18 hectares. Tudo por causa do medo

RIO GRANDE DO SUL

CULTURAS DE VERÃO

ANO	TOTAL DA ÁREA PLANTADA (HA)	SOJA (HA)	MILHO (HA)
1979	6.737.596	4.031.826	1.787.500
1980	6.856.336	3.987.500	1.861.298
1981	6.791.890	3.895.617	1.911.216

Área total agricultável do Estado: 28 milhões e 218 mil hectares. Culturas de verão: soja, amendoim, arroz, batata inglesa (1ª safra), feijão (1ª safra), fumo, milho, sorgo granífero e tomate. Fontes: IBGE, GCEA/RS e Polimapas Editoras.

CULTURAS DE INVERNO

ANO	TOTAL DA ÁREA PLANTADA (HA)	TRIGO (HA)	AVEIA (HA)
1979	2.123.763	2.004.010	45.469
1980	1.413.242	1.296.051	51.574
1981	1.013.968	879.386	45.694

Culturas de inverno: trigo, aveia grão, alho, cebola, centeio e cevada. Fontes: IBGE e GCEA/RS

REGIÃO PIONEIRA

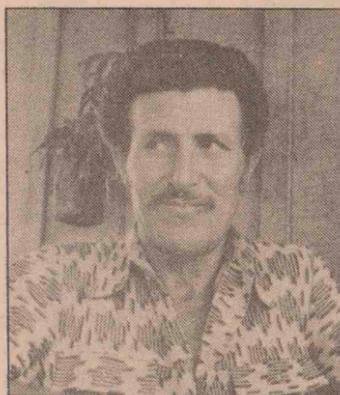
CULTURAS DE VERÃO

ANO	TOTAL DA ÁREA PLANTADA (HA)	SOJA (HA)	MILHO (HA)
1979	360.538	314.783	39.900
1980	368.538	319.677	43.490
1981	368.538	303.747	60.600

Área de atuação: 553.821 hectares. Culturas de verão: soja, milho, sorgo, feijão, arroz, batata e tomate. Fonte: Estudos Econômicos - GEPLAN.

CULTURAS DE INVERNO

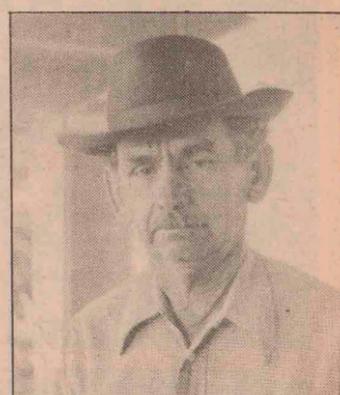
ANO	TOTAL DA ÁREA PLANTADA (HA)	TRIGO (HA)	AVEIA (HA)
1979	241.170	238.560	4.230
1980	191.266	177.501	8.500
1981	140.969	90.400	16.500



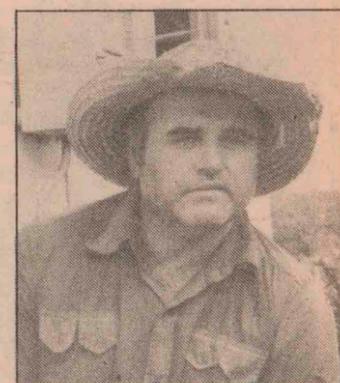
Hélio Campagnolo: o produto vale pouco

de uma frustração, e porque não tem certeza de que as alternativas de inverno possam dar um bom rendimento. O que ele acha certo é que a terra tem mesmo é que render duas safras por ano, por entender que uma lavoura sem planta significa deixar de ganhar.

"Antigamente o produtor não se preocupava em fazer duas culturas, como acontece agora, uma no inverno e outra no verão, porque a vida era mais descansada. O produtor tinha dinheiro e não existiam tantas dívidas", diz o seu Luís. Naquele tempo, segundo ele, um vizinho se apertava e recorria ao outro. "Hoje nem adianta apelar pro vizinho, que ele



Luís Kusik: medo da frustração



Orlando Sperotto: tudo a mesma coisa também não tem dinheiro. Todo mundo vive apertado, e o jeito é fazer duas culturas por ano, que também é melhor pra terra".

A SAÍDA NÃO É SÓ TÉCNICA

Se depender do entusiasmo dos técnicos envolvidos no Projeto Integrado de Uso e Conservação do Solo, implantado em setembro de 1979 no Rio Grande do Sul, os estragos sofridos pela terra das regiões agrícolas gaúchas deixarão de existir em grande parte daqui pra frente. Mas é certo que só o entusiasmo não vai ser suficiente, e isso ficou bem claro no terceiro encontro para discussão do projeto na região de Santo Ângelo, realizado nos dias 22 e 23 de setembro em Ijuí. A questão do solo é também um assunto político, e por isso há muita coisa a considerar, para que a erosão, a falta de fertilidade da terra e outros problemas graves deixem de existir.



Cabeda: solo sempre coberto



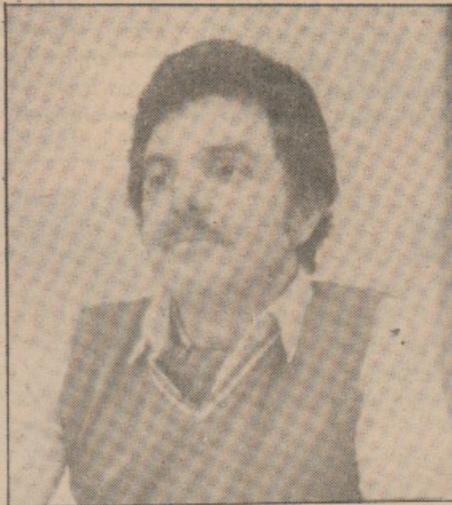
Dalla Rosa: subsolagem cerebral

O encontro de Ijuí levou em conta esse aspecto, e serviu como uma boa amostra do que já foi feito até agora. Nos três anos do projeto, os técnicos que pesquisam a situação do solo e executam as alternativas encontradas já conseguiram passar da etapa de discussão para a realização de um trabalho que abrange uns 40 municípios do Estado. Além dos estudos, há também muito resultado prático, e tudo isso foi mais uma vez avaliado na reunião, que contou com mais de 80 professores, agrônomos, dirigentes de cooperativas, outros técnicos do setor e profissionais de outras áreas de atividade.

PRÁTICAS CONDENADAS

Entre as conclusões apresentadas, estão as do professor Mário Vaz Cabeda, da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cabeda falou sobre os problemas físicos do solo, comentando principalmente a compactação da terra, ocorrida em função do uso intensivo de máquinas. Ele condenou, por exemplo, muitas práticas bastante comuns de preparo da terra, que vêm contribuindo para que as lavouras apresentem uma camada endurecida que dificulta a infiltração de água, favorece a erosão, e causa a perda de matéria orgânica.

Segundo Cabeda, muita gente ainda acredita que uma lavoura com um preparo que deixe a terra esfarelada é a ideal. Mas a verdade é que um solo pulverizado, ou seja, quase transformado em pó, só vai causar



Righes: cada caso é um caso

mais problemas, pois a terra se desagrega, se esfarela, e o excesso de trabalho mecânico aumenta a compactação.

Ele também lembrou que um solo não deve ser preparado muito úmido. Até deu um exemplo para que se teste a lavoura dias depois de uma chuva. O agricultor deve tomar um torrão em suas mãos e procurar dar uma forma a ele. Se isto for possível é porque a terra está úmida demais e é preciso esperar para prepará-la. A umidade ideal é quando a terra não pode ser moldada, mas sim se fragmenta toda em pedaços.

Cabeda mostrou ainda que o pinga da chuva é responsável por 95 por cento da erosão nas lavouras, e lembrou que uma terra sem cobertura é uma ameaça ao produtor. Para que muitos desses riscos deixem de existir, ele sugeriu que o solo esteja sempre coberto, que se reduza o preparo da terra, e se melhore a infiltração da água. Nesse último caso, a solução mais imediata pode ser a subsolagem, e a médio prazo a rotação de culturas. A subsolagem, no caso, deve ser empregada apenas como prática inicial, de choque, e não como uma prática rotineira e anual.

Outro professor universitário, Afrânio Righes, de Santa Maria, falou sobre o uso de máquinas. Ele admitiu até que os problemas do solo são uma preocupação tão nova que muitas indústrias lançaram implementos para tentar solucionar os estragos, antes mesmo dos técnicos identificarem bem tudo isso. O pé de pato é um exemplo dessa situação, segundo o professor. Righes comentou o uso de cada máquina e implemento, e disse que "cada caso é um caso", na hora de se decidir pelo tipo de tratamento que a terra exige. É por isso que ele não acredita em regras que possam valer para todos.

SUBSOLAGEM CEREBRAL

A solução pode variar, mas os problemas são sempre os mesmos, de acordo com as constatações do pessoal da pesquisa. Tanto que a tal compactação (veja Cotrijornal de agosto) foi lembrada muitas vezes no encontro. O agrônomo Amando Dalla Rosa, da Cotrisa, também andou pesquisando os danos físicos causados ao solo pela agricultura intensiva, e chegou a mesma conclusão: o solo está bastante endurecido, dificultando não só a infiltração da água, como também o desenvolvimento normal das raízes.

"Às vezes nós temos é que fazer uma subsolagem cerebral", disse Dalla Rosa, durante sua palestra, ao se referir aos erros que a grande maioria vem cometendo nos últimos anos. Ele disse mais: "Ficamos um bom tempo achando que o mais fácil seria queimar a palha, ao invés de procurar equipamentos que enterrassem a resteva, numa época em que o homem vai à Lua". O agrônomo também falou sobre a subsolagem que pode ser feita pela própria raiz, de tremoço, alfafa e outras plantas, lembrando que "a subsolagem mecânica tem efeito muito curto".

Só que as palestras não ficaram apenas em torno das questões físicas do solo, e abordaram também os prejuízos

orgânicos e inclusive sociais desses problemas. Foi o professor João Mielniczuk, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quem falou sobre a recuperação das terras em termos de fertilidade. Ele lembrou que desde 1967, quando se começou a defender a aplicação programada de adubos, já se recomendava a manutenção da resteva na lavoura.

O ADUBO E A CRISE

Mielniczuk criticou principalmente os responsáveis por uma "campanha" contra o uso de fertilizantes químicos, e disse que a produtividade média da soja no Estado não seria hoje de 1.600 quilos, mas de 800 quilos por hectare, se as terras não tivessem sido recuperadas. Para o professor da UFRGS, o produtor deve se conscientizar de que o dinheiro gasto com adubação de um ano não é recuperado apenas na safra seguinte, mas durante as próximas colheitas.

Ele acredita que a discussão, em torno do adubo, nasceu em função da crise que atinge a agricultura, e das propagandas contra os fertilizantes químicos, feitas por ecologistas. Mielniczuk reconhece que o produtor tentou reduzir os custos de sua lavoura, cortando os gastos com adubação. Mas ele não aceita o argumento dos ecologistas, que chegam a dizer que o adubo químico causa poluição. Segundo ele, esse pessoal não sabe que "no estercor ou nos adubos o fósforo, o potássio e o nitrogênio são os mesmos que nos fertilizantes químicos".

Mielniczuk disse ainda que, na verdade, "a alternativa orgânica (adubação com estercor) é muito boa só em gabinete". Para ele, a agricultura ainda não pode dispensar a adubação química, e o que se precisa é "partir para uma produção racional, bem planejada, em que o uso de fertilizantes seja criterioso". O professor também entende que o agricultor deve lutar por melhores preços para sua produção, e analisar melhor os outros custos da lavoura, antes de cortar a adubação.

Rivaldo Dhein, agrônomo da área de solos na Cotrijuí, comentou, por sua vez, a importância hoje ainda maior das boas condições da terra, para que seja assegurada a produção de alimentos que o mundo precisa. Ele revelou que mais ou menos 5 por cento da extensão do planeta são de terras agricultáveis, e boa parte desse total vem sendo comprometido pelo uso incorreto do solo. Foi por isso que, tempos atrás, "populações inteiras tiveram que migrar", lembrou o agrônomo.

Rivaldo acha que a questão do solo exige mais incentivos para a pesquisa, e ao mesmo tempo a conscientização de toda a sociedade. Ele entende também que os produtores que investem na conservação de suas terras devem contar com estímulos especiais, que garantam o retorno desses investimentos, já que os resultados dos cuidados nessa área nem sempre são imediatos. Assim, deveriam ser criados créditos especiais para conservação, e se evitar financiamentos para "a formação de desertos".



O encontro serviu também para avaliar resultados práticos na conservação do solo

Quem queima a palha fica sem crédito

A medida foi adotada pelo Banco do Brasil em Passo Fundo

Em Passo Fundo, a agência do Banco do Brasil fez com que a manutenção da resteva na lavoura virasse uma obrigação. A exigência aparece nos contratos de financiamento, e foi adotada há dois anos por iniciativa do gerente do Banco, Namur Juares Estrazulas. Ele participou do encontro em Ijuí, e contou que no início houve até agricultor que se negou a assinar o contrato, mas pouco a pouco a campanha foi sendo entendida.

Estrazulas contou que também não foram poucos os agricultores surpreendidos queimando palha, nas batidas dos fiscais do Banco. Estes foram chamados à agência e alertados, e ao mesmo tempo o fato ficou anotado em suas fichas. Para exigir que a resteva seja mantida na lavoura, e só assim liberar o financiamento, o Banco usou o argumento de que os que não agissem dessa forma estavam incorrendo em "práticas inadequadas".

Para o gerente, a situação do solo é tão grave, que ele sugere até que os responsáveis pelo mau uso da terra sofram sanções da Lei de Segurança Nacional, que pune os crimes considerados mais graves. O gerente do Banco acredita que as máquinas, causadoras de boa parte dos problemas sentidos hoje pela lavouras, são um verdadeiro "arsenal nas mãos do homem".

AS MÁQUINAS COMO ARMAS

Mas, se as máquinas são mesmo ver-

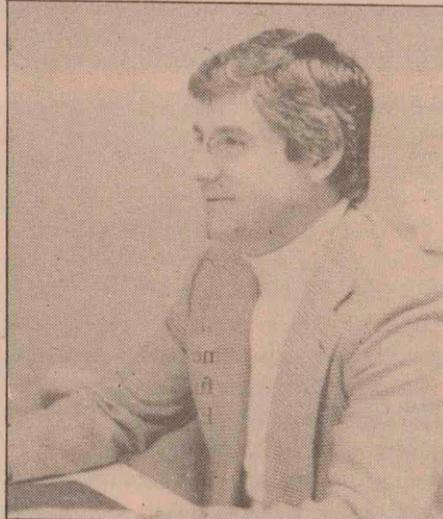
dadeiras armas, no mesmo encontro ficou constatado que até agora pouca atenção se deu a essas armas. O engenheiro mecânico José Inácio Rad, de Não-Me-Toque, disse durante sua palestra que muito maquinário só vai ser testado mesmo, para que se conheça seus benefícios e seus prejuízos, na hora de entrar na lavoura. Ele revelou que a maioria das indústrias planejam a fabricação de implementos sem contarem com o assessoramento de técnicos capacitados.

José Rad também lembrou que os



Rad: teste de máquina é na lavoura

agrônomos em geral têm deficiências quanto ao conhecimento de máquinas agrícolas, e sugeriu que haja um maior intercâmbio entre as indústrias e os técnicos, para troca de informações. No plenário, muita gente lembrou que há fábricas colocando "verdadeiros monstros" de máquinas no mercado. Estes também ressaltaram que as indústrias devem se preocupar em contar com a assessoria de profissionais especializados. Hoje, segundo os técnicos, já não há a euforia que levava muitos produtores a comprarem qualquer



Estrazulas: exigindo a palha

máquina. Os juros estão altos, e um investimento precisa ser bem avaliado.

O pessoal das universidades lembrou também que não há ainda maiores conclusões a respeito disso na própria área da pesquisa. Faltam recursos para que se estude máquinas e implementos. E os trabalhos já realizados esbarram num problema, que é a tal de ética, ou seja, muitas conclusões não são divulgadas porque iriam atingir os interesses de determinadas empresas. De qualquer forma, há quem diga que a situação começa a melhorar nessa área, e que daqui a alguns anos só vai entrar no mercado a máquina que realmente for aprovada para o trabalho a que se destina.

Antes que a terra vire pó

Os problemas de solo são consequência de questões políticas. Isso parece que ficou bem claro no encontro de Ijuí, mas uma pergunta permaneceu no ar: todos os profissionais que lidam diretamente com o assunto também entendem assim? Foi o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, quem levantou esse ponto de uma questão que pode parecer apenas técnica. E ele ainda suspeita que as próprias universidades vêm formando pessoal que não consegue entender claramente tudo que há em torno de um assunto como este.

"O problema do solo é político, e por isso as decisões devem ser políticas", disse o presidente da Cotrijuí. Ele entende que só poderá se entender melhor a questão do solo, se também se olhar para outros aspectos, como a questão fundiária. Isso quer dizer que esse problema, como todos os demais, devem ser vistos dentro de um todo, e as saídas não dependem, portanto, de simples alternativas tecnicamente bem planejadas.

Ilgenfritz defendeu a formação de uma tecnologia nossa, para a solução desses obstáculos, e disse que os técnicos que estão sendo formados devem ter uma visão mais ampla da realidade. Ele mesmo reconheceu que, ao sair da universidade, muito pouco conhecia além de atividades específicas que iria desempenhar como agrônomo, e dirigidas para culturas específicas.

A palestra do presidente da Cotrijuí levantou uma dúvida que o pessoal envolvido no projeto de solos já vem se dispondo a discutir. Mas essa discussão acontece entre todos os técnicos? O professor João Mielniczuk acredita, em torno de questões mais amplas, já começa a acontecer na universidade. Ele disse que "a situação já melhorou muito", em comparação com o comportamento das escolas há poucos anos.

Mesmo assim, nas conversas dos intervalos do encontro, ficaram algumas indagações. Como conciliar conservação de solo e ganhos para o produtor, sem alterações no modelo agrícola? Como fazer que as culturas que vão ajudar na recuperação da terra ofereçam esses ganhos ao produtor? É possível cuidar do solo e ao mesmo tempo ter lucros em propriedades das zonas do minifúndio? As respostas deverão surgir, pouco a pouco, mas antes que a terra vire pó.

Uma maneira de contornar os danos

O projeto Integrado de Uso e Conservação do Solo surgiu há três anos, quando o alarme provocado pela degradação da terra, especialmente nas regiões da soja e do trigo, já era grande. Além dos órgãos oficiais, como Ministério e Secretaria da Agricultura, Embrapa e Emater, participam do projeto as faculdades de Agronomia das Universidades Federais de Santa Maria, Passo Fundo, e Porto Alegre, e a Fecotrigão.

Foi assim, então, que começou a preparação de um trabalho de pesquisa e aplicação das técnicas para pelo menos contornar em parte os danos sofridos pelo solo nesses anos todos. Quando começou, o projeto abrangia 14 municípios da região de Passo Fundo. Hoje, incluindo a região Santo Ângelo (que engloba Ijuí e toda Região Pioneira da Cotrijuí) ele abrange cerca de 40 municípios onde há lavouras demonstrativas.

Os técnicos vêm acompanhando, e sugerindo, entre outras coisas, o terraceamento, a subsolagem, a eliminação da queima da palha do trigo e outras culturas, a re-

dução do preparo do solo, o plantio direto e a rotação de culturas como forma de recuperar a terra. Essas práticas já têm resultados conhecidos, mas será no quarto ou quinto ano do projeto que deverá acontecer uma avaliação a fundo dos efeitos desses tratamentos.

Alguns dados, sobre os benefícios das práticas conservacionistas, estão sendo divulgados por agrônomos da Embrapa de Passo Fundo. Eles vêm analisando as vantagens do plantio direto, em áreas favoráveis a esta prática, e chegaram à conclusão de que os benefícios são muitos. Além de ajudar na recuperação do solo, essa forma de plantio pode representar uma economia expressiva de combustíveis, por dispensar o uso excessivo de máquinas.

AS PERDAS PELA EROSIÃO

Segundo os agrônomos, os 200 mil hectares de soja, semeados com plantio direto no Rio Grande do Sul e no Paraná, na última safra, representaram uma economia de 5 milhões e 300 mil litros de óleo diesel. Eles já prevêm um aumento das áreas de

plantio direto da soja nos dois estados, anunciando uma lavoura de 330 mil hectares para este ano; de 570 mil para 1982; e de 900 mil hectares para 1983.

Os técnicos também fizeram uma avaliação das perdas do solo, no Rio Grande do Sul, em função da erosão no ano passado, baseados numa área demonstrativa de Passo Fundo. Eles concluem que uma lavoura onde se plante soja e trigo durante um ano, com semeadura direta, perde uma tonelada de solo por hectare; e outra com plantio convencional, mas sem queima de palha, perde 4 toneladas. Parece muito, mas não é bastante, se esses números forem comparados com as perdas de uma lavoura onde a palha é queimada, ou que fica sem cultura de inverno. Nesse caso, é possível perder 12 toneladas de solo por hectare num ano.

Junto com o solo perdido, vão os nutrientes, e aí é que os prejuízos sobem bastante. Considerando as perdas de fósforo e potássio extraível, só nas lavouras em que a palha foi queimada ou não houve plantio de inverno os prejuízos foram de 24 bilhões de cruzeiros. Isso é uma estimativa, mas que dá bem uma idéia de quanto se perde de nutrientes com a erosão, e de quanto é preciso repor para que o solo se mantenha fértil.

Essas conclusões vão, pouco a pouco, sendo divulgadas, junto com tudo o que os técnicos podem transmitir aos produtores. Segundo Rivaldo Dhein, é dessa forma que o interesse pela conservação do solo vai sendo despertado. O agrônomo da Cotrijuí lembra que qualquer produtor interessado pode participar do projeto, com áreas demonstrativas. Basta que o agricultor procure o departamento técnico das cooperativas, e assuma o compromisso de cumprir as recomendações. Rivaldo lembra que já vai ficando pra trás o tempo em que muita gente pensava que conservação de solo se resumia apenas a fazer terraço.



Queima da palha trouxe prejuízos de Cr\$ 24 bilhões



A experiência com pastagens de verão, por exemplo, praticamente só vem se resumindo ao milheto, uma forrageira que precisa ser plantada a cada ano. Diz o Sadi Pereira, técnico agrícola na Unidade de Ijuí:

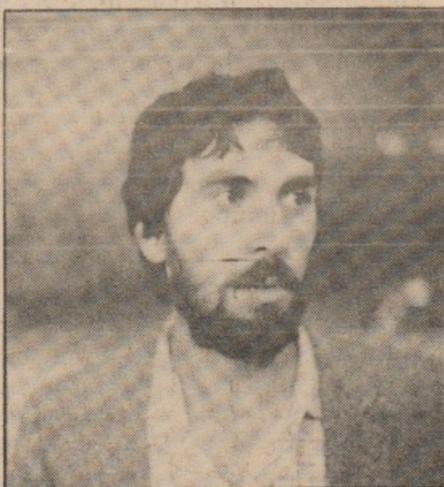
— As pastagens perenes, que duram quatro, cinco anos ou mais, tudo depende do manejo que recebem, recém estão começando a aparecer na nossa região. Mas as suas vantagens são muito grandes. Primeiro elas reduzem o custo, porque não precisam ser semeadas anualmente. Além disso, elas ajudam a reduzir o período crítico de falta de pastagens no outono e na primavera, quando as pastagens anuais geralmente não estão produzindo. Outro fato é que as pastagens perenes controlam a erosão em áreas de maior declive.

A melhor pastagem será o próprio produtor quem melhor poderá identificar. Será com sua experiência, somada ao tipo de solo e adaptação dos animais ao pasto cultivado, que se poderá escolher a pastagem mais adequada para cada caso. Todas as forrageiras indicadas no quadro da página ao lado são consideradas as preferenciais para o Rio Grande do Sul, com a indicação das épocas mais adequadas para a semeadura, densidade de sementes por hectare e ainda estimativa de ciclo de produção. De modo geral pode-se manter em média três cabeças por hectare nas pastagens de verão. "Evidentemente", complementa o Sadi, "em certo período poderá sobrar pastagem. Nestes casos, o produtor poderá aproveitá-la em forma de feno ou silagem".

CONSORCIAR É MELHOR

O mais recomendado pelos técnicos é sempre fazer uma pastagem consorciada de gramínea com leguminosa. As gramíneas produzem maior quantidade de massa verde, que se transforma em energia para o animal. Já as leguminosas são ricas em proteínas. É como explica o Sadi:

— Uma alimentação completa para o animal só é obtida quando se consorcia numa pastagem, as gramíneas com as leguminosas. Não se recomenda deixar o gado pastando apenas em leguminosas, como o fei-



Sadi: vantagem das perenes

jão miúdo, alfafa ou trevos, pois isto pode causar timpanismo (estufamento). Além disso elas não resistem ao pisoteio quando plantadas de forma isolada. O preferível é sempre fazer feno e dar no cocho, ou então consorciar com uma gramínea.

As gramíneas são plantas de folha estreita e que têm raízes que se desenvolvem em forma de "cabeleira". Este é o caso do milheto, do pânico, da setária, etc. Já as leguminosas, como o próprio nome diz, produzem legumes (como o feijão miúdo, alfafa, etc), tendo folhas largas e uma raiz principal, que tem a tendência de se aprofundar bastante no solo.

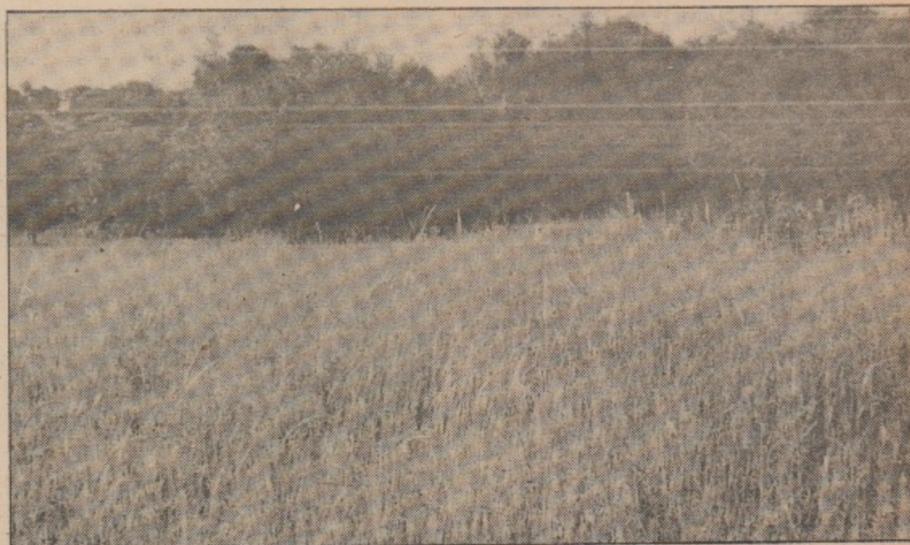
A consorciação, em geral, deve ser feita seguindo o esquema de gramínea anual com leguminosa anual, e gramínea perene com leguminosa perene. No quadro, que publicamos junto com esta matéria, estão relacionados os tipos de consorciação mais indicados pela pesquisa com forrageiras.

REDUÇÃO DE CUSTOS

Mas não é só do ponto de vista de alimentação do animal que a consorciação mostra suas vantagens. A própria pastagem tem melhores condições de se desenvolver. Acontece que todas as leguminosas têm a capacidade de incorporar ao solo o nitrogênio que existe no ar. "Neste ponto", salienta o agrônomo Jalcione Pereira de Almeida — responsável pela área de forrageiras na Cotrijuí — "a capacidade de incorporação do Nitrogênio depende da inoculação das sementes com o Rhizonbiu:n

UM PASTO MELHOR NO VERÃO

Foi com o desenvolvimento da pecuária leiteira e, paralelamente, os constantes aumentos nos preços das rações, que a implantação de pastagens começou a ganhar força em muitas regiões de colônia. Contar apenas com o pasto natural também vinha se tornando arriscado para quem via no leite uma atividade importante dentro da propriedade. Só que para a introdução de pastagens ainda existem algumas dúvidas sobre quais as melhores espécies das que se adaptam à região.



As pastagens perenes, como a setária, ajudam também a controlar a erosão

(uma bactéria) específico".

As gramíneas, que não têm esta característica, ficam beneficiadas então pelo nitrogênio que é incorporado pelas leguminosas. É o Sadi quem explica:

— As gramíneas podem, desta forma, absorver maiores quantidades de nitrogênio, que no caso do plantio isolado deveria ser fornecido através de uma adubação de cobertura com uréia. Absorvendo mais nitrogênio, as gramíneas conseguem produzir maiores quantidades de massa verde, aumentando assim o volume de alimentos oferecidos para o animal. Ao mesmo tempo o produtor economiza mais, evitando a grandes quantidades de adubos.

ANUAIS OU PERENES?

O mais adequado para quem se dedica à pecuária é contar com piquetes tanto de pastagens anuais como de perenes, garantindo uma alimentação mais farta para a criação. No verão, as opções de pastagens anuais são poucas: só o milheto ou, então, de preferência milheto consorciado com feijão miúdo ou milheto com lablab. Já com as perenes a coisa é um pouco diferente e primeiro é preciso saber o tipo de solo onde será formada a pastagem, para decidir qual a espécie que será cultivada. E isto quem explica é o Sadi:

— A setária, por exemplo, vai bem em solos vermelhos e tolera uma certa umidade. Mas já não produz bem em solos pedregosos. O mesmo

acontece com o pânico, que não vai bem em solos pedregosos e ainda por cima não resiste à umidade. Já o capim guenoaro é uma forrageira que pode ser cultivada em solo tipo pedregoso, onde produz satisfatoriamente. O capim guenoaro também pode ser plantado em solo vermelho, sendo ainda bastante resistente à gada, o que possibilita um aproveitamento maior da pastagem no período de inverno.

A pensacola é outra forrageira que pode ser plantada em solos pedregosos, pois não é muito exigente nesse sentido. Ela é o tipo de pastagem aconselhada ao produtor que não tem muita prática em manejo de animais, pois ela é relativamente resistente ao pisoteio. Mas tem um detalhe, como explica o técnico:

— A pensacola é um tipo de pastagem um pouco inferior, em produção de massa verde, se comparada à setária ou ao pânico.

A "PEGA" POR MUDAS

Já o capim quicuí é exigente em fertilidade do solo. Esta é uma pastagem que naturalmente se encontra na região do Planalto e Missões. Ela é plantada através de mudas, que são facilmente encontradas na nossa região. Outra pastagem bastante comum é o capim elefante, que também é produzida através de mudas. O capim elefante é um tipo de pasto que dá bem em qualquer tipo de solo e tem um valor nutritivo muito bom, mas que geralmente não é le-

vado em consideração. Quem fala é o Sadi:

— Muitos produtores não dão valor ao capim elefante, mas este é um pasto que vem fechar bem em época de crise, ali por abril/maio, quando as forrageiras de verão acabaram seu ciclo de produção e as anuais de inverno ainda não estão em condições de pastejo.

O capim bermuda é uma pastagem que recém está sendo introduzida. As primeiras mudas, que foram multiplicadas no Centro de Treinamento da Cotrijuí, foram trazidas dos Estados Unidos há poucos anos. É também uma forrageira que se propaga através de mudas, adaptando-se bem a vários tipos de solo. Ela tem um crescimento muito rápido, fechando em pouco tempo um gramaço bem denso. A bermuda, assim como outras espécies perenes, são muito importantes na conservação do solo.

DILATATO: ESPECIAL PARA DOM PEDRITO

O capim dilatato é uma espécie nativa do Rio Grande do Sul, também chamada de capim melador ou grama comprida. É uma gramínea perene de verão, de porte relativamente alto, que se comporta muito bem sob pastejo, e tem um bom valor nutritivo. No inverno esta gramínea paralisa seu crescimento, podendo se introduzir sobre ela forrageiras de inverno, como o azevém e trevos.

Nos campos de Dom Pedrito o capim dilatato encontra um ambien-

te especial para o seu desenvolvimento. Mas o Departamento Técnico da Cotrijuí, como salienta o agrônomo Jalcione Pereira de Almeida, acredita que esta forrageira, a curto prazo, venha a contribuir consideravelmente no aumento de produção de carne e leite também na pecuária desenvolvida na região Pioneira.

“Atualmente há sérias deficiências de sementes desta espécie”, lembra o Jalcione, “mas a Cooperativa já está preocupada em produzi-las em quantidades maiores para comercialização. Acreditamos que para o próximo ano já tenhamos sementes para distribuir a alguns produtores”.

ALFAFA TODO ANO

Entre as leguminosas, a mais importante é a alfafa, que até é chamada de “rainha das forrageiras”, devido ao valor nutritivo de sua pastagem. Na opinião do Sadi a alfafa deveria existir em toda propriedade onde existam animais, pelo alto teor de proteínas que ela pode proporcionar através de seu feno:

— Se recomenda dar a alfafa depois da ordenha, como feno, ou então triturada junto com a ração, servindo assim como um complemento da alimentação. Ela é uma forrageira que permite cortes todo ano, suprimindo as necessidades de alimentação do gado nas épocas em que o pasto fica escasso.

Do feijão miúdo quase não é preciso falar. Combatido como inço nas lavouras de soja, o feijão miúdo é uma excelente pastagem quando



A alfafa é uma pastagem de alto teor de proteínas

consorciada com o milho. Situação semelhante é a do lablab, forrageira de nome estranho, que tem características bem parecidas com as do feijão miúdo. O lablab, porém, apresenta produção de massa verde durante um período um pouco mais longo que o feijão miúdo.

SIRATRO E DESMODIO

Por fim entre as leguminosas preferenciais para o verão estão o siratro e o desmodio, que são indicadas para consorciação com grande parte das gramíneas perenes (veja no quadro). Dificilmente, porém, conseguimos produzir sementes destas espécies na nossa região, que não está incluída, por razões climáticas, nas zonas preferenciais para este tipo de atividade. Este mesmo problema as

torna menos duráveis e, se não forem pastejadas dentro de um bom sistema de manejo, correm o risco de terminarem em dois anos. Além disso, quando ocasionalmente se consegue produzir sementes, é muito difícil o trabalho de colheita, pois a maturação das plantas é toda desuniforme e ainda as sementes ficam praticamente junto ao solo.

O siratro ainda leva uma ligeira vantagem sobre o desmodio em termos de adaptação ao clima da região, sendo maior também a ressemeadura natural do siratro nas pastagens. O Jalcione Pereira de Almeida ainda lembra de mais um problema enfrentado por estas duas espécies:

— Um outro ponto que dificulta a persistência destas duas leguminosas é a própria concorrência com gramíneas a que estão consorciadas.

O VALOR DA PASTAGEM

Uma coisa que o Sadi faz questão de ressaltar é que o valor da pastagem e a produção é diretamente proporcional à fertilidade do solo. Quanto mais fértil ele for, maiores resultados se conseguirá:

— É por isto que toda pastagem deve ser implantada em solos que foram primeiro analisados para se fazer a correção necessária.

E isto, segundo ele, é importante não apenas no caso da implantação de pastagens perenes, que irão retirar os nutrientes do solo durante anos seguidos, como também nas forrageiras anuais. Principalmente no caso das pastagens perenes, o solo vai melhorando aos poucos o seu nível de matéria orgânica, isto através do esterco e da urina que os animais depositam na terra durante os períodos de pastoreio e dos restos de cultura que ali ficam depositados. O mesmo acontece com as pastagens anuais, mas num espaço de tempo bem mais reduzido. E a pastagem mostrará seus resultados na melhoria das condições físicas do solo. Mas isto não apenas por aumentar os níveis de matéria orgânica. Há outro ponto também importante:

— O depósito de esterco, urina e restos de culturas, vai afogando o solo e acabando com a camada compactada que existe geralmente em nossas áreas de cultivo, o que hoje é um fator limitante na produtividade da maioria das lavouras da região.

ESPÉCIE	VARIETADE	ÉPOCA DE SEMEADURA	DENSIDADE DE SEMENTES		ESTIMATIVA DE CICLO DE PRODUÇÃO	VARIETADES RECOMENDADAS PARA CONSORCIAR
			Cultivo Isolado Kg/ha	Cultivo Consorciado Kg/ha		
GRAMINEAS ANUAIS						
Milheto	Comum RS	Set a Jan	20	15	Nov a Mai	Feijão Miúdo, Lablab
PERENES						
Capim Setária	Kazangula Narok Nandi	Set a Out ou Jan a Fev	6 - 8 7 - 9 6 - 8	6 - 8 5 - 7 6 - 8	Out a Mai Out a Jun Out a Mai	Siratro
Capim Pânico	Gatton Makueni	Set a out ou Jan a Fev	8 - 10	6 - 8	Out a Mai	Siratro
Capim Pânico	Green Riversdale	Set a out ou Jan a Fev	6 - 8	4 - 6	Out a Mai	Siratro
Capim Pensacola	Pensacola	Abr a Jun ou Set a Out	25	20	Out a Abr	Cornichão Trevo Branco
Capim Guenoaro	Comum RS	Set a Out ou Jan a Fev	15	10	Out a Mai	Siratro
Capim Dilatato	Comum RS	Set a Out ou Jan a Fev	20	15	Out a Abr	Siratro Trevo branco Cornichão
Capim Quicuío	Comum Rs	Jan a Fev ou Abr a Set	2 ou Mudas	1,5 ou Mudas	Out a Mai	Trevo branco
Capim Bermuda	Costcross-1	Abr a Set	Mudas	Mudas	Out a Abr	Siratro, trevo branco
Capim Elefante	Comum Napier	Abr a Set	Mudas	Mudas	Out a Mai Nov a Abr	—
LEGUMINOSAS ANUAIS						
Feijão Miúdo	Comum RS	Set a Dez	40	30	Dez a Mai	Milheto Comum
Lablab	Rongai Highworth	Set a Dez	30	25	Dez a Mai	Milheto Comum
PERENES						
Alfafa	Crioula RS	Abr a Set	15	—	Todo ano	Pensacola, Guenoaro
Siratro	Siratro	Set a Out ou Jan a Fev	6	4	Nov a Abr	Setária, Pânico, Guenoaro, bermuda

Semear sem enterrar

A semeadura das forrageiras exige uma atenção especial dos produtores. Isto porque suas sementes, na maioria das vezes — e principalmente no caso das gramíneas — têm um tamanho muito pequeno e com isso suas reservas para conseguir uma boa germinação também são pequenas. Aí é que entram os cuidados: é importante um bom preparo do solo e só semear quando existir uma boa umidade, reparando ainda para não enterrar demais estas sementes.

A recomendação, na maioria dos casos, é que as pastagens sejam implantadas preferencialmente com máquinas específicas para o plantio de forrageiras. Como o investimento em maquinário anda se tornando cada vez mais difícil, existe ainda a possibilidade de fazer a semeadura a lanço. É importante não incorporar as sementes de gramíneas e nem usar grade para o plantio. O ideal é largar as sementes por cima da terra e passar um rolo compactador ou galhos de árvore. Este é o caso da setária, do pânico, do milheto, dos trevos, etc.

Outras pastagens, como o quicuío, a bermuda e o capim elefante só se propagam através de mudas. Esta característica aumenta o trabalho, mas por ou-

tro lado garante um índice de "pega" relativamente alto. Em alguns casos, principalmente nas leguminosas de verão, não existem maiores problemas, pois as sementes têm um tamanho considerável se comparado ao da maioria das gramíneas.

EXIGÊNCIA ESPECIAL

O milheto, em especial, é ainda muito exigente quanto à temperatura do solo. Em épocas de muito frio — e isto muito produtor já pode reparar — nem adianta pensar em implantar a pastagem. É que o milheto só vai germinar se a temperatura do solo estiver superior a 20 graus centígrados.

No caso da consorciação, as leguminosas podem ser plantadas antes das gramíneas. Uma pastagem de milheto e feijão miúdo, por exemplo, terá primeiro a fase de plantio do feijão miúdo e isto da maneira convencional. Para o plantio do feijão miúdo — assim como do lablab — pode-se inclusive incorporar a semente e usar a grade, pois elas podem ser colocadas mais profundamente no solo. O milheto será semeado depois, passando por cima o rolo compactador ou galhos de árvores.

Com manejo o pasto vai longe

O bom manejo da pastagem é um dos pontos mais importantes para garantir sua durabilidade. E isto pesa mais nas espécies que tendem a crescer para cima (o chamado crescimento cespitoso), como é o caso do milheto, do pânico, setária, capim guenoaro e dilatato. Os cuidados que devem existir não são tão intensos para as forrageiras que são rastejantes, crescendo para os lados, como o capim bermuda ou a pensacola e capim quicuío, que se desenvolvem através de rizomas e estolões.

Nas forrageiras de crescimento cespitoso, existe um momento certo para colocar e para retirar os animais da pastagem. É que nestas plantas as reservas de crescimento estão localizadas no caule, logo acima do solo e ali é que são emitidas as novas ramificações. Nas outras, ele está um pouco abaixo do nível do solo, naquilo que é chamado de rizomas ou estolões.

ÉPOCAS CERTAS

Para o milheto, por exemplo, se recomenda o plantio em vários períodos entre os meses de setembro a janeiro, pois esta é uma planta de ciclo curto. Só desta forma se garantirá milheto para os animais durante parte da primavera, todo verão e ainda o início do outono (bem a época de escassez de pasto). Depois do plantio, em menos de 60 dias o milheto já pode ser cortado se as condições climáticas forem favoráveis. Diz o Sadi:

— Se bem manejado, o milheto pode dar vários cortes. O essencial é nunca deixar que o pasto forme cana, pois daí o rebrote será de menos intensidade e, conseqüentemente, o aproveitamento da cultura será

baixo. A gente recomenda soltar o gado no milheto, no primeiro corte, quando ele está com uns 50 a 60 centímetros de altura, e retirar os animais quando a altura do pasto estiver bem perto de 10 centímetros. Deixando o gado comer mais do que isso, já fica prejudicado o rebrote. Pode-se adequar a lotação animal por área e não retirar os animais, desde que o milheto não seja cortado abaixo de 10 centímetros.

A partir do segundo corte, como o Sadi explica, pode-se largar os animais com o pasto em uma altura menor, isto quando ele alcançar de 30 a 40 centímetros. No caso de se ter uma pastagem apenas de milheto, os técnicos recomendam uma aplicação de uréia após o corte (na base de 80 quilos por hectare), o que vai permitir um rebrote mais vigoroso e mais rápido. Já quando o milheto estiver consorciado com o feijão miúdo ou o lablab, pode-se perfeitamente dispensar a aplicação de uréia, pois o nitrogênio que o milheto iria precisar para rebrotar, será conseguido através da leguminosa.

SETÁRIA E PÂNICO

Para estas espécies forrageiras o manejo praticamente é o mesmo. Após o estabelecimento da pastagem, em torno de 70 a 80 dias ou aproximadamente 40 centímetros de altura, já é possível dar início ao pastoreio, deixando o gado até quando a pastagem atingir uma altura de 15 centímetros. Neste estágio os animais devem ser retirados para que não se comprometa a durabilidade da pastagem. Este manejo ainda beneficia as leguminosas que estiverem consorciadas, como o siratro, e é muito importante para manter a qualidade da forragem. Esta qualidade fica

sensivelmente reduzida na medida em que não se der descanso para a recuperação da pastagem.

PENSACOLA E BERMUDA

São forrageiras consideradas de fácil manejo, pois se mostram altamente resistentes ao pisoteio depois de bem formadas. Pelo fato de se espalharem num denso gramado, a pensacola e a bermuda ainda dificultam o aparecimento de invasoras, sendo pastagens excelentes no controle da erosão. Como elas não têm crescimento cespitoso, o gado pode pastar sem muitos cuidados especiais de manejo. É preciso, entretanto, esperar para que seu estabelecimento chegue a fechar a área onde foram implantadas.

CAPIM ELEFANTE

No capim elefante o importante são os cortes consecutivos. Mesmo existindo abundância de outras pastagens, não se pode deixar de cortar o capim elefante a cada 30 dias aproximadamente. E que neste período, como explica o Sadi, o valor nutritivo do pasto terá alcançado seu ponto máximo. Depois disto ele começa a decair e se torna muito fibroso.

ALFAFA

O manejo de cortes da alfafa também influi bastante no rendimento de feno. Os trabalhos da pesquisa, e a própria experiência dos produtores, indicaram que os maiores rendimentos foram obtidos com cortes realizados quando as plantas apresentam de 10 a 20 por cento de florescimento. O corte deverá ser feito numa altura de 8 centímetros do solo, o que além de acelerar o rebrote, vai evitar que ele seja afetado por um corte realizado de maneira imprópria.

No agrado do bicharedo

Se desse para fazer uma pastagem só de capim bermuda, o seu Fiorindo Lenna — que tem 9,5 hectares no Salto, em Ijuí — garante que só plantava bermuda, de tanto que se encantou com a forrageira:

— Esta grama vem mesmo, e vale a pena.

E isto que foi recém no ano passado que ele plantou um saco de mudas que foi apanhar no CTC. E seu encanto se deve a suas coisas: o crescimento rápido, tomando conta em seguida de quase todo um piquete, e ainda do gosto do bicharedo em pastar neste capim. É o seu Lenna quem conta:

— Me impressionei com o que desenvolveu. Plantei em agosto do ano passado e ela fez "galho" de até três metros. E os bichos gostam tanto que vão por cima e até arrancam a raiz.

E isto que ele garante que pastagem não falta em sua propriedade, "que a gente também tinha milheto, pensacola, capim elefante, cana e também se planta aveia prá dar prá vacas".

Leite até que eles não produzem quantidade muito grande (são 28 a 30 litros por dia) e recém fazem dois anos que a família começou a fazer pastagem perene. O milheto e o capim elefante são produzidos há mais tempo.

A pensacola também é coisa recente na propriedade. Diz o seu Fiorindo:

— A pensacola o gado gosta, mas é vil, que se deixa o gado em cima antes de fechar

parelho ela não tem resistência. Deu para reparar que onde estava ralo e não tinha ainda enraizado bem, ficou umas manchas que morreu.

Outro pasto que ele acha bem bom é o capim elefante. Mesmo se não está faltando comida para os animais ele costuma dar cortes seguidos para evitar que o pasto fique fibroso:

— O lixento é só para matar a fome, que não fica pasto bom. Nós damos corte sempre e não deixamos ficar cana.

O PÂNICO AGRADOU

Como o leite acabou se tornando a principal atividade na propriedade de 87,5 hectares do seu Antonio Costa Beber, de Santa Lúcia, Ijuí, ele achou que estava na hora de investir em pastagem. Isto faz coisa de dois anos, quando ele plantou pela primeira vez milheto e também pensacola. Ano passado ele fez ainda quatro hectares de pânico e ainda um hectare de capim elefante. No todo, durante o verão, ele terá perto de 20 hectares com pastagem.

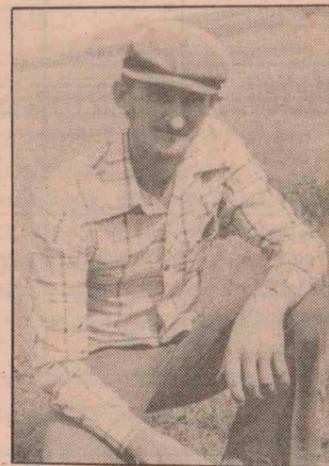
Mas também ele está com 22 vacas dando leite e contando ainda as novilhas e a terneirada, deve ter umas 40 cabeças para alimentar. Já para o inverno ele terá ainda azevém e aveia.

Ele tem se agrado bastante do pânico, "que as vacas gostam coisa muito séria. Até deixam do milheto por causa do pânico". A pensacola, que ele plantou há dois anos, não achou vantagem. E explica o porquê:

— Ela cresceu meio rala e também não achei de grande coisa. Ela quebra o galho faltando outras coisas. As vacas comem, mas acho que ajuda pouco para o leite.

Até há dois anos atrás o seu Antonio morava no povoado. Foi ao decidir entrar na produção do leite — "que as outras plantas tavam se arruinando" — que ele achou melhor ter casa na propriedade, prá poder cuidar de perto da lida. No povoado ele só tinha uma vaca, atada, alimentada no cocho:

— Aqui se vê a diferença. Na pastagem sai mais em conta e até dá mais leite.



Fiorindo Lenna: encantado com a bermuda



Antonio Costa Beber: na pastagem sai mais em conta e dá mais leite

BONIFICAÇÃO NÃO DEU PARA TODAS

O grande volume de sementes produzidas; o trabalho de beneficiamento; a comercialização e até a baixa qualidade de algumas culturas. Tudo isso influiu no atraso de mais ou menos um mês, para definição das bonificações das sementes de forrageiras da última safra. As bonificações começaram a ser creditadas no dia 21 de setembro, mas não vão atingir boa parte dos produtores. Na verdade, das culturas de inverno, só o trigo, a colza, as aveias branca e amarela e o centeio tiveram bonificação este ano, além do alho, cujos valores já haviam sido creditados em maio último.

Segundo o Cícero de Oliveira Júnior, coordenador de sementes na Cotrijuí, um fator puxou o outro para que houvesse o atraso na definição das bonificações e na avaliação final, que deixou a maior parte das forrageiras sem essa gratificação que sai sempre depois da comercialização das sementes. E o principal fator foi a grande quantidade de sementes recebidas, em função da própria importância que as alternativas de inverno vêm merecendo. Com isso, desde o recebimento até a comercialização das sementes, tudo pesou para que nem todas as culturas fossem bonificadas.

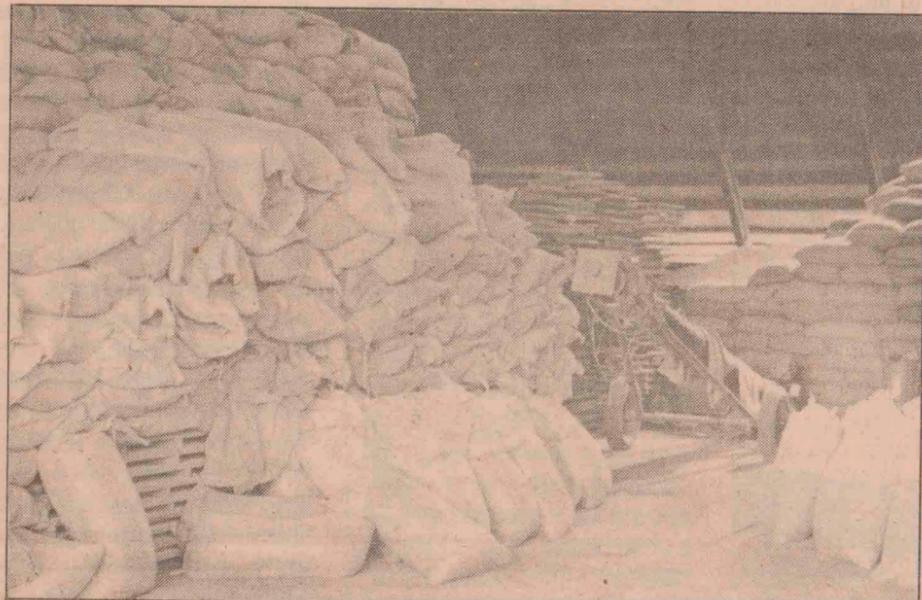
SEM COMÉRCIO

Foi isso o que aconteceu, por exemplo, com a aveia preta, que teve um volume recebido bem acima do que estava previsto. Foram 925 mil quilos, dos quais só 672 mil passaram pela aprovação do setor, e destes apenas 361 mil chegaram a ser comercializados como semente.

O resto fica em estoque, como lembra o Cícero, dizendo que a aveia preta serve bem de amostra das dificuldades que o setor teve para classificar, beneficiar e comercializar as sementes, mesmo porque essa cultura não tem um mercado muito favorável. A aveia preta não tem muitos compradores no "comércio", e por isso ficou só com os Cr\$ 14,00 por quilo, sem bonificação.

Essa é quase a mesma situação do azevém, que também apresentou um grande volume recebido, mas contou com a vantagem que a aveia preta não teve. O azevém, pelo menos, pode ser vendido para o comércio, que comprou mais de 110 mil quilos, dos 218 mil recebidos. O azevém teve, de qualquer forma, uma quebra de 56 por cento, com 67 mil quilos aprovados como semente, por causa de problemas de qualidade, como a baixa germinação. Assim, o produtor recebeu os Cr\$ 16,00 por quilo, pagos de adiantamento, e igualmente ficou sem bonificação.

O tremoço também teve um excesso de produção, se for considerada a estimativa e o mercado para colocação das sementes. A Cooperativa recebeu um milhão e 180 mil quilos, com um aproveitamento de 972 mil quilos. Segundo Cícero, o problema maior foi a baixa demanda, ou seja, aumentou o número de produtores que têm suas sementes próprias, e com isso caiu o número de compradores. Para o tremoço, o adiantamento havia sido de Cr\$ 15,00.



O clima influiu na baixa qualidade de algumas sementes

As culturas com resultado

A colza talvez seja a cultura de inverno que teve a melhor bonificação este ano. Das outras duas plantas, o trigo ficou também com um resultado final considerado razoável, e a linhaça não teve bonificação. A Cotrijuí tinha 177.200 sacas de trigo em disponibilidade, e destas 174.446 foram vendidas, com um aproveitamento de 98 por cento.

Foram aprovadas 131.447 sacas entregues pelos produtores, e adquiridas mais 44.435 sacas de terceiros, e 1.326 sacas de sementes básicas e revestidas de trigo, compradas da Embrapa. A colocação não enfrentou maiores problemas, mesmo porque só as sementes procedentes de Coronel Bicaco tiveram queda de qualidade, por causa da baixa germinação registrada no ano passado na área daquela unidade.

A bonificação para o trigo ficou em Cr\$ 113,00 por saca, com mais uma devolução de Cr\$ 14,36 de Funrural. O adiantamento dado dependia, é claro, da classificação

(PH), que define os valores variáveis de caso para caso.

PRIVILÉGIO

A colza ficou com uma bonificação de Cr\$ 13,00 por quilo. Foram recebidos 335.976 quilos, dos quais 97.294 tiveram aproveitamento como semente. Cícero ressalta que a colza foi privilegiada pela facilidade de colocação, pois a semente distribuída pela Cotrijuí é recomendada pelos órgãos oficiais. A venda para associados foi de 25.040 quilos; para terceiros, de 40.851; e para o comércio, de 157.880 quilos. Os associados pagaram este ano Cr\$ 50,00 pelo quilo de colza; e para terceiros os grãos foram vendidos a Cr\$ 73,00.

A linhaça, que ficou sem bonificação, teve 667.781 quilos entregues, com um aproveitamento de 88.850. A venda para associados chegou a 100 mil quilos; para terceiros, apenas 251 quilos; e para comércio, 435 mil quilos. O Cícero acha que, apesar de ter ficado sem bonificação, a linhaça já havia tido um bom adiantamento de Cr\$ 25,00 por quilo.

ADIANTAMENTO

O trevo vermelho foi a outra forrageira que ficou sem a bonificação, mas aí o Cícero ressalta um detalhe que considera importante. É que o adiantamento de Cr\$ 140,00 por quilo já havia sido razoável, segundo ele. Com isso, ele acredita que o próprio produtor estava até certo ponto satisfeito com o preço conseguido, e muitos não esperavam mesmo a gratificação. A Cooperativa recebeu 374 quilos de trevo vermelho, dos quais 250 foram aprovados, com a venda de todo o volume para os associados.

As aveias branca e amarela e o centeio mudam um pouco essa situação, e vão garantir algum retorno aos produtores. Todas as três ficaram com a mesma bonificação, de Cr\$ 1,96 por quilo, mais 30 centavos de devolução do Funrural, em função de estarem dentro dos mesmos critérios de cálculos, que se baseiam nos vários ítems das despesas internas para chegar ao preço final. Foram recebidas em torno de 1.300 toneladas das três culturas, com uma aprovação de 906 toneladas de sementes.

A quebra, nesse caso, foi de 30 por cento, e também é considerada um pouco alta pelo Cícero. Mas as aveias e o centeio têm um bom mercado no comércio, e por isso a bonificação até que ficou razoável, considerando-se, segundo o Cícero, a própria antecipação, que já havia sido de Cr\$ 11,84 por quilo. Essas três culturas tiveram uma venda de 779 toneladas para os associados; 47 toneladas para terceiros; e 244 toneladas para comércio.

COMO MELHORAR?

Depois de se concluir que a bonificação não atinge a maioria das culturas, é de se perguntar como essa situação pode mudar, como admite o Cícero. Segundo ele, é no caso das forrageiras que a bonificação exige alguns ajustes no sistema que está funcionando, pois essas sementes são as que mais envolvem a venda para terceiros. Isso quer dizer que o mercado pesa bastante, até se definir o preço final dos grãos e a gratificação.

Cícero entende que, muitas vezes, esse mercado não corresponde à expectativa que se cria em torno do preço final. É por isso que ele acha que o melhor mesmo seria fazer uma previsão de conclusão das vendas e anúncio das bonificações, considerando uma época provável, mas sem que se gere uma expectativa que às vezes pode ser frustrada. Se as vendas são dificultadas e acontece algum atraso, como ocorreu este ano, tudo isso já deve estar mais ou menos previsto.

Outro aspecto, para melhoria do sistema utilizado até agora, é o que se refere à própria seleção dessas sementes. O departamento técnico pretende trabalhar mais com as amostragens nas propriedades, principalmente quando forem identificadas as culturas mais problemáticas. Assim, vai acontecer que as sementes que não estiverem em perfeitas condições nem mesmo serão recebidas. Essa medida visa beneficiar quem realmente produz boas sementes, já que, na hora de repartir os resultados finais da comercialização, são distribuídos lucros e prejuízos.

NA ORDENHA TODO CAPRICHOS É POUCO

O que o produtor e até mesmo o freiteiro já andaram deixando de ganhar dinheiro, principalmente nos meses de verão, por causa da acidez no leite, quase nem tem conta. Mas se os prejuízos envolvem a produtores e freiteiros, as causas também devem ser atribuídas aos dois, já que é sabido que o processo de acidez no leite começa mesmo dentro da propriedade, na hora da ordenha — por descuidos ou falta de higiene — e se concretiza na demora da entrega do produto na usina de resfriamento.



Na ordenha mecânica os cuidados são redobrados

O leite não fica ácido ao acaso. A contaminação do ambiente, dos vasilhames, dos tetos das vacas, as altas temperaturas e o tempo muito grande entre a ordenha e a coleta de leite, são fatores que influem de maneira acentuada no processo de acidez do leite. E eles podem muito bem ser controlados, tanto pelos produtores como pelos freiteiros. "Tudo é uma questão de muito capricho e de conscientização", diz o Otaliz de Vargas Montardo, Coordenador do Setor de Pecuária Leiteira da Cotrijuí.

A CONTAMINAÇÃO

O primeiro passo para a acidez no leite é a contaminação, que acontece quase sempre dentro da propriedade, a partir do momento em que o leite sai do úbere da vaca. "Em condições normais, se a vaca estiver sadia", explica o Otaliz, "o leite não fica ácido dentro do úbere. A acidez só começa mesmo no momento da ordenha".

As causas da contaminação do leite vão longe e começam por coisas simples, muito fáceis de serem evitadas. Um pouco por falta de condições, outro pouco por descuido mesmo, o produtor não dá muita importância à higiene das vacas ou dos estábu-

los. Grande parte ainda se utiliza de baldes de água e um pedaço de pano para lavar os tetos das vacas. Além da água ficar suja, contaminando ainda mais o animal, a limpeza é mal feita. "O produtor mal passa um pano molhado pelos tetos das vacas e pensa que está bem limpo. Mas a higiene não é bem assim", diz o Otaliz.

O pior de tudo é a contaminação dos estábulos, por causa dos restos de esterco, de urina e de leite estragado que ficam depositados pelos cantos. O Otaliz lembra que o produtor precisa ter consciência de que os germes que causam a acidez no leite são bastante difundidos na natureza e se multiplicam muito mais rapidamente se estiverem em contato com a urina ou o esterco. Também contribuem para a multiplicação dos germes causadores da acidez no leite, os estábulos úmidos, escuros, poucos ventilados, com pouco sol e piso de madeira. "Um estábulo, no mínimo, deve possuir um piso de cimento e água corrente, o que não acontece com a maioria dos estábulos, que ainda apresentam péssimas condições".

MUITO CAPRICHOS

É bem nesta época, quando começa a chegar prô lado do verão, que o índice de acidez no leite começa a trazer grandes prejuízos. Os cuidados por parte do produtor devem ser redobrados. Vai ser preciso muito capricho, principalmente na limpeza do estábulo. O Otaliz recomenda uma lavagem diária com água corrente e uma boa escovada pra que não fiquem restos de esterco pelos cantos. Uma ou duas vezes por semana se faz necessária uma boa lavada com soda cáustica misturada na água. Agora, se acontecer do estábulo ter o piso de madeira, por mais que seja bem lavado, sempre vai ficar algum resto de esterco ou de urina no meio das tábuas.

A higiene da vaca na hora da ordenha também é importante para que o leite fique sadio. A lavagem dos tetos das vacas deve ser feita com água morna, sendo que a cada vaca, a água deve ser trocada, para que não aumente a contaminação. E muito menos se deve secar com toalhas de pano. Segundo o Otaliz, o melhor é usar toalhas de papel, uma para cada vaca, "ou então, deixar os tetos molhados". A contaminação assim é menor. Depois é tirar um jato de leite de cada teto e verificar se a vaca está livre de mastites. Tirar mais dois jatos de cada teto para prevenir de bactérias. Esses jatos devem ser tirados em vasilhas para que não fiquem espalhados pelo chão. Outro conselho do Otaliz: jamais coar o leite em pano, "pois por mais que eles estejam bem limpos, sempre estarão com alguma contaminação".

O ORDENHADOR

A higiene do ordenhador também conta muito no processo de acidez no leite. Em caso de ordenha manual, antes de cada tirada de leite, o ordenhador deve ter o cuidado de lavar as mãos com água e sabão. Mãos sujas podem levar a mastite de uma vaca doente para uma vaca sã. Se a ordenha for mecânica é bom, entre uma vaca e outra, dar uma lavada no aparelho com água corrente, sempre deixando a água circulando por alguns segundos dentro das teteiras. Os mesmos cuidados devem ser dados aos vasilhames que, logo após o uso, devem ser muito bem lavados com água e sabão, enxaguados com água quente e conservados de boca para baixo. Na hora de usar, dar mais uma enxaguada. Duas vezes por semana os tarros devem ser desinfetados com um produto conhecido pelo nome de DUP, ou então até mesmo com um desinfetante caseiro, assim como a "Q-boa", na base de 2 mililitros por um litro

Gramínea quando nasce esparrama pelo chão pra acabar com a brachiaria Surflan é a solução.

Surflan é o único herbicida que controla por completo o capim-marmelada ou o papuã, sem precisar ser associado a nenhum outro produto. E só Surflan funciona até a colheita.

Surflan líquido. O que era bom ficou melhor.



ELANCO

de água. Depois é só enxugar muito bem o tarro.

COLETA MAIS RÁPIDA

O tempo entre a ordenha e a coleta conta muito na acidez. Por natureza o leite tem um fator que controla e impede a multiplicação das bactérias por um período de meia hora, isso, se a vaca estiver com boa saúde. No inverno, por causa das temperaturas baixas, as bactérias não se multiplicam tão rapidamente e o leite leva mais tempo para estragar.

Esse problema pode se reduzir bastante, na medida em que o tempo de coleta for menor, "mas para isso é preciso que as linhas também sejam curtas". Diz o Otaliz que é só o caso do produtor procurar levar o leite até a estrada principal ou então incentivar e dar forças para a criação de plataformas coletivas, "numa maneira que beneficie a todos e que reduza ao máximo o tempo de coleta".

RESFRIANDO EM CASA

Além do tempo demorado demais da coleta do leite, as altas temperaturas, principalmente no verão, têm trazido grandes prejuízos para os produtores, pois é a partir dos 18 aos 30 graus que as bactérias mais se multiplicam dentro do leite. "As bactérias têm uma vida bastante curta, mas nestas condições, em questão de poucos minutos, se cria uma nova geração bacteriana".

Quem não quiser perder muito leite no verão, ainda mais se é tirado à tarde para ser entregue no outro dia, tem que apelar para congeladores ou resfriadores. Se a produção for abaixo de 100 litros diários, o leite até pode ser guardado dentro da geladeira, ou então, na falta de uma geladeira, o jeito é conservar o leite num sistema de água corrente natural, de algum riacho ou fonte. Ainda existem produtores que se utilizam desse sistema, "que não é 100 por cento eficiente, mas ajuda bastante", diz o Otaliz.

Um cuidado que o produtor deve levar em conta é o de não misturar um leite ainda morno, recém tirado, com um leite já resfriado. Só depois de umas três ou quatro remexidas, depois que ficou bem frio, é que se pode misturar os leites.

Coisas que se aprende

Lá na propriedade do seu Gentil Ferrazza, na Linha Maurício Cardoso, em Chiapetta, quem cuida das lidas do leite é a sua esposa, a dona Leonilda. É ela quem conta dos cuidados que tem na hora da ordenha, que hoje rende perto de 30 litros por dia:

— Nós levamos uma latinha com água limpa para o estábulo e lavamos bem os tetos das vacas com esta água, enxugando depois com as mãos. Quando se enxuga já se tira fora os primeiros jatos de leite.

Para a dona Leonilda é muito importante lavar os tetos das vacas antes da ordenha, embora os seus cuidados não fiquem por aí. Ela não costuma deixar as vacas presas no estábulo nem durante o dia nem à noite. Prende as vacas só pro caso de tirar o leite, e no resto do tempo o bicharedo fica sempre solto pelas pastagens.

— Aí, as vacas nunca ficam sujas. Mesmo que elas deitem no pasto, os tetos não ficam sujos demais. O negócio de deixar as vacas na estrebaria, ainda mais quando come bastante pasto, vira uma sujeira só.

Outro cuidado da dona Leonilda, é de conservar sempre bem limpo os vasilhames depois do uso. Lava tudo com água quente e sabão, enxugando com água bem quente e virando os baldes e as latas com a cabeça para baixo. É um cuidado que a dona Leonilda tem

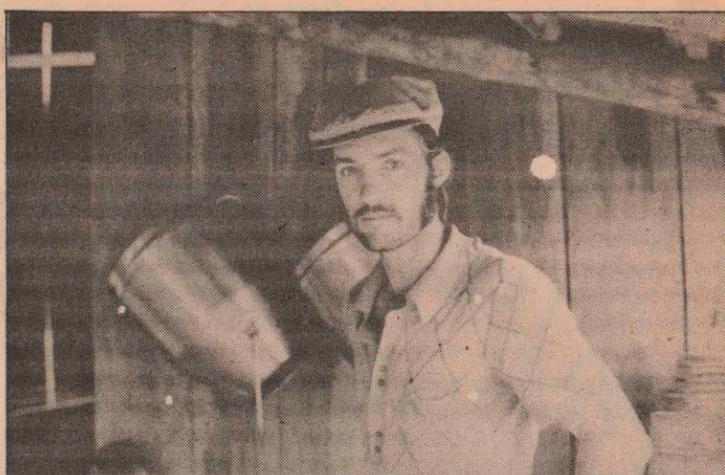
para evitar que qualquer sujeira venha a se depositar no interior dos vasilhames.

É PRECISO CAPRICHOS

O seu Oldemar Heberle, de Coronel Barros, parte do princípio de que de "nada adianta fazer coisas caras e bonitas, se não tiver capricho". Ele construiu o estábulo, com recursos próprios, coisa de um ano e meio atrás, usando inclusive madeirama velha. O chão é forrado, parte com concreto e parte com tijolo. Naquela época gastou com o estábulo perto de Cr\$ 50 mil.

Das 11 vacas, apenas sete estão produzindo leite. Ordenha quatro de vez, lava os tetos, faz o teste da acidez e dá umas duas tiradas antes de colocar a ordenhadeira. Os tetos das vacas são lavados com água morna. Tirado o leite, ele vai colocando num resfriador próprio e a cada cinco minutos dá uma boa mexida no tarro, com a tampa aberta, até esfriar bem para que não dê acidez. Outro sistema do seu Oldemar é de só colocar o leite no tarro depois de passar pelo coador.

Terminada a ordenha, ele lava o equipamento com um detergente especial e duas vezes por semana, usa também um germicida. O cano da ordenhadeira é lavado com água e a cada três meses é passado um germicida. O tarro, apesar de voltar limpo da CCGL, também é



Oldemar Heberle: faz tempo que não sei o que é ácido

lavado com um detergente e conservado de boca para baixo.

— O pessoal sempre diz que os tarros voltam limpos lá da CCGL, mas é preciso se precaver.

OS CUIDADOS

Mesmo quando não tinha um resfriador em casa, o seu Oldemar não se apertava e colocava o leite numa corrente d'água, e garante que não tinha problema nenhum, "pois tudo andava sempre bem limpinho". E mesmo depois que adquiriu um resfriador, os cuidados do seu Oldemar não diminuíram. É como ele conta:

— Cuido muito para não jogar o leite da manhã em cima do leite resfriado. Primeiro resfrio o leite novo prá depois colocar no mesmo tarro. Se misturar sem resfriar, dá acidez logo. Isso são coisas que aos poucos a gente vai aprendendo. Olha que já faz um bom tempo que não sei o que é leite ácido. O estábulo é lavado de



Leonilda Ferrazza: soltar as vacas

manhã e à noite, sempre com muito capricho, pois, segundo o seu Oldemar, uma limpeza diária evita o acúmulo de esterco pelos cantos, e na hora da ordenha está tudo limpinho e bem seco. Diz ele:

— Se a gente deixar acumular o esterco, junta muita mosca e dá mais serviço. O melhor é lavar sempre que for ocupado. O meu estábulo é simples, mas bem limpinho e arejado.

A limpeza é fundamental

Quem anda sempre às voltas com montagens de ordenhadeiras pela região de Ijuí é o técnico agrícola Pedro Pitol. É também o Pitol quem ensina o pessoal a lidar com as ordenhadeiras e a conservá-las sempre limpas. "A limpeza diária e cuidadosa da ordenhadeira mecânica é fundamental para a qualidade do produto, sanidade dos úberes das vacas e manutenção do equipamento", sempre aconselha o Pitol toda a vez que termina a montagem de uma ordenhadeira.

É claro que os cuidados não ficam só nesse conselho. Sempre que é usado o equipamento, é necessário fazer circular água fria pelos conjuntos de ordenha limpando assim os restos de leite. Depois é lavar a ordenhadeira com detergente, sempre colocando 50 gramas de detergente para cada 10 a 12 litros de água. Essa solução de detergente deverá circular por uns 10 a 15 minutos pelo conjunto da ordenha. O pessoal precisa ter muito cuidado para não usar esses detergentes comuns, muito usados nas limpezas de cozinha, ou então sabão de lavar roupa, pois são corrosi-

vos e estragam as borrachas da ordenhadeira em pouco tempo. O pessoal só deve usar aquele detergente recomendado pelo fabricante do equipamento", explica o técnico agrícola.

Feita a lavagem um outro passo é fazer circular água fria pelos conjuntos de ordenha, para retirar os restos de detergentes. Liça a ordenhadeira, o último passo é dar um banho com o germicida DUP, cuidando para deixar as teteiras e a central de leite de molho nesta solução até a ordenha seguinte. O DUP não tem segredo nenhum: basta apenas o produtor diluir meio envelope do germicida em cinco litros de água ou, então, um envelope inteiro em 10 litros. Diz o Pitol que o germicida serve para esterelizar as teteiras e também evita que as borrachas ressequem, já que ficam sempre de molho.

No mínimo uma vez por semana, o produtor deverá desmontar todo o conjunto de ordenha, para que as teteiras, central de leite e mangueiras sejam rigorosamente escovadas. As tubulações também devem ser lavadas de três em três meses ou, então, cada vez que entrar leite.

Sabe o que está faltando para este herbicida ficar perfeito?

Falta só misturar com o par dele.

Todo bom herbicida para milho fica ótimo quando você mistura com Atrazinax.

Alaclor*, Butilate** ou todo bom herbicida para milho forma um par perfeito com Atrazinax. Atrazinax amplia o número de ervas controladas, reforça a ação sobre as mais resistentes e aumenta o período de atuação. E o que é importante: a formulação de Atrazinax - flowable ou pó molhável - foi especialmente desenvolvida para ser compatível com todos eles. Experimente Atrazinax. Ele vai fazer uma dupla memorável com o seu herbicida preferido.

FABRIL ALTO LUM INDEPENDENTE ATIVO PREZZZIO NO BRASIL. RELAPRODUS, CNIA. Produto e embalagem licenciados. Empresa de...

*Cajul, marca registrada Monsanto. **Diazin, marca registrada Stauffer.

ESCRITÓRIOS REGIONAIS DE VENDAS: PORTO ALEGRE - RS - Rua Toledo da Silva, 267 - Fone: 0512201 - CEP: 91.000 - CURITIBA - PR - Rua Comendador Araújo, 141 - CEP: 81.101 - Fone: 0437991 - CEP: 81.000 - Fone: 236.6401 - CAMPINAS - SP - Av. Primeiro de Maio, 146 - Bloco B - Cx. 24 - Fone: 0191 92 - CEP: 13.100 - RECIFE - PE - BR 101, Km 11,5 - CEP: 51.100 - Fone: 0811307 - CEP: 50.000 - Fone: 429.1884 - GOIÂNIA - GO - Rua 27 - B - sudest - Sudest One - Fone: 226.422

Nome: _____ CPF: _____ Estado: _____
 Cidade: _____
 Endereço: _____
 (para receber boletim com informações técnicas)

Nome: _____ CPF: _____ Estado: _____
 Cidade: _____
 Endereço: _____
 (para receber boletim com informações técnicas)

JÁ NÃO SE FALA COMO ANTIGAMENTE

Vergine Maria Santíssima. Até pouco tempo atrás, os italianos mais alarmados poderiam se mostrar apavorados, assim mesmo, com uma de suas exclamações preferidas, ao constatarem que seus dialetos estavam começando a desaparecer. Hoje, são poucos os que ainda se alarmam. E não só os italianos devem estar mais acostumados com o fim das línguas trazidas pelos imigrantes. Todos os outros descendentes dos europeus sabem que isso irá acontecer, mais cedo ou mais tarde, e não só nessa região do Estado, mas também nas outras zonas de colonização.

O fim dos dialetos pode ser também o fim do pouco que ainda resta da cultura dos imigrantes. A comida, as danças, as músicas, as festas já não existem na sua forma "pura". Agora, é a vez das línguas começarem a definir, numa região onde chegou a se falar 19 idiomas. Alemães, austríacos, italianos, finlandeses, árabes, letos, suecos, poloneses e tantos outros grupos, que começaram a chegar a Ijuí pouco antes de 1890, quando o município nem existia, trouxeram esses dialetos. Cada um com a fala de sua região.

Pouco a pouco acomodados em núcleos, os imigrantes foram também se esparramando. Na região, ficaram os alemães, os italianos e os poloneses, que eram maioria, e poucas famílias de outros grupos. Foi isso que também aconteceu em outras zonas do Estado, como na região de Caxias do Sul, onde os italianos predominam; ou nos municípios ao redor de São Leopoldo, dominados pelos alemães.

DÁ PRA EVITAR?

Foi também assim que algumas línguas sobreviveram por mais tempo, de acordo com o número de famílias de cada grupo. Hoje, a situação é outra, e não basta ser maioria para preservar costumes. O professor Mário Osório Marques, um dos implantadores das faculdades de Ijuí, é quem diz que o desaparecimento dos dialetos vai acontecer de forma irreversível. Isso quer dizer que pouco resolve quer evitar o fim das falas dos imigrantes.

Quem vem acompanhando esse processo de extinção dos dialetos, sabe que evitar é realmente impossível. Tudo acontece muito devagar, e vai consumindo com muita coisa, como consumiu com o "Kolonista", um periódico polonês que foi o primeiro jornal de Ijuí. Como consumiu com

os grupos de danças, de canto. E como consumiu com o "Die Serra Post", o jornal alemão.

O "Die Serra Post" foi editado em língua alemã, de 1911 até o início da Primeira Grande Guerra, em 1914. O diretor do jornal, Roberto Löw, também um imigrante vindo da Checo-Eslováquia, teve que viajar à Europa, para comprar máquinas, e ficou lá mesmo, convocado pelo exército da Áustria. Quando voltou, em 1919, descobriu que o jornal estava sendo escrito em português, por sua mulher, dona Julia, e o filho, Ulrich Löw. A guerra obrigou o Die Serra Post a se "adequar" aos novos tempos, e depois o jornal alemão ressurgiria como suplemento do Correio Serrano, desaparecendo há uns quatro anos atrás.

"TE FECHO"

Os alemães também perderam os programas de rádio, as festas típicas. Mas conservam, pelo menos, os cultos em alemão das Igrejas Luterana e Batista, que são cada vez mais raros. O pastor Rudi Naldo Wehrmann, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, que atende 12 núcleos do interior, em Ijuí, reconhece que dificilmente aparece um jovem nessas cultos. O próprio Rudi tem de levar o programa dos cultos escrito, porque não se arrisca a improvisar em alemão.

É ele quem lembra das escolas particulares que ainda lecionam a língua na região, como o CEAP, de Ijuí, o mais antigo colégio do município. O pastor acha que o alemão deveria ser ensinado com o mesmo destaque do inglês na região. E isso poderia adiar o fim dos dialetos? Talvez não, se for lembrado — como diz o antropólogo Danilo Lazarotto — que o rádio e a televisão invadem a casa de qualquer um, e vão influenciando grandes e pequenos, a toda hora. Danilo, filho de descendentes italianos, casou com uma "brasileira", dona Maria Ivone, e admite que, se depender dele, nenhum dos dois filhos aprenderá a língua dos antepassados.

O antropólogo lembra ainda que além das "misturas" étnicas de grupos de vários países, até a Segunda Guerra aniquilou muito as línguas. Aniquilou tanto que, com a proibição de se falar "estrangeiro", quando o Brasil entrou no conflito, teve gente que "aportuguesou" os nomes. Outros, como um Tessaro, teriam inventado de traduzir o sobre-

nome, sempre que era preciso dizê-lo. O Tessaro teria passado a chamar-se "Te Fecho". Outro, de sobrenome Manara, descobriu que poderia ser transformado em Machado.

LIVROS QUEIMADOS

Mas isso talvez seja apenas folclore. O certo é que a repressão foi grande, muitos livros foram queimados, e até as cortinas das casas, com escrito em alemão ou italiano, eram rasgadas. O medo fez com que o pessoal "desaprendesse" em parte os dialetos. Mesmo assim, o professor Mário Osório Marques é quem conta que uns pesquisadores europeus andaram tempos atrás no Brasil, para estudar os dialetos e saber como se falava italiano lá na Itália no século passado.

É que aqui o dialeto parou no tempo, "ficou petrificado", como diz o professor. Foi por isso talvez que, não evoluindo, essas falas ficaram também longe da boca dos descendentes da quarta ou quinta geração dos imigrantes. Para o padre José Poszwa, da Matriz da Natividade, de Ijuí, as línguas não facilitam a expressão dos mais novos. Ele é polonês e há uns oito anos convive com comunidades do interior do município, onde percebe que as falas são limitadas. O professor Dinarte Belato, também de Ijuí, concorda que os dialetos não conseguem expressar situações novas que foram surgindo.

UMA PROPOSTA

Assim o pessoal vai deixando de falar alemão, italiano, polonês. O professor Mário Osório Marques acha que a situação pode ser triste para quem não queria que isso acontecesse, mas deve ser entendida como coisa prevista. Para ele, na verdade a cultura dos imigrantes não chega a desaparecer de fato, mas sim se incorpora a tantas outras formas de manifestação, que vão enriquecendo o que se pode chamar de "cultura brasileira".

Essa foi, aliás, uma proposta defendida nos fins dos anos 60 pelo historiador Martin Fischer, de Ijuí, durante um encontro de teuto-alemães que discutiam formas de preservar os costumes dos imigrantes, lá pros lados de São Leopoldo. Naquela época, Fischer, que já faleceu, provocou um alarma geral ao fazer a sugestão. Hoje, o professor Mário diz com certeza que é preferível que isso aconteça, ou seja, a aglutinação das culturas de todos os grupos, para que ninguém tente sobreviver como uma "minoridade agonizante".



Pastor Rudi Wehrmann: ensinar mais o alemão



Mário Osório Marques: o dialeto petrificado



O mais comum era rezar as missas só em dialeto



Danilo Lazarotto: influência do rádio e da TV



Padre José Poszwa: difícil para os mais novos

Pergunta em alemão, resposta em português

Foi mais ou menos há um ano que os meninos Cláudio e Ismael Wilhelm Drews inventaram de querer falar só em português. Cláudio, de sete anos, e Ismael, de cinco, praticamente deixaram o alemão de lado, e se apegaram ao "brasileiro" de um jeito que até contraria a família. Mas o pior não é só a contrariedade, mas uma advertência que a avó dos meninos, dona Frida, já fez aos dois: se eles "desaprenderem" de falar alemão, ela promete que não mais irá conversar com os netos.

Esse apego à língua é o resquício mais forte da herança que os imigrantes deixaram nas famílias Wilhelm, Drews e Ladwig, que convivem com outros tantos descendentes de alemães, em Augusto Pestana. Dona Anelori e seu Sigmar, os pais dos meninos, sempre conversaram no dialeto com os dois, mas hoje tudo é mais difícil. "A gente fala em alemão, e eles respondem em português", conta dona Anelori, lembrando que um pessoal da cidade, que andou fazendo umas obras na casa da família, um ano atrás, influenciou muito Cláudio e Ismael.

SÓ "BRASILEIRO"

De lá pra cá, os dois só querem falar "brasileiro", e quem mais sente com isso é a avó Frida, mãe de Sigmar, que gosta de conversar em alemão e pouco entende do português. Numa casa ao lado, na saída para Vila Jóia, onde moram os pais de dona Anelori, o casal Reinhold e Erna Wilhelm, outras duas pessoas da família nunca correram esse risco de desaprender o

dialeto. São as irmãs Helma Bertha e Hilda Ladwig, tias de dona Anelori.

Dona Helma perdeu a visão com nove anos, e dona Hilda já nasceu cega. Elas ouvem o dialeto desde pequenas, e essa é mesmo a única língua que conseguem falar, pois pouco safam de casa. Mas a cegueira nunca impediu que elas trabalhassem: até pouco tempo, as irmãs iam cedo para o estábulo tirar leite, cortavam lenha. Elas conhecem peça por peça de toda a casa, e transitam de um lado pra outro como se estivessem enxergando tudo pela frente.

Helma, que tem 61 anos, e Hilda, com 57, não aprenderam o português que Cláudio e Ismael já decoraram, mas fazem o que muita gente boa das vistas nunca conseguirá fazer. Há uns 40 anos as duas lidam com crochê, e Hilda contou esses dias que já passou das 170 colchas feitas por encomenda. Helma gosta de fazer trabalho mais curto, trocando seguido de modelo. Só com o tato da ponta dos dedos, elas descobrem o menor defeito no crochê, e não entregam nenhuma encomenda que não esteja perfeita.

"NÃO COMPREENDE"

Também em Augusto Pestana, na Sede Velha, dona Erna Maria Weber enfrenta uma situação parecida com as das irmãs Ladwig e a de dona Frida Drews. Dona Erna não sabe quase nada de português, e tem que falar usando bastante as mãos. Dona Erna recorda que, no tempo de moça, as amigas diziam que aprender português era a melhor coisa do mundo, porque as palavras são "mais curtas". Ela estudou até os 10 anos, mas não aprendeu



Erna Weber: falar usando as mãos

as crianças não entendem alemão, e só com gestos é que a avó e os netos conseguem conversar.

Dona Erna é viúva, tem 74 anos e mora com um dos filhos, o Bruno, que é solteiro. O outro filho, Emílio, reside em São Miguel, perto dali, e deu cinco netos à dona Erna. Quando a criança aparece, ela prefere conversar com o menor de todos, o Roberto, que tem seis anos, porque ele é o que fala mais alto. "Muita coisa não compreende nada", diz dona Erna, que repete seguido essa frase. Ela sabe que Emílio não ensina alemão às crianças.

Dona Erna recorda que, no tempo de moça, as amigas diziam que aprender português era a melhor coisa do mundo, porque as palavras são "mais curtas". Ela estudou até os 10 anos, mas não aprendeu



Os meninos só querem falar brasileiro



As irmãs Helma e Hilda Ladwig só conseguem falar alemão

SENCOR FUNCIONA SEMPRE MELHOR.



Rogério Martins 240 ha - Maringá - PR
"Você continuará usando Sencor, porque ele é o herbicida que tem dado o melhor resultado na minha lavoura"

João Lopes Guerreiro 484 ha - Maringá - PR
"Depois que passei a usar Sencor, não tive mais problemas com invasoras na soja"

Azir Costa Beber 880 ha - S.L. Gonzaga - RS
"Na região há um dos primeiros a usar Sencor e viu permanecer usando"

Abílio Magalhães 640 ha - S.L. Gonzaga - RS
"Sencor é uma necessidade porque mantém a lavoura limpa e aumenta meus lucros"

Carlos Roberto Pupim 1.432 ha - Maringá - PR
"Comecei com uma pequena área teste. Hoje uso Sencor nos 1.432 ha"

Francisco Narciso da Rocha 726 ha - Maringá - PR

"Cada um de nós tem uma história diferente para explicar os bons resultados que estamos conseguindo. Mas num ponto todos concordamos. Todos usamos Sencor e muita Assistência Técnica. Sempre que foi preciso a Bayer nos

O COMPADRE GARANTE E MUITA GENTE ASSINA EMBAIXO.

atendeu rapidamente, orientando para obtermos o perfeito funcionamento de Sencor. E conforme foi

crescendo a safra, cresceu também a amizade e confiança no produto e no agrônomo da Bayer. E por isso que hoje

a gente confia tanto neles. Tanto quanto se confia num compadre. Contra as invasoras da soja, use Sencor pó molhável ou líquido e abuse da Assistência Técnica. Você vai ficar muito mais confiante sabendo que tem um compadre cuidando da sua lavoura.



A AGONIA DOS DIALETOS

nada, porque o "brasileiro" não era ainda ensinado na escola. Só que dona Erna não se arrepende disso, pois conversa em alemão com a vizinhança, e só se atrapalha um pouco quando chega visita. Nesses casos, Bruno é quem se encarrega de esclarecer as coisas. Mas na hora em que fica braba, dona Erna dispensa ajuda, pois aí o português salta da boca, e ela enrola algumas palavras.

MEIO DESGOSTOSO

Em Ijuí, o seu Ricardo Cardinal ensinou muita gente a falar português, na época em que foi professor de uma escola em Alto da União. Ele parou de lecionar em 1938, e conta hoje que andava meio desgostoso. É que, segundo o seu Cardinal, muitas famílias mais antigas não gostavam muito das aulas em português. Estas só queriam que ele lecionasse alemão às crianças, e foi aí que o professor decidiu deixar o magistério, porque a língua portuguesa também era obrigatória.

Seu Cardinal está com 73 anos, e reside na Linha 3 Oeste. Ele recorda que o pai, José, veio com um ano e meio da Alemanha para o Brasil, e a mãe, dona Luísa, nasceu em Santa Cruz do Sul. Ele estudou até os 10 anos de idade, e com 27 já lecionava. "Eu já havia estudado um pouco de brasileiro, e depois comecei a assinar o *Correio Serrano*", conta o professor. Lendo o jornal, ele acha que pegou muita coisa do português, que consideravam uma língua "pesada", difícil.

UMA MEDALHA

Muitos livros, da época da escola, foram guardados por seu Cardinal, e há até uma ata que registra, em 1938, a entrega da Medalha do Estado Novo ao melhor aluno daquele ano, Ernesto Becker Cardinal, primo do professor e hoje viajante comercial em Ijuí. A medalha foi oferecida pela "autoridade municipal", num dia de prova, quando os testes de fim de ano eram acompanhados por uma comissão do município e pelos pais dos alunos.

Seu Cardinal só não conseguiu salvar uns livros alemães e até uma Bíblia, escondidos por seu pai num porão da casa, durante a Segunda Guerra. A água das chuvas, os ratos e o mofo acabaram com os livros. Hoje, o professor ainda lê alguma coisa em alemão, e de vez em quando escreve para um tio, que mora em Cerro Largo. Ele, que ensinava "na gramática", ainda tenta escrever corretamente, apesar de saber que "o alemão bem certo é quase impossível, como o português também é".

Polonês quando é só polaco

Na casa do seu Wenceslau Zientarski a língua falada até hoje é o polonês. Seu Wenceslau, com 84 anos, e sua esposa, dona Joana, de 83, formam um dos mais antigos casais de descendentes de poloneses de Ijuí. Eles moram na Linha Base Norte, onde, tiveram 9 filhos. Todos eles conservam o dialeto, e só entre as crianças é que a confusão ficou grande. Dos netos, quase nenhum conversa em polonês.

Na verdade, o dialeto se mantém na casa dos Zientarski principalmente por causa de dona Joana. Ela desistiu de tentar aprender português, porque achava que "já era meio tarde", como diz seu Wenceslau. E ele só começou a enrolar o "brasileiro" quando serviu ao Exército. "Eu servi nove meses e dei baixa. Paguei um para ficar no meu lugar. Depois, em 24, fui convocado de novo, e o prefeito quis me botar na cadeia porque atrasei pra me apresentar. Eu disse que esperava a convocação do ministro da Guerra, e não do prefeito".

Os pais de seu Wenceslau vieram "meio que escapando" da Polônia. Ele lembra que, no seu tempo de guri, as escolas eram mantidas pelas comunidades para ensinar polonês às crianças. E se recorda que durante a Segunda Guerra quase foi preso, "porque viram eu conversar com uma cunhada, e pensaram que se falava alemão". Outra lembrança de seu Wenceslau: "Quando o Prestes passou por aqui, os militares não reagiram. Se esconderam nuns matos, e só depois, quando o Prestes tinha entrado no Uruguai, é que eles saíram atrás".

PRA FAZER FOLIA

A família Przybitowicz, da Linha 1

Oeste, em Ijuí, também mantém o polonês até nas rezas. O casal Estanislau e Emília fez questão de ensinar a língua aos filhos desde o momento em que eles começaram a entender alguma coisa. Mas hoje, Célia, de 17 anos, Cláudia, de 15, e Ângelo, de 13, confessam que entre eles e na escola a fala é toda no português. "De vez em quando se fala polonês, só pra fazer folia e deixar a professora braba", conta Ângelo. Cláudia garante que também entre as meninas ali de perto e de Povoado Santana ninguém fala mais em polonês.

Dentro de casa é o dialeto que manda, "Dificilmente um se dirige pro outro em português, e na comunidade, quando não tem brasileiro no meio, só se fala polaco", diz seu Estanislau. O pai dele, seu João, assinava um jornal polonês de Curitiba, e por isso é que ele ficou conhecendo a língua "na gramática". Nas reuniões da Igreja, seu Estanislau não se sente envergonhado, quando não entende algo dito pelos padres poloneses Luís Gazda e José Poszwa: "Se não entendo, eu pergunto".

Ele acha que o Papa João Paulo II e a presença dos padres poloneses em Ijuí "são um estímulo para a gente". Tanto que seu Estanislau viajou até Curitiba, no ano passado, para receber o Papa. Mas ele acha que não deve se exagerar, ensinando só polonês aos filhos "pra que a gente se sintam mais polaco". Para o agricultor, "foi um erro muitas famílias terem falado sempre só polonês dentro de casa, pois eu mesmo sofri quando fui pra escola. O professor Severino Kusiak, que ainda mora em Povoado Santana, às vezes tinha que falar polaco pra que as crianças entendessem direito".



A família Przybitowicz mantém o polonês até nas rezas

Inventando o namorowališmy

Depois de tanto tempo de convivência com o português, seu Wenceslau e dona Joana Zientarski ainda conseguem destrinchar o polonês. As frases saem truncadas, faltam palavras, mas saem. O padre José Poszwa ouviu uma conversa dos dois, e admite que o dialeto deles "está misturado com o português".

Nessa conversa, o casal falou dos tempos do namoro, quando ela disse: "Tu eras mesmo trabalhador. A gente trabalhou bastante. Vivemos bem, sem discussões, sem brigas, sempre em paz. Criamos nove filhos, educamos bem todos eles. Hoje, eles levam uma vida boa. Todos se respeitam. Visitam a gente, e é bom assim".

— E como é que a gente namorava? — pergunta seu Wenceslau.

— Tu só uma vez vieste na minha casa — respondeu ela.

— Mas eu te enxergava todos os dias, quando tu pulavas nas montanhas perto de casa.

O padre José notou que o casal "inventou" uma palavra polonesa para lembrar o namoro, usando o português. "Namorowališmy", disseram eles, para contar que "a gente namorava". É que nenhum deles deve saber que namoro também tem uma palavra polonesa com o mesmo significado. Uma palavra difícil de se escrever e dizer: "narzeczeństwo".

O padre também traduziu esse trecho da conversa, dito por seu Wenceslau: "Dividimos a terra entre os filhos. Cada um recebeu parte dele. Um pouco deixamos para nós. Vivemos muito bem. Tudo ia bem. Nunca nós discutimos entre nós, nunca brigamos. A paz é mais importante".



Joana e Wenceslau Zientarski: dialeto misturado

O "austríaco" esquecido



Dona Leopoldina Prauchner, os filhos, dois genros e uma nora

A mistura de "raças" já é grande, mas a Linha 6 Leste, em Ijuí, ainda conserva unida a única comunidade de descendentes de austríacos do município, e possivelmente uma das últimas da região. Também ali reside a mais antiga remanescente desse grupo, dona Leopoldina Puchner Prauchner com 88 anos, oito filhos (dois falecidos) e muitos netos e bisnetos. Os Prauchner estão chegando agora à quinta geração, praticamente esquecidos do dialeto que os mais de 10 grupos de famílias de austríacos falavam no início da colonização.

Dona Leopoldina perdeu o marido, Guilherme, há 10 anos, e desde então conversa com os filhos praticamente só em português. Ela mesma admite que assim fica mais fácil, porque o dialeto "é mais pesado". Os filhos seguem o mesmo caminho, principalmente porque terminaram casando com descendentes de outros grupos. João casou com uma alemã; Willy (já falecido) com uma italiana; Teresa e Roberto também com filhos de italianos; e Carlos com polonesa. Só Alfredo casou com austríaca.

Carlos lembra que só fala austríaco de vez em quando com os irmãos, mas assim como a conversa inicia no dialeto, logo termina e passa para o português. Os três filhos sabem dizer apenas algumas palavras da língua dos avós, que é na verdade mais um dialeto germânico, parecido com os tantos dialetos alemães trazidos pelos imigrantes para o Brasil. Remi, que tem 22 anos, acha o dialeto muito parecido com o inglês.

Ari Garzella, outro neto de dona Leopoldina, também nada sabe de austríaco. Mas conhece algumas histórias da comunidade, como a visita do Kaiser von Oesterreich, Franz Josef, registrada com uma fotografia que o salão da Sociedade Esportiva e Recreativa 12 de Outubro conserva até hoje. Segundo ele, a foto do Kaiser esteve escondida durante a Segunda Guerra, e depois voltou à parede do clube. O retrato tem a data de 1910 e está bem em frente a outra fotografia, de Getúlio Vargas. São lembranças que a comunidade guarda, enquanto as famílias se misturam ou vão embora e o dialeto desaparece.

Contando nos dedos os que sabem italiano

A memória falhou

O seu Anselmo Bandeira, da Linha 26 Norte, em Ajuricaba, tem uma certeza: a Segunda Guerra ajudou bastante a acabar com os dialetos. Ele tem 60 anos, é filho de pai italiano, o seu João Bandeira, e de mãe alemã, a dona Bárbara Martini Bandeira, os dois falecidos. Teve 18 irmãos, mas hoje só existem seis; 11 filhos; e já conta com 19 netos. Destes filhos e netos, conta nos dedos os que sabem alguma coisa de italiano.

Apesar da mãe alemã, foi sempre o dialeto italiano que prevaleceu na família do seu Anselmo. É que dona Bárbara acompanhava seu João nas conversas, e só de vez em quando o alemão era usado. Quando estourou a guerra, e depois veio a proibição de se falar "estrangeiro", a língua alemã foi esquecida, e hoje seu Anselmo só consegue arranhar alguma coisa quando está na farra, em alguma festa.

— Sacramento, que se falava alemão. Eu falava bem, e por modo disto, da guerra, fui perdendo. Hoje não pode se compreender quase nada de alemão.

ENTRA E SAI ALEMÃO

Para ele, a guerra provocou muitas "bobageiras", como as prisões. "Mas de que servia prender um alemão, se ele entrava alemão e saía de lá alemão?", se pergunta seu Anselmo. Ele mesmo até desafiava os tais "quarteron", os responsáveis pela administração das comunidades naquela época, e que na guerra faziam a repressão a

alemães e italianos. "Eu falava italiano em toda parte, só pra provocar, e nunca me aconteceu nada".

Dona Verônica, esposa do seu Anselmo, também é descendente de italianos, e lembra que o que se fazia no tempo da guerra "era um banditismo". O casal fala o dialeto em casa, inclusive com os filhos, mas quase nunca espera uma resposta em italiano. "Eles ouvem em italiano e respondem em português". O mais interessado é Gentil, que tem 36 anos e casou com Helena, uma descendente de húngaros. Gentil quer que os cinco filhos aprendam um pouco do dialeto, "pelo menos pra se defenderem".

Além de ensinar as crianças, ele terá que explicar que um dia os Bandeira se chamaram Bandiera. O nome da família foi "aportuguesado", antes mesmo da Segunda Guerra, mas seu Anselmo não sabe dizer de quem foi essa ordem. Só o avô dele, que também se chamava João, usou o sobrenome Bandiera até morrer, porque o pai já havia trocado para Bandeira no tempo de moço.

QUEM SABE MAIS?

Na Linha 4 Leste, em Ijuí, um casal de descendentes de italianos acha engraçado que ainda exista tanta gente preocupada em conservar os dialetos. Seu Francisco e dona Ondina Amorim Coracini falam "brasileiro" "desde novo", e não se preocu-

pam muito com isso. "Tem italiano teimoso, que não deixa de querer falar italiano", diz dona Ondina, que está com 74 anos. Seu Francisco, que tem 83 anos, concorda com ela.

Dona Ondina foi criada pelos avós Luís e Jacinta Bergoli. "Ele, meu avô, lutou na guerra do Garibaldi, e minha avó costurava pra fora. Foi assim que eu comeci a aprender brasileiro, porque os fregueses eram brasileiros". Às vezes, o casal ainda inventa de falar o dialeto, e aí a briga é parelha. Ela acha que fala melhor que ele, e ele acha que entende italiano melhor que ela. "Se quero — diz dona Ondina — eu falo muito melhor que ele. Ninguém me logra em italiano".

Os Coracini tiveram cinco filhos, "e uma porção de netos", mas nenhum deles fala italiano. "Alguma coisa eles entendem, mas falar não falam", diz dona Ondina. Segundo ela, é assim mesmo que deve ser: "Nós estamos no Brasil, não estamos na Itália. Somos brasileiros até morrer". O neto Luís Renato Holzschuh não arranha nem no italiano, nem no alemão, apesar do pai ser descendente de alemães. Luís tem 23 anos e estudou oito anos de alemão no CEAP (Colégio Evangélico Augusto Pestana), de Ijuí. Mas ele se conforma: "Nem meu pai sabe alemão".

Dona Ondina Amorim Coracini, a moradora da Linha 4 Leste, em Ijuí, esqueceu mesmo muita coisa do dialeto italiano que aprendeu com seus avós. Ela mesma admite isso, e o professor Dinarte Belato, que conhece vários dialetos italianos, concorda que dona Ondina maneja muito melhor o português. Ele deu uma olhada numa fita gravada por ela, e notou que dona Ondina corre bastante ao "brasileiro", porque boa parte do dialeto se apagou da memória.

O professor escreveu a fala de dona Ondina, e depois fez a tradução para o português. Nessa fala, dá para notar que ela tem dificuldade para dizer o que pensa em italiano. Abaixo, a conversa que ele ouviu, escrita bem como ela falou, e depois a tradução feita por Dinarte, que também é descendente de imigrantes italianos:

A FALA

1) Mi son di provincia di Mantua, in Italia. 2) Quanto i vegnesti in tel Brasil . . . quaranta germi e quaranta notte in tel mar. 3) Noantri i zê vegnesti da Italia con dodize ano. 4) Me madre lê vegnesta de la Italia con dodize anni. 5) Quan i é vegnesti i é andadi in Silveira Martin e doppo i é vignesti in Ijuí . . . e doppo i é andali in te la Italia. 6) El re el gá dê passagem de graza al Bergoli que servi com Garibaldi. 7) E doppo i é tornadi nella Italia denovo. 8) E me fioi non gá impará parlar in italiano, son in brasileiro. 9) Mi lassá di parlar italiano. . . sol brasileiro, que son brasileira nascida in tel Brasile, e me padre lê Minori Gomes de Amorim.

A TRADUÇÃO

1) Eu sou da província de Mantua, na Itália. 2) Quando vieram ao Brasil . . . quarenta dias e quarenta noites de mar. 3) Nós viemos da Itália com doze anos. 4) Minha mãe veio da Itália com doze anos. 5) Quando vieram, foram a Silveira Martins e depois vieram a Ijuí. . . e depois voltaram a Itália. 6) O rei deu passagem de graça a Bergoli (o avô), que serviu com Garibaldi. 7) E depois voltaram a Itália. 8) Meus filhos não aprenderam a falar italiano, só brasileiro. 9) Deixei de falar italiano. . . só brasileiro, porque sou brasileira, nascida no Brasil, e meu pai é Minori Gomes de Amorim.



Anselmo Bandeira e a família: o dialeto é falado em casa



Francisco e Ondina Coracini: brasileiros até morrer

O alemão do professor Cardinal



O professor Cardinal e seus alunos de Alto da União em 1938

DER SCHUPEN

Nahe des Hauses ist der Schuppen. Der Schuppen ist von Holz. Das Dach ist von Schindel. In dem Schuppen ist Mais, Kartoffel, Kleeheu, Maisstroh. Im Schuppen ist auch der Karren und Wagen. In Einer Ecke ist der Pflug, die Schaufel und die Hacke.

O GALPÃO

Perto da casa está o galpão. O galpão é de madeira. O telhado é de tabolitas. No galpão estão milho, alfafa, batatas e palha. No galpão também estão a carroça e a carréta. Num canto estão o arrado, a pá e a enxada.

Ricardo Cardinal foi mesmo um bom professor de alemão e português? Os alunos do seu Cardinal estão espalhados pelo Rio Grande, e muitos devem andar bem longe de Ijuí. Mas o testemunho dos ex-alunos pode ser dispensado, pois ele guardou as anotações de seu tempo na escola de Alto da União, e alguns desses escritos servem de amostra do alemão e do português que ele escrevia naquela época.

A composição "O Galpão" (veja ao lado) é de 1938, e foi utilizada por seu Cardinal para que as crianças aprendessem português. Ele passava o texto em alemão, e depois mostrava a tradução em português. Segundo dona Elinor Prondzynski, chefe da biblioteca da Fidene, em Ijuí, que deu uma olhada nos escritos, o professor ensinava mesmo de acordo com a gramática, e cometeu poucos erros ao escrever "Der Schuppen".

Seu Cardinal errou só na concordância, como mostram as palavras destacadas no texto. "Schindel" está no singular, e deveria estar no plural, que é "shindeln" (tabolitas ou tábuas pequenas). Nos outros casos, ele escreveu "ist" (está), ao invés de "sind" (estão), como seria o certo. E "kartoffel" (batata) também deveria estar no plural, "kartoffeln".

Ao escrever o texto em português, ele cometeu outros errinhos. Carreta não tem acento na letra "e"; arado é com um "r" só; a letra "a", antes da pá, também

não deveria ter acento; e enxada ele pensou em escrever com "ch", mas deixou só o "h". E a palavra "tabolita", que dá uma idéia de tábua ou pequenos pedaços de madeira, não existe no português. Mas aí, antes mesmo de se dizer que seu Cardinal cometeu um erro, tem que se admitir que ele foi criativo, ao inventar uma palavra para poder traduzir da melhor forma o texto. Na verdade, todos os dias os brasileiros estão inventando palavras.

SERIGOTE

Foi de uma dessas invenções que surgiu a denominação para um arreio utilizado pelos gaúchos, o serigote, e tudo por causa da influência exercida pelos alemães. O historiador Aurélio Porto é quem conta que na região de São Leopoldo, onde havia muitos seleiros (fabricantes de selas para montarias), os alemães insistiam em dizer que esse tipo de arreio era muito bom. "Das ist sehr gut", diziam eles, e os "brasileiros" logo juntaram as palavras "sehr gut" e transformaram numa só.

Os alemães também ajudaram a criar outras palavras que hoje constam até dos dicionários, como chibo, que significa contrabando. Os moradores das zonas da fronteira gaúcha não devem suspeitar que os chibeiros (contrabandistas) devem aos alemães esse apelido. O professor Walter Frantz, de Ijuí, descobriu que chibo surgiu de "schieben", uma palavra que quer dizer mais ou menos "passar para o outro lado".

ATRÁS DE FILHOTES PARA INICIAR A PRODUÇÃO

Uma pergunta que muito produtor se faz na hora em que pensa em iniciar uma criação de peixes é exatamente onde conseguir os filhotes de peixes para dar a arrancada no seu projeto.

"O modo mais simples é o próprio produtor produzir seus alevinos, que é como são chamados os filhotes de peixe", explica o Nilo Rubem Leal da Silva, engenheiro florestal, que é o técnico mais envolvido com a piscicultura dentro da Cotrijuí.

Se este é o modo mais simples, não pode ser considerado o melhor, segundo a opinião do Nilo. É ele quem explica que o

normal seria conseguir estes filhotes através de alguma estação de piscicultura, onde são produzidos alevinos de melhor qualidade:

— Uma estação de piscicultura visa melhorar as características dos peixes, como reduzir o número de escamas, maior produção de alevinos por ano, maior rendimento de carne por hectare de açude e até mesmo aumentar a quali-

dade da carne.

O único problema é que não existe nenhuma estação de piscicultura aqui pelas redondezas da Região Pioneira de atuação da Cotrijuí. A própria cooperativa já está encaminhando junto ao BNCC (Banco Nacional de Crédito Cooperativo), um projeto para a construção de uma estação no CTC (Centro de Treinamento Cotrijuí). Mas como se sabe, es-

tes projetos são bastante demorados até vir a aprovação e liberação de verbas. Desta forma, ainda vai custar um pouco para que se produza alevinos de qualidade através da Cooperativa.

PRODUÇÃO ESTRUTURADA

O que tem acontecido normalmente com os associados que constroem açudes e iniciam seu povoamento, é conseguir os alevinos junto a outros produtores já dedicados há mais tempo a esta atividade. Em outras situações também acontece do produtor produzir seus alevinos. Só que neste caso é preciso fazer um açude já de acordo para isto. Quem fala é o Nilo:

— A maioria dos associados que inicia uma criação de peixes vai procurar com outros produtores estes filhotes. Normalmente quem produz alevinos para vender, já é um produtor mais estruturado, que possui de três a quatro açudes e reserva um especialmente para o acasalamento. O melhor é fazer o acasalamento em açudes pequenos, onde é mais fácil pegar os filhotes, sendo ainda mais rápido de esvaziar.

Para os produtores que preferem fazer no seu próprio açude este acasalamento, o Nilo tem uma porção de sugestões para dar. A primeira é preparar bem o solo do açude, colocando esterco e calcáreo, da mesma forma como se fosse preparar uma lavoura:

— Esta correção do solo do açude visa a fertilidade da terra e principalmente a correção da acidez, o que vai possibilitar uma água fértil e mais apropriada para a criação.

ÉPOCA DE ACASALAMENTO

A primavera é a época

de encher de água a área preparada para açude, colocando aí os peixes já meio criados ou então os alevinos. Nesta época é meio difícil de achar alevinos, pois a primavera é exatamente o período de acasalamento dos peixes, quando as matrizes começam a desovar. Fala o Nilo:

— A minha recomendação seria os associados colocarem os peixes já adultos, de um quilo em diante de peso, o que já dá um bom volume de ovos. Deste jeito os próprios produtores produzirão alevinos já bem adaptados naquele ambiente de seu açude. Podem botar uma média de 50 a 100 peixes por cada hectare de açude.

Mesmo sendo bastante difícil de diferenciar o peixe macho do peixe fêmea, a proporção ideal é colocar dois machos para cada fêmea. A única forma de reconhecer o que é macho e o que é fêmea é dar uma controlada na barriga dos peixes, que nesta época as fêmeas parecem mais inchadas, pois seus ovários estão cheios de ovos.

Para facilitar a fertilização dos ovos, o Nilo ainda recomenda que se tenha açudes com bastante vegetação ao redor, principalmente nas partes mais rasas. Esta vegetação pode ser o próprio capim nativo ou plantas aquáticas. Para quem tem problema de açude muito limpo, ele sugere jogar algumas folhas de coqueiro ou bananeira na água. É que o peixe fêmea desova no capim das beiradas de açude e depois vem o macho largando por cima o seu esperma. Só que a desova apenas se dará caso existir um ambiente propício para o ovo se alojar e permanecer durante o período de fecundação até sua eclosão, quando nascerão os alevinos.



Os alevinos podem ser produzidos no próprio açude. Bastam alguns cuidados

UMA APLICAÇÃO DE PRIMEXTRA VALE ATÉ POR 4 CAPINAS.



**E o mato
nem aparece no milharal.
E enquanto você descansa,
seu milho cresce, cresce,
cresce...**



PRIMEXTRA
O herbicida para milho.

CIBA—GEIGY

COTRIJORNAL

Controle no acasalamento

O ideal seria poder contar com alevinos de qualidade, que através de uma estação de piscicultura poderiam ser melhorados pelo controle direto do acasalamento dos peixes. É que num açude grande não existe maneira de se acompanhar de perto o desenvolvimento dos animais, e muito menos de fazer os cruzamentos que possibilitem um melhoramento de qualidade dos peixes produzidos. Isto se torna bem mais fácil numa estação, pois ali, em pequenos tanques, se cria as condições ideais para a produção de alevinos.

Isto tudo quem conta é o Nilo, ao comentar que os alevinos produzidos a nível de propriedade geralmente vão perdendo qualidade com o passar do tempo:

— As matrizes dos açudes comerciais ou de produção vão se refinando pelo cruzamento com outros peixes da mesma família. Este refinamento é a

perda de seu vigor em termos de quantidade de filhotes produzidos num ano, e principalmente no crescimento em peso e tamanho dos peixes e assim por diante, pois não existe controle de acasalamento.

E isto o Nilo comprova lembrando que para se conseguir um peixe de um quilo, que é um tamanho comercialmente recomendado, é coisa que se leva até dois anos:

— Isto se verifica pelo refinamento e perda do vigor do material genético das matrizes que temos hoje em dia. É claro que também a alimentação que é dada aos peixes influi bastante, mas inclusive a qualidade do animal impede um crescimento mais rápido. Se tivermos matrizes melhoradas, em um ano de crescimento conseguimos até 1,5 quilos de peso, contando naturalmente com o auxílio de uma boa alimentação, um bom fluxo d'água e ainda uma boa fertilidade da água.

O homem dos peixes

É assim, pelo menos que o seu Walter Berbaum, produtor na Linha 4 Oeste, em Ijuí, sabe que é conhecido por muita gente da região:

— Às vezes nem sabem o meu nome e me acham só de perguntar pelo homem dos peixes.

É que o seu Walter faz 20 anos que tem açude e quase este tempo também que se dedica à produção de alevinos. Ele é um dos poucos produtores da região que organizou sua propriedade também tendo na piscicultura uma atividade importante. Dos seus 37,5 hectares de terra, quatro são tomados por água que ele dividiu em quatro açudes:

— Era bem na terra de banhado que eu pensei em aproveitar para criar peixes. Era um lugar inútil para as plantas e então, aos poucos, fui aumentando os açudes.

É ele quem conta que para produzir os filhotes tem que reservar um açude pequeno para a desova e manter mais um outro maior para a criação:

— É bom ter tudo como é preciso, com arvoredo de fruta por volta, que a fruta sempre já é uma mãozinha para os peixes. Tem que cuidar para plantar as árvores no lado Sul, que tem que deixar um espaço para bater sol. Também é bom ter grama assim que entra um pedaço na taipa, que ali os peixes vão desovar.

AS DICAS DA PRODUÇÃO

A criação de alevinos é coisa um pouco enjoada no entender do seu Walter, "pois a maioria é no inverno que reproduz e se dá um frio, em poucas

horas pode acabar com tudo". Outro problema, bastante perigoso até, é a questão dos venenos. Basta um vizinho fazer uma aplicação nas redondezas e contaminar a água que vai para o açude para o produtor de peixes ter prejuízo:

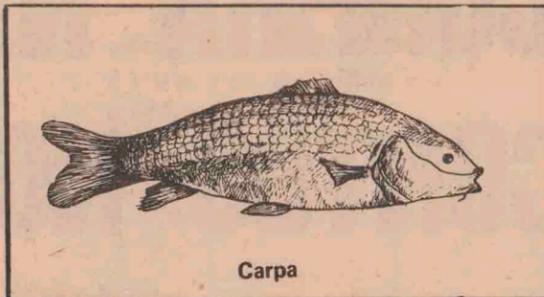
— Ano passado tive este problema e perdi uns Cr\$ 70 mil com os alevinos e peixes grandes que me morreram. Este ano eu perdi mais uns 13 mil alevinos, que deu uma doença — tipo umas pipocas — e me morreu muito filhote. O prejuízo é fácil de ver: a Cr\$ 5,00 cada alevino, perdi Cr\$ 65 mil.

O seu Walter ainda lembra que para a produção de alevinos o açude deve ser limpo de lambari e traíra, que são espécies que comem tanto os filhotes como os ovos. Outro cuidado é ter água em abundância, com um pouco de limo na superfície, "mas também não demais, que senão a água fica choca e os peixes não podem respirar".



Walter Berbaum: 20 anos criando peixes

As espécies para escolher



Carpa

A carpa é o peixe mais comum nos açudes da região. É uma espécie bastante fácil de manter, pois se alimenta de qualquer coisa que encontra pela frente: terra, esterco, milho, resíduos e assim vai. Para evitar que a sua carne adquira um certo sabor desagradável se recomenda alimentação abundante, em cochões dentro d'água, de preferência deixando de dar esterco uns 30 a 60 dias antes de sua comercialização. A carpa produz bastante, chegando até a 10 mil quilos de carne por hectare de açude quando em criação intensiva. Ela só tem um inconveniente: crescimento desparelho. Ao se abrir um açude as carpas da mesma idade não têm todas o mesmo tamanho.

A tilápia já foi um peixe bastante comum que está começando a desaparecer porque morre pelo frio e pelo seu pequeno desenvolvimento. Ela é uma espécie que não aprovou na região e está sendo substituída pela nilótica, que apresenta um crescimento melhor e resistência ao frio. Esta nilótica come basicamente as mesmas coisas que a carpa. Só o



Nilótica

que ela refuga é a grama que existe por volta dos açudes. A sua carne é de boa qualidade.

A traíra já é uma espécie carnívora, que se alimenta exatamente de outros peixes que existem dentro do açude. Ela também come outros resíduos, mas se não existir alimento à vontade ela vai atacar as outras espécies. A traíra é bastante apreciada pelo sabor de sua carne, apesar do seu grande número de espinhas.

Já o jundiá é uma espécie de peixe de couro, sem escamas. Ele se alimenta também de esterco, resíduos, milho, etc, se recomenda sua criação em açudes separados das traíras, no de reprodução das carpas e não no de crescimento. O jundiá também é um peixe de carne saborosa, só que de reprodução relativamente baixa.

Outro peixe característico da região é o cascudo, que se alimenta de tudo quanto é resíduo. Desta espécie não existe nenhuma pesquisa sobre rendimento de sua produção. O que se sabe é que é um peixe que costuma furar as taipas.

AMOSTRA GRÁTIS.

Aqui uma pequena amostra de que Lexone L+graminicida é o sistema mais econômico para o controle das ervas daninhas da soja.



WILMAR ARAMIS KAERCHER
Monte Alvão, Município de Chiapeta, RS.

"A gente pode constatar a economia do Lexone L porque, sendo líquido, ele não se perde dentro do pulverizador; ele é todo aproveitado. Tenho usado a dosagem de 700 ml por hectare. Com isso, além da economia por área, tenho feito também economia de mão-de-obra, desviando-a para outras atividades. E com Lexone eu não dependo de períodos críticos para a aplicação, como acontece - vamos dizer - com outros herbicidas.

O resultado é que minha produtividade aumentou e ainda economizei mão-de-obra."



JOÃO FRANCISCO PASQUALOTTO
Granja Japépó, Município de Júlio de Castilho, RS.

"O Lexone L pra mim é um grande produto. Eu já tinha usado o Lexone em pó, mas o Lexone L, devido ao fato de ser líquido, não entope bico, é mais fácil de preparar e usado com outro produto parece que ele mistura mais; eu notei isso. Lexone L é um produto eficiente, seguro e permite uma dosificação exata. Lexone L pra mim não se torna caro porque, se vai analisar preço de capina ou comparar também com outros produtos, eu acho que ele tá dentro dos padrões de preço de herbicidas."



EDSON LOURENÇO DE ARAUJO
Granja Nova Esperança, Cruz Alta, RS.

"A aplicação de Lexone L facilita o manuseio, principalmente. Acaba com o problema de mão-de-obra que a gente tem aqui no campo. E como Lexone é líquido, ele facilita a mistura. Acho a sua formulação um avanço da tecnologia. Tenho usado uma base de 700 ml por hectare, em toda a lavoura.

E ele controla as ervas daninhas, principalmente a guanxuma, que é o maior problema que eu tenho aqui. Gosto de Lexone L porque não gosto de arriscar na lavoura."



Lexone é marca registrada da Du Pont.



O primeiro metribuzin líquido do Brasil.



OLHE E CONFIRA NAS NOTAS OS DESCONTOS NO SEU TRIGO

PESO POR HECTOLITRO	PREÇO Cr\$/ton
84	30.253,30
83	29.953,30
82	29.656,70
81	29.363,30
80	29.073,30
79	28.785,00
78	28.500,00
77	28.215,00
76	27.933,30
75	27.653,30
74	27.376,70
73	27.103,30
72	26.831,70
71	26.563,30
70	26.298,30
69	25.640,00
68	25.000,00
67	24.375,00
66	23.765,00
65	23.171,00
64	22.591,70

A maior alteração nas normas de recebimento de trigo para esta safra ficam por conta de uma portaria da Sunab (Superintendência Nacional do Abastecimento). Primeiro que será admitido como trigo o produto que tiver peso hectolitro (o pH) acima de 64. Até a safra passada qualquer trigo com este pH já era considerado triguilho, pois o Governo — que é o único comprador do trigo nacional — só aceitava o produto com específico de 65 para cima.

Outra diferença é que o preço de comercialização é agora, também de acordo com portaria da Sunab, considerado por tonelada e não mais por sacos de 60 quilos. Virando e mexendo, o preço dá o mesmo no mínimo fixado oficialmente, que é de Cr\$ 1.710,00 para o saco de 60 quilos com pH 78. Esta medida só irá simplificar os cálculos de entrega total de produto.

Outra diferença está na tabela

de secagem, que foi bastante simplificada em relação àquela empregada até a safra passada. A secagem começa a ser considerada a partir do produto que entra com 13,5 de umidade, obedecendo um valor fixado por tonelada.

OS DESCONTOS

No mais, a sistemática de recebimento adotada na Cotrijuí continua igual à do ano passado. Estas tabelas que estamos publicando são adotadas nas Regiões Pioneira e de Dom Pedrito, e se referem aos descontos de impureza e umidade. Ainda consta uma tabela de melhoria do específico (o pH), que também varia em função da umidade do produto entregue e que não sofreu qualquer alteração em relação à safra passada, a da taxa de secagem e do preço do produto em função do seu pH.

Além destes descontos é ainda preciso levar em conta as demais re-

tenções que incidem sobre o peso líquido do produto (depois do desconto de umidade e impureza): 0,5 por cento de quebra técnica, 3 por cento de capitalização; 2,5 por cento de Funrural; 1 por cento de custo (para cobrir as despesas de recebimento, limpeza e manuseio do produto); 0,2 por cento para o Fundo de Desenvolvimento da Pesquisa do Trigo; 0,3 por cento para a Fecotrig (Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja). Os associados de Dom Pedrito ainda têm o desconto de 3,5 por cento para o adiantamento de Cota Capital, conforme a decisão tomada durante uma reunião que aconteceu naquela unidade no dia 5 de janeiro deste ano. Naquela ocasião os produtores pedritenses decidiram por uma maior retenção de capital sobre todos os grãos, para desta forma pagarem os investimentos feitos na Unidade para o recebimento e beneficiamento de arroz.

TABELA P/DESCONTO DE UMIDADE

Até 13,4	18,1	22,8	27,5
13,5	18,2	22,9	27,6
13,6	18,3	23,0	27,7
13,7	18,4	23,1	27,8
13,8	18,5	23,2	27,9
13,9	18,6	23,3	28,0
14,0	18,7	23,4	28,1
14,1	18,8	23,5	28,2
14,2	18,9	23,6	28,3
14,3	19,0	23,7	28,4
14,4	19,1	23,8	28,5
14,5	19,2	23,9	28,6
14,6	19,3	24,0	28,7
14,7	19,4	24,1	28,8
14,8	19,5	24,2	28,9
14,9	19,6	24,3	29,0
15,0	19,7	24,4	29,1
15,1	19,8	24,5	29,2
15,2	19,9	24,6	29,3
15,3	20,0	24,7	29,4
15,4	20,1	24,8	29,5
15,5	20,2	24,9	29,6
15,6	20,3	25,0	29,7
15,7	20,4	25,1	29,8
15,8	20,5	25,2	29,9
15,9	20,6	25,3	30,0
16,0	20,7	25,4	30,1
16,1	20,8	25,5	30,2
16,2	20,9	25,6	30,3
16,3	21,0	25,7	30,4
16,4	21,1	25,8	30,5
16,5	21,2	25,9	30,6
16,6	21,3	26,0	30,7
16,7	21,4	26,1	30,8
16,8	21,5	26,2	30,9
16,9	21,6	26,3	31,0
17,0	21,7	26,4	31,1
17,1	21,8	26,5	31,2
17,2	21,9	26,6	31,3
17,3	22,0	26,7	31,4
17,4	22,1	26,8	31,5
17,5	22,2	26,9	31,6
17,6	22,3	27,0	31,7
17,7	22,4	27,1	31,8
17,8	22,5	27,2	31,9
17,9	22,6	27,3	32,0
18,0	22,7	27,4	32,1

TAXA DE SECAGEM TRIGO/81 - RS

Umidade	Cr\$ p/t
Até 15,0	270,00
15,1 a 15,5	280,00
15,6 a 16,0	290,00
16,1 a 16,5	300,00
16,6 a 17,0	310,00
17,1 a 17,5	320,00
17,6 a 18,0	330,00
18,1 a 18,5	340,00
18,6 a 19,0	350,00
Acima de 19,5	360,00

TABELA DE MELHORIA DE PH - TRIGO SAFRA/81
REGIÕES PIONEIRA E DOM PEDRITO

GRAU DE UMIDADE	AUMENTO DE PH	GRAU DE UMIDADE	AUMENTO DE PH
13,5 a 14,0	1,00	28,1 a 28,5	9,25
14,1 a 14,5	1,50	28,6 a 29,0	9,50
14,6 a 15,0	2,00	29,1 a 29,5	9,75
15,1 a 15,5	2,50	29,6 a 30,0	10,00
15,6 a 16,0	3,00	30,1 a 30,5	10,00
16,1 a 16,5	3,25	30,6 a 31,0	10,00
16,6 a 17,0	3,50	31,1 a 31,5	10,00
17,1 a 17,5	3,75	31,6 a 32,0	10,00
17,6 a 18,0	4,00	32,1 a 32,5	10,00
18,1 a 18,5	4,25	32,6 a 33,0	10,00
18,6 a 19,0	4,50	33,1 a 33,5	10,00
19,1 a 19,5	4,75	33,6 a 34,0	10,00
19,6 a 20,0	5,00	34,1 a 34,5	10,00
20,1 a 20,5	5,25	34,6 a 35,0	10,00
20,6 a 21,0	5,50	35,1 a 35,5	10,00
21,1 a 21,5	5,75	35,6 a 36,0	10,00
21,6 a 22,0	6,00	36,1 a 36,5	10,00
22,1 a 22,5	6,25	36,6 a 37,0	10,00
22,6 a 23,0	6,50	37,1 a 37,5	10,00
23,1 a 23,5	6,75	37,6 a 38,0	10,00
23,6 a 24,0	7,00	38,1 a 38,5	10,00
24,1 a 24,5	7,25	38,6 a 39,0	10,00
24,6 a 25,0	7,50	39,1 a 39,5	10,00
25,1 a 25,5	7,75	39,6 a 40,0	10,00
25,6 a 26,0	8,00	40,1 a 40,5	10,00
26,1 a 26,5	8,25	40,6 a 41,0	10,00
26,6 a 27,0	8,50	41,1 a 41,5	10,00
27,1 a 27,5	8,75	41,6 a 42,0	10,00
27,6 a 28,0	9,00		



cooperativa regional-tritícola serrana ltda.

COTRIJUI

POSTO - 03 - ** TENENTE PORTELA

POSTO : TENENTE PORTELA
ENDEREÇO: FAIXA DO DAER - KM 3
CGCMF : 90.222.222.0022-32
NATUREZA: RECEBIMENTO

CIDADE: TENENTE PORTELA

CCGICM: 143-000222-0
TRANSP: RODOVIÁRIO

RECEBIDO DE

NOME: FULANO DE TAL
ENDEREÇO: GRANJA BONITO
MUNICÍPIO: MIRAGUAI
CGCMF:

MATRÍCULA: 00000.00
CIDADE: MIRAGUAI
ESTADO: RS
CGCICM: 111.111111.5

NOTA FISCAL DE ENTRADA
SÉRIE ÚNICA
NÚMERO 044444
DATA EMIS. 28/09/81
1ª VIA - ASSOCIADO

Table with columns: PRODUTO, MODALIDADE, UNID., P.H.%, G.UMID.%, IMP.%, SAC., BRUTO, TARA, PESO LÍQUIDO, PREÇO UNIT., PREÇO TOTAL. Row 1: TRIGO 1, PR. ESPECÍFICO, KG, Inicial 68,47, Aumento 2,50, Soma 70,97, Corrigido 71, 15,1, 0,2, 13.650, 5.790, 7.860, P/TON 26.563,30.

Table with columns: UMIDADE, IMPUREZA, SACARIA, Q.TÉCNICA, PESO DESCONTOS, PESO TOTAL, VALOR LÍQUIDO. Row 1: 189, 16, 38, 244, 7.616, 212.306,09.

Table with columns: CAPITAL, FUNRURAL, CUSTEIO, TAXA, VALOR, TOTAL DEDUÇÕES. Row 1: 0,00.

Table with columns: N. F. PRODUTOR, RECIBO ENTREGA, NÚMERO, DATA. Row 1: 333333, 44444, 28.09.81.

CRÉDITO DE I.C.M., QUANDO DE DIREITO, CALCULADO A

ALÍQUOTA DE % - Cr\$

VALOR DA NOTA

212.306,09

TRANSPORTADOR: VIDE RECIBO DE ENTREGA
ENDEREÇO: FUNRURAL - RETENÇÃO E RECOLHIMENTO DE RESPONSABILIDADE DA COTRIJUI
PLACA VEÍCULO: MUNICÍPIO: ESTADO:

EMITIDA EM 4 VIAS POR
PROCESSAMENTO DE DADOS

TRIGO SAFRA/81
TABELA PARA DESCONTOS DE IMPUREZAS
Amostras de 500 gramas

Large table with 4 columns of Gramas and Desc. % for samples 5 to 102.

O REP (Recibo de Entrega de Produtos) permite que o associado confira, no momento da entrega, o total de descontos de impurezas e umidade que irão incidir sobre sua carga de trigo. A umidade aparece em graus. Para saber o quanto de desconto ela irá provocar basta acompanhar com a tabela. No caso deste REP usado como exemplo, a umidade é de 15,1 graus, o que provoca um desconto de 2,4 por cento.

A impureza já aparece em porcentagem. Neste exemplo ela provoca 0,2 por cento de desconto, o que representa 6 gramas de impureza na amostra a coletada no momento da entrega.

Outro item apontado pelo REP é pH inicial, aquele apurado na hora do recebimento. Neste exemplo ele é de 68,47. Como se pode ver na nota que também publicamos acima, este pH foi corrigido em função da umidade do produto, resultando num específico de 71, o que eleva o preço do produto.

RECIBO DE ENTREGA DE PRODUTOS form with fields for BRUTO (13.650), TARA (5.790), ASSOCIADO (Fulano de Tal), MUNICÍPIO (Miraguai), PRODUTO (Trigo), MODALIDADE (Pr. específico), FLACA DO VEÍCULO (XL-0001), MUNICÍPIO (T. Portela), TRANSPORTADOR, and a grid for quality control metrics.

A busca de maiores informações sobre o girassol

Observar mais de perto o comportamento do girassol na lavoura, procurando ao mesmo tempo determinar algumas técnicas de cultivo e a produção de variedades mais adaptadas para a região, são os principais objetivos de um programa com o girassol que começa a ser desenvolvido pela Cotrijuí. E não é só a Cooperativa que estará envolvida neste trabalho, como conta o agrônomo Luiz Volney Mattos Viau, que é o coordenador do CTC (Centro de Treinamento da Cotrijuí).

— Este ano foi realizada uma reunião na Faculdade de Agronomia de Porto Alegre com um grupo de entidades interessadas em trabalhar com o girassol no Rio Grande do Sul, para elaboração de um programa a nível nacional de pesquisa com o girassol, coordenado pelo Centro Nacional de Pesquisa da Soja, da Embrapa.

EXPERIÊNCIAS NO MATO GROSSO

Na Cotrijuí, na verdade, a curiosidade com o girassol nasceu em função do Mato Grosso do Sul, onde ele apareceu como mais uma alternativa de cultura para o período de outono-inverno. Diz o Volney:

— No Mato Grosso do Sul já fazem alguns anos que

os produtores vêm obtendo resultados razoáveis com lavouras de experimentação. Por esta razão, já no ano passado, realizamos experimentações em Maracajú, pesquisando vários híbridos e algumas populações.

Agora as pesquisas serão realizadas também no Rio Grande do Sul, a partir de experimentos no CTC e em algumas pequenas lavouras a nível de produtor. O Volney explica o que motivou este interesse:

— Nós precisamos ter algum nível de informações para fazer algumas recomendações aos produtores, realizando experimentos e acompanhando de perto o desenvolvimento dessas lavouras experimentais.

Para o Mato Grosso do Sul o trabalho já anda mais adiantado, inclusive se pensando na criação de novos cultivares. A experimentação ainda

prevê ensaios comparativos de rendimento, época de semeadura, densidade de plantio, levantamento de moléstias e ainda produção de semente básica. Todo este trabalho de pesquisa, tanto no Mato Grosso como no Rio Grande, são coordenados pelo agrônomo Mário Bastos Lagos, especialista na área de melhoramento varietal.

O girassol, como lembra o Volney, é cultivado em épocas diferentes no Rio Grande do Sul e no Mato Grosso. O clima gaúcho propicia o plantio no período da primavera, a partir de outubro, enquanto no Mato Grosso do Sul a época mais indicada são os meses de fevereiro e março. Desta forma, o girassol aparece no Rio Grande como outra alternativa de verão, enquanto no Mato Grosso ele é plantado quase na mesma época que o trigo.



A curiosidade com o girassol nasceu em função do Mato Grosso

Surge uma nova cultura: o cártamo

Cártamo é o nome de uma cultura que pode se tornar familiar a muito produtor do Mato Grosso do Sul. Ela é uma oleaginosa, que tem uma flor parecida com uma margarida, da mesma família do girassol. O seu óleo é considerado o melhor óleo comestível obtido a partir de vegetais, pelo seu alto valor dietético, já que 90 por cento dos seus ácidos graxos são insaturados (ou seja, não provocam colesterol).

Pois também o cártamo é uma cultura que começa a ser pesquisada pela Cotrijuí no Mato Grosso do Sul, em canteiros experimentais montados na unidade de Maracajú. A experiência começou este ano, com o plantio de 196 linhagens que foram trazidas da Argentina e do México. Quem fala sobre a cultura é o agrônomo Luiz Volney Mattos Viau:

— O cártamo é uma

planta que exige frio e pouca umidade, que são características que encontramos no Mato Grosso do Sul. Ela ainda é bastante resistente à geada, agüentando temperaturas de até 12 graus centígrados abaixo de zero. É por esta razão que estamos realizando experimentos na região de Maracajú — MS, onde o maior problema é exatamente a falta de umidade para o desenvolvimento das culturas de inverno.

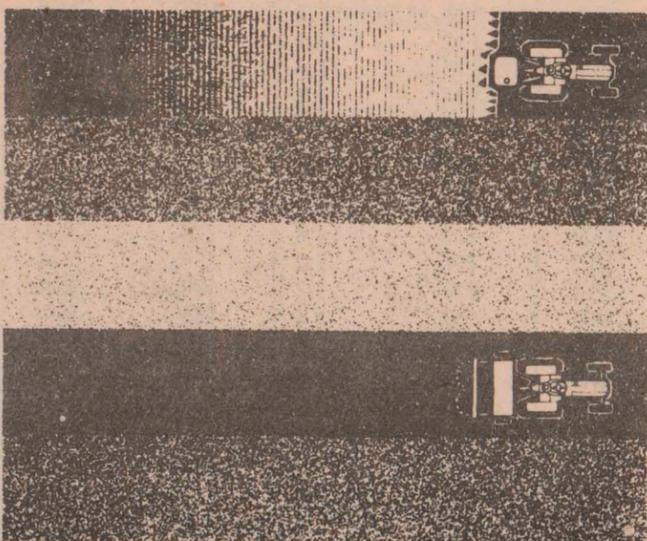
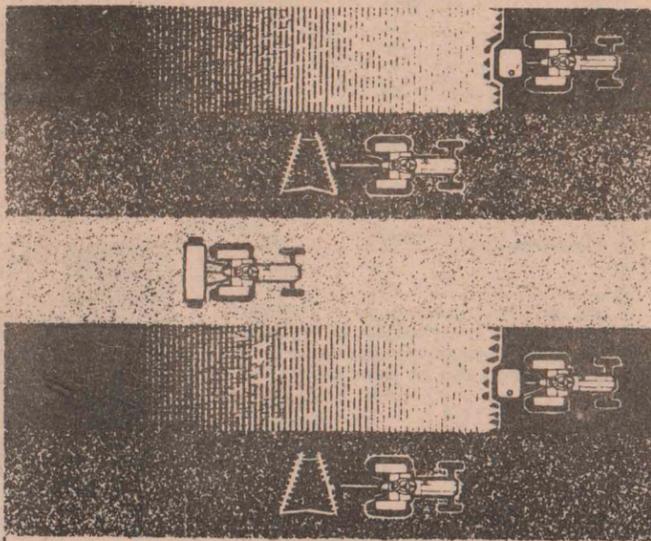
Nas experiências que vêm sendo desenvolvidas, as linhagens pesquisadas têm apresentado bom comportamento. O trabalho com o cártamo, assim como o desenvolvimento com o girassol, tem como objetivo a produção de variedades mais adaptadas para a região, além da realização de experimentos para a determinação dos componentes de um sistema de produção

VENDE-SE

Uma automotriz marca Braud toda revisada. Tratar com proprietário Erni Schünemann. End. Rincão da Figueira — Redentora — RS.

PARA PLANTAR A SOJA NA ÉPOCA IDEAL, VOCÊ PODE CONTRATAR MUTTA GENTE E USAR MAIS MÁQUINAS...

...OU APLICAR HERBADOX*



O sistema Aplique-plante com Herbadox* é o que todo sojicultor precisa para atingir alta produtividade com menores custos de produção. Tanto em plantio convencional quanto em plantio direto.

A razão é simples: graças às suas propriedades, Herbadox* é aplicado antes do plantio, por via aérea ou terrestre, sem necessidade de incorporação. Com isso, todo seu pessoal e maquinário ficam disponíveis para plantar na época ideal.

Herbadox* é eficaz. Não se evapora e suporta melhor os fatores adversos como excesso ou escassez de chuva, luz solar e altas temperaturas. Herbadox* é seguro. Não deixa resíduos fitotóxicos na terra.

HERBADOX*

* Marca de Indústria e Comércio da American Cyanamid Co. - USA



Com Herbadox*, as culturas posteriores podem ser plantadas sem qualquer risco.

Herbadox* é econômico. Como não é necessário incorporar, o desgaste do maquinário é menor e você economiza combustível e mão-de-obra.

Herbadox*. Maior produtividade, segurança e economia por hectare plantado.

CYANAMID

SEMPRE CLEMO

Cyanamid Química do Brasil Ltda. Divisão Agropecuária - Av. Rio Branco, 311 7º andar - Rio de Janeiro CEP. 20040 - Tel.: (021) 297-4141

REUNIDAS & IC Nova Friburgo



COTRIEXPORT
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

INVESTIMENTO EM SEGURO, SEJA INCÊNDIO, VEÍCULOS, ROUBO, VIDA, ACIDENTES PESSOAIS E OUTROS, REPRESENTA TRANQUILIDADE CONTRA AS INCERTEZAS DO DIA-A-DIA.

A COTRIJUI ATRAVÉS DE SUA CORRETORA DE SEGUROS, PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES E ASSISTÊNCIA TÉCNICA.

Em Ijuí: Rua das Chácaras 1513 — fone 332-1914 ou 332-2440 ramal 364
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 5º andar - fone 33-50-32

Provárzeas: benefício ou desastre?

Drenar 500 mil hectares e sistematizar (drenar e irrigar) outros 500 mil hectares é o objetivo do Provárzeas (Programa Nacional de Aproveitamento Racional das Várzeas Irrigáveis) no Rio Grande do Sul. O programa, que é coordenado pelo Ministério da Agricultura, foi lançado oficialmente no estado dia 21 de setembro.

O slogan do Provárzeas é que "Um hectare vale por dez", numa curta frase que anuncia os objetivos do Programa, que

contará com recursos de 18 milhões e 600 mil cruzeiros para aumentar a fronteira agrícola do Estado. Só neste primeiro ano o Provárzea já deverá estar implantado em 15 mil hectares dos 220 mil que compõe a várzea gaúcha.

O Programa, que conta com recursos obtidos em sua maioria junto ao BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) pretende revolucionar a agricultura gaúcha, aumen-

tando a área cultivada na várzea para 500 mil hectares de soja, milho e também feijão. As regiões do Litoral e da Fronteira, onde estão a maior parte das várzeas, são as zonas preferenciais para aplicação do projeto.

De acordo com os coordenadores do Provárzeas a nível estadual, haverá a expansão da fronteira sem concorrência com a área já cultivada de arroz (que são 580 mil hectares) e com a pecuária. Esta atividade inclusive poderá ser beneficiada com a implantação de pastagens de inverno nas áreas incorporadas ao Programa. É o IRGA (Instituto Rio-Grandense do Arroz) quem está centralizando a execução técnica do Programa no Rio Grande do Sul. Os produtores para se beneficiarem dos recursos financeiros precisam ser proprietários de várzeas com menos de cinco por cento de inclinação média (ou seja, cinco metros de declive em mil metros de distância). O financiamento terá prazo de cinco anos para pa-

gamento, com dois de carência, e juros de 45 por cento ao ano.

UMA AGRESSÃO

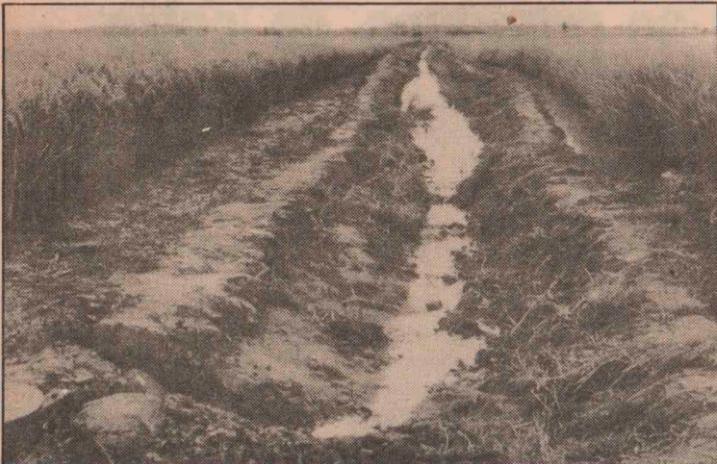
O Provárzeas nem havia ainda sido lançado e muita gente já estava se manifestando contra sua aplicação. São estudiosos preocupados com o meio-ambiente que mais se mostraram contrários a este tipo de projeto para ampliação da fronteira agrícola. Eles temem que fazendo a drenagem de tão amplas áreas do solo gaúcho, simplesmente se cometa um grande crime ecológico que comprometa irremediavelmente o que ainda resta da flora e da fauna gaúcha, provocando um desequilíbrio climático de todo Rio Grande do Sul.

Eles falam isto baseados em exemplos que existem pelo mundo afora. Na Indonésia — um país da Ásia — um programa do governo para aproveitamento do delta do rio Upang sofreu a intervenção da Unesco, que reduziu a drenagem de 13 milhões de hectares nos banhados da região para um milhão de hectares. A justificativa

para esta intervenção foi o desconhecimento sobre as conseqüências de trabalhos desta espécie em grandes áreas.

Existe inclusive um estudo, de autoria do economista chileno Osvaldo Sunkel, que comprova que a modernização tem conseqüências ecológicas bem conhecidas. As obras de irrigação e drenagem acentuam a salinização da terra em bom número de casos.

A Agapan (Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural) é quem mais tem se colocado contra o Provárzeas. E a preocupação da entidade não se prende apenas a aspectos ecológicos, como fala seu vice-presidente, o advogado Caio Lustosa. Segundo ele, este é um projeto nitidamente anti-social, pois vai empregar uma alta mecanização que não vai absorver mão-de-obra. O objetivo, na sua opinião, é apenas conseguir uma grande produção de arroz para exportação, e isto de uma maneira imediata, sem medir conseqüências.



O Provárzeas terá recursos de Cr\$ 16,8 milhões

Uma comenda para o Cotrijornal

Numa reunião realizada em Humaitá no dia 25 de setembro, a Associação dos Municípios da Região Ceileiro do Rio Grande resolveu conferir uma comenda ao Cotrijornal. Esta homenagem deve-se, segundo os integrantes da Associação, "pelos relevantes serviços prestados à coletividade regional, na divulgação dos acontecimentos marcantes da comunidade da Região Ceileiro, contribuindo decisivamente para o progresso e desenvolvimento desta parte do Estado".

A Região Ceileiro tem como associados da AMRCRG os municípios de Boa Vista do Buricá,

Braga, Campo Novo, Chiapetta, Coronel Bicaco, Crissiumal, Humaitá, Miraguaí, Redentora, São Martinho, Santo Augusto, Tenente Portela e Três Passos. Grande parte destes municípios estão localizados na área de ação da Cotrijornal. A Associação tem como membros os prefeitos e presidentes das câmaras de Vereadores dos municípios integrantes da entidade.

A Cotrijornal e o Cotrijornal agradecem a Comenda, encarada como um reconhecimento ao trabalho que esta publicação se propõe a realizar, que é informar de uma forma séria e conseqüente as pessoas do meio rural.

Quando você aplica Blazer,[®] a única coisa que fica em pé é a soja.

É só pulverizar Blazer sobre a lavoura de soja e você verá, 2 a 3 dias depois, mortos pelo chão: o Amendoim

Bravo ou Leiteiro, o João, o Carurú, a Trapoeraba, o Picão Preto, o Picão Branco, a Corda de Viola ou Cipozinho.

A matança é total. O Carrasco só deixa em pé mesmo, a soja. Se você já aplicou Blazer, sabe que isso é

verdade. Caso nunca tenha usado, pergunte a quem já aplicou e só ouvirá uma resposta: O Carrasco é um "baita" produto.



IMASA

NEGÓCIO DE OCASIÃO

A IMASA comunica que dispõe para venda diversos implementos usados, totalmente reformados por bons preços. Os interessados deverão entrar em contato com o seu Departamento de Vendas.

MATRIZ: Av. 21 de Abril, 775 - IJUÍ - RS

Festa na Linha 6 Leste: é aniversário da Sociedade

Os 83 anos de fundação da Sociedade Esportiva e Recreativa 12 de Outubro, da Linha 6 Leste (Ijuí), serão comemorados durante uma grande festa que reunirá a comunidade do dia 18 de outubro. A programação iniciará às 10 horas, com um culto em homenagem aos associados fundadores e já falecidos. Às 11 horas será feita a leitura do histórico da sociedade; ao meio-dia será servido um churrasco a preço de custo; às 13h30min acontece a entrega dos prêmios aos vencedores do torneio de bolão. Depois, às 14 horas, inicia uma reunião dançante animada pelo conjunto Progresso, de Ajuricaba. A Linha 6 Leste é conhecida como a localidade dos

austriacos, pois foi aí que em 1893 se estabeleceram 90 famílias de austriacos que chegaram na região. Cinco anos mais tarde, preocupados com a educação dos filhos e com a vontade de organizar um centro de recreação, eles fundaram a Sociedade Escolar Austro-Húngara. Ali, além da escola, foi instalada uma biblioteca e também criada uma sociedade de cantores. O local também era aproveitado para a prática de tiro-ao-alvo, o esporte mais difundido entre estes imigrantes. Muitos anos depois a Sociedade mudou de nome, passando a se chamar Sociedade Esportiva e Recreativa 12 de Outubro, numa alusão à data de sua fundação.



**ARROZ
LABLAB
MILHETO**

**SEMENTES
FISCALIZADAS**

INFORMAÇÕES:

Rua das Chácaras, 1513
Fones: 332-2400
Ramais: 304 e 377
98.700 - IJUÍ - RS

Arrozeiro!

Dual não é herbicida para arroz.



Mas é o maior inimigo do capim arroz na soja que tem aparecido nos últimos anos.

(...) ficou evidenciada a viabilidade do uso do Metolachlor na cultura da soja, quer pela alta seletividade apresentada, quer pela eficiência no controle das invasoras, principalmente como gramínicida. Quanto ao efeito residual foi muito satisfatório, considerando-se a boa efetividade de controle apresentado. (...)

extrato do trabalho "Competição de herbicidas na cultura da soja em várzea orizícola" do Prof. Lorenzo Covato, publicado na revista Lavoura Arrozada de maio/78.

Na próxima rotação arroz/soja, lembre-se que Dual livra sua lavoura de soja do capim arroz, sem precisar incorporá-lo.

METOLACHLOR - princípio ativo de DUAL

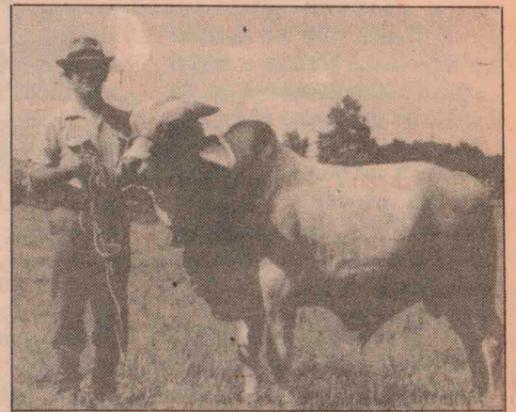
CIBA-GEIGY



Um boi excepcional para Portela

O seu Albino Avrella, da localidade de Daltro Filho (em Tenente Portela), não tem como esconder sua satisfação com o desenvolvimento de um touro que, aos dois anos de idade, pesa prá lá de 500 quilos. Ele é cria de uma vaca comum azebuada que foi inseminada com o sêmen de um touro da raça Nelore, o Galant. Aos 13 meses o animal já pesava 382 quilos.

"Este desenvolvimento", como explica o veterinário Daniel Heuser, que atende a Unidade de Tenente Portela, "é excepcional para a região. Outros animais com a mesma idade não pesam nem 100 quilos". A alimentação do touro do seu Albino é toda baseada em pasto verde, alfafa e ainda com uma suplementação da ração para porco.



Uma ajuda ao programa da colza

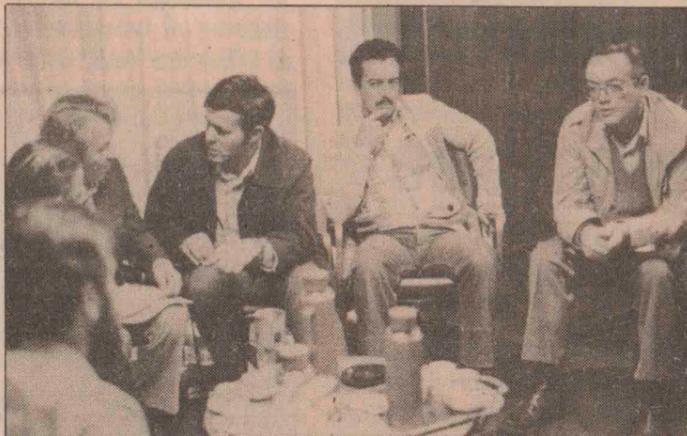
As experiências nas áreas de colza e do tremoço, que a Cotrijuí vem desenvolvendo já algum tempo, trouxeram a Ijuí, nos dias 21 e 22 de setembro o agrônomo Erich Von Baer, o economista rural Friedes Konold e o professor G. Fischbeck, os três ligados ao Ministério da Agricultura do governo alemão. O que motivou a visita

do grupo alemão foi um pedido de colaboração ao governo daquele país, feito pela própria cooperativa, à nível de intercâmbio científico envolvendo a pesquisa da colza e do tremoço.

Durante os dois dias que estiveram em Ijuí, através de visitas ao Centro de Treinamento da Cotrijuí, a algumas lavouras

e de contatos com o pessoal do Departamento Técnico mais envolvido com a pesquisa da colza e do tremoço, o grupo alemão se inteirou de todo o trabalho que já vem sendo feito pela cooperativa nestas duas áreas. Afinal, para que futuramente aconteça um intercâmbio entre os dois países e se intensifique o programa iniciado pela Cotrijuí nestas duas áreas, o Governo alemão precisa tomar conhecimento do que está sendo feito.

Na mesma oportunidade o grupo andou visitando alguns pequenos produtores, levando em conta o interesse do governo alemão de iniciar em seu país um trabalho que envolva os pequenos agricultores. O grupo alemão também veio acompanhar o trabalho desenvolvido pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) na pesquisa de tremoço.



Os técnicos alemães passaram dois dias na Cotrijuí

O leite em agosto

É interessante observar que a produção leiteira na área de ação da Região Pioneira no mês de agosto reagiu rapidamente com a melhoria das condições das pastagens. Foram produzidos 436.335 litros a mais do que no mês de julho. Este fato comprova mais uma vez que, na medida em que melhoram as condições das pastagem, a resposta em termos de produção leiteira é imediata.

Outro dado que merece atenção é o que diz respeito ao uso de tarros individuais. Dos 2.964 produtores leiteiros que entregaram o produto no mês de agosto, apenas 1.251 possuem tarros próprios. Com a aproximação do verão, quando na-

turalmente se elevam os índices de acidez, é interessante que aqueles produtores que entregam uma média diária superior a 40 litros e que ainda transportam leite em tarros coletivos, adquiram tarros próprios. Desta forma, poderão exercer um controle higiênico melhor sobre o vasilhame.

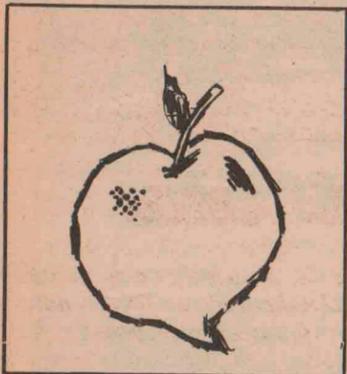
Em termos de acidez a unidade de Chiapetta foi a que apresentou o maior índice: 3,15 por cento. O índice de acidez sobre o total da produção leiteira da Região Pioneira foi de 2,29 por cento (Otaliz de Vargas Montardo - coordenador do setor de pecuária leiteira da Cotrijuí).

Município	Número Produt.	Tarro Indiv.	PRODUÇÃO			Prejuízo Acidez	Valor da Produção	
			Normal	Ácido	% Aci.			
Ajuricaba	353	237	286.677	2.164	0,75	288.841	44.900	6.722.646
Augusto Pestana	721	240	471.148	7.241	1,51	478.389	151.837	11.153.944
Braga	3	3	3.547	63	1,75	3.610	1.298	82.696
Chiapetta	13	7	10.913	355	3,15	11.268	7.934	256.915
Coronel Bicaco	18	17	16.322	386	2,31	16.708	8.028	383.601
Ijuí	1.193	422	834.878	13.339	1,57	848.217	280.258	19.795.029
Miraguaí	3	2	1.894	15	0,79	1.909	315	44.650
Redentora	11	9	13.051	290	2,17	13.341	6.029	306.246
Santo Augusto	284	156	192.806	4.595	2,33	197.401	12.406	4.537.375
São Martinho	132	67	58.834	1.834	3,02	60.668	38.226	1.385.215
Tenente Portela	2	1	555	8	1,42	563	162	13.067
Vila Jóia	161	79	148.141	2.676	1,77	150.817	56.187	3.510.358
Outros (*)	70	11	32.006	884	2,75	32.890	18.502	755.690
TOTAL	2.964	1.251	2.070.772	38.850	2,29	2.104.622	708.843	48.947.432

(*) Os outros municípios são Boa Vista do Buricá, Campo Novo, Catuípe, Condor, Cruz Alta, Horizontina, Humaitá, Pejuçara, Santo Ângelo, Três de Maio e Três Passos.

A LAVOURA NO MÊS

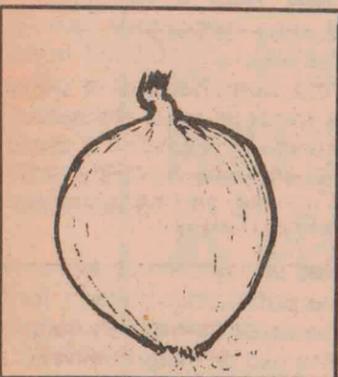
Há bastante tempo esta coluna tem seguido uma seqüência de trabalho em considerações sobre hortaliças e, eventualmente, frutas, com o objetivo de esclarecer algumas dúvidas que ocorrem de acordo com as condições climáticas em cada mês. Agora, quando há uma idéia geral de que são igualmente importantes outras culturas de subsistência como a mandioca, batata, abóbora e outras, as quais podem ser utilizadas como alimento humano ou para fornecimento aos animais, estas culturas também passarão a ter uma atenção especial.



PÊSSEGO E AMEIXA

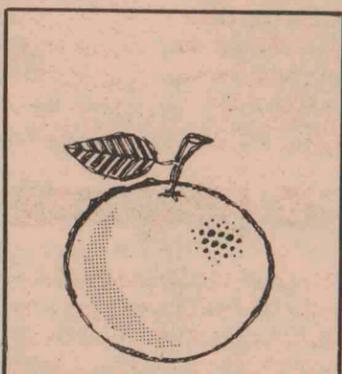
Os pessegueiros e ameixeiras este ano, de um modo geral, estão com boa carga de frutos, o que faz estimar uma boa safra na Região Pioneira. O pêssego e a ameixa, infelizmente, são frutas muito atacadas por moscas, ficando "bichadas", o que freqüentemente põe a perder toda a produção. O tratamento é simples e eficiente, desde que seja iniciado no período certo. A fruta pode ser ensacada ou receber três pulverizações. A primeira quando as frutas ainda estiverem bem pequenas (já deve ter sido feita) e mais duas ou três vezes com intervalos de 15 dias. Para evitar dúvidas, consulte o Departamento Técnico de sua Unidade.

O raleio, que consiste em diminuir o número de frutas por árvore, deve ser efetuado agora, sempre que se objetivar a produção de melhor qualidade. Se não for este o caso, esta prática pode ser dispensada.



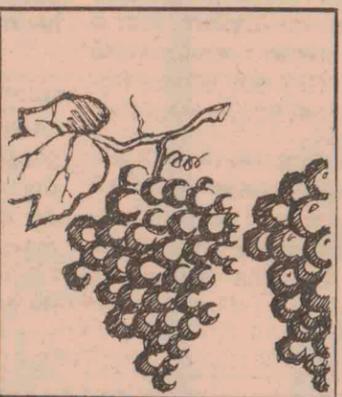
CEBOLA

A situação das lavouras de cebola é muito semelhante ao alho, com algumas áreas atacadas por trips, os quais também nesta planta são difíceis de controlar. O desenvolvimento das áreas onde o transplante foi tardio é bastante fraco e nestas áreas é necessário que se faça cobertura com uréia na razão de 5 a 10 gramas por metro quadrado, escolhendo-se o período em que o solo esteja úmido e de preferência incorporando em seguida.



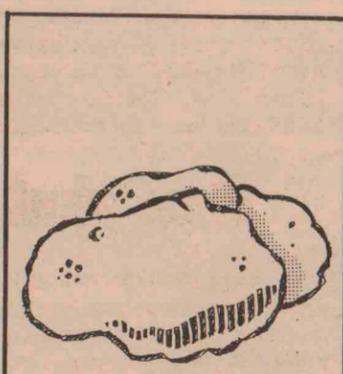
CITRUS-LARANJA

A laranja é das frutas cítricas (onde se inclui ainda o limão, bergamota, pomelo, laranja azeda, etc) sem dúvida a mais importante. Ela se caracteriza pela grande facilidade de seu manejo, onde se pode dizer que o único trabalho é a colheita, a não ser que se queira a produção para comercialização, quando então necessita cuidados especiais. A laranjeira, a partir dos dois anos, necessita, no período de primavera, de uma adubação nitrogenada, aplicando-se 50 gramas por planta de uréia, mais ou menos na área ocupada pela sombra da árvore ao meio-dia. A uréia deve ser incorporada em seguida, tendo o cuidado de escolher os dias úmidos para a aplicação, quando a absorção do nitrogênio é facilitada.



VIDEIRA

A umidade do solo e a temperatura têm favorecido a brotação das videiras e é neste período que se iniciam as doenças desta planta. Infelizmente em nossas condições ambientais os tratamentos nos parreirais são indispensáveis. As pulverizações preventivas, porém, podem ser realizadas com produtos pouco tóxicos, (cobre, enxofre, etc) desde que se mantenha a regularidade nas pulverizações, sendo que após cada chuva deve ser repetida a aplicação. A adubação com nitrogênio, na razão de 30 gramas de uréia por planta é recomendável neste período.



BATATA

As lavouras de batata melhoraram sensivelmente seu desenvolvimento após as chuvas. A preocupação agora é que as condições ambientais favoráveis ao desenvolvimento de doenças resultem em ataques de "murchadeiras", o que poderá comprometer seriamente a produção. Neste período deve ser efetuada também a amontoa, ou seja, chegar terra junto às plantas para facilitar a formação dos tubérculos (batatas). O ataque de pragas (vaquinhas e outras) é comum nesta época portanto recomenda-se que as lavouras fiquem em observação e se busque a orientação técnica para efetuar o seu controle.



HORTALIÇAS DIVERSAS

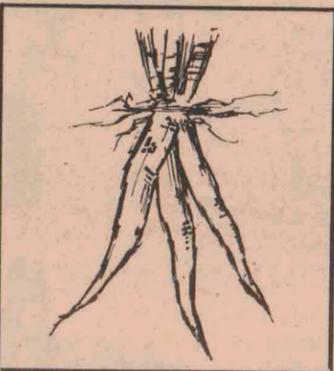
As plantas de verão como pepino, tomate, pimentão, abóbora, melão, melancia e outras, continuam em período ideal para a sementeira. O importante é que exista boa disponibilidade de água para que se assegure o desenvolvimento das plantas mesmo em períodos secos durante o verão.

As outras hortaliças como alface, repolho, couve, cenoura, beterraba, rabanete, etc, apesar de serem tradicionalmente cultivadas só durante o inverno, podem também se desenvolver bem durante o verão, desde que se escolha as variedades certas, as quais existem disponíveis para venda à granel em quase todos os postos da Cooperativa.



FEIJÃO

As lavouras de feijão implantadas em início de setembro estão se desenvolvendo satisfatoriamente, estando agora na época de fazer uma adubação em cobertura com uréia (50 kg/ha) ou outro adubo nitrogenado. Igualmente importante neste período é que seja efetuada uma quebra da crosta endurecida, para facilitar o arejamento do solo.



MANDIOCA

A mandioca está em período final de plantio e a umidade do solo tem favorecido a rápida brotação. A correção da acidez do solo nem sempre é necessária, pois a mandioca se desenvolve bem mesmo em so-

los ácidos. Em solos com médio teor de matéria orgânica não há necessidade da aplicação de uréia em cobertura. Lembre-se que a mandioca, além do consumo humano, é importante fonte alimentar para suínos e bovinos, pelo que deve estar presente em toda a propriedade rural. O CTC (Centro de Treinamento Cotrijuf) está desenvolvendo estudos com diferentes variedades de mandioca e em algum tempo haverá bons resultados e opções para os associados.

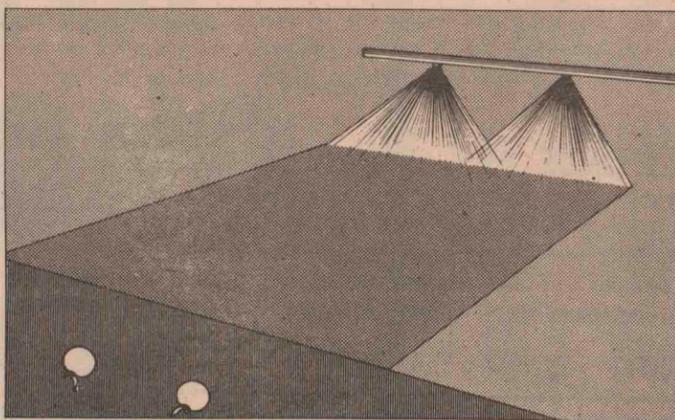


ALHO

O desenvolvimento das lavouras de alho, em termos gerais, continua bom, principalmente a variedade Portela. A infestação com trips ainda é um problema sério e o seu controle tem sido difícil. Neste período é iniciada a colheita das variedades precoces, lembrando-se a todos os produtores que uma das mais importantes operações com o alho é a cura a campo e a galpão, não podendo, sob hipótese alguma, apagar chuva neste período, sob pena de prejudicar seriamente o valor comercial do produto.

Plantador de soja!

Da próxima vez que você for incorporar a sua mistura de herbicidas, pense na segurança. Pense Dual.



As misturas com Dual são aplicadas logo após o plantio e não são incorporadas. Portanto, o produto fica longe das delicadas sementes de soja em germinação. Com Dual, você fica mais seguro. É uma questão de bom senso!

Dual, o herbicida para soja tão moderno que dispensa incorporação.

CIBA-GEIGY



A partir de quais critérios os produtores podem fazer seus acordos sobre o que pagar e o que cobrar pelos serviços de plantio ou de colheita? Não é sempre de uma maneira fácil e rápida que se chega a estes acertos. Quem não tem a máquina precisa desembolsar uma boa quantia quando contrata os serviços ou usa estes equipamentos. Já quem é proprietário de máquina não pode ter prejuízos com o seu trabalho e ainda pensa em compensar os investimentos que precisou fazer para adquiri-la.

Foi a partir deste tipo de questionamento que o pessoal da Gerência de Planejamento e Projetos da Cooperativa vem fazendo desde o ano passado um estudo sobre os cálculos do custo hora/máquina. Ele foi feito a partir de um levantamento dos preços das máquinas, equipamentos e dos combustíveis a nível da praça comercial de Ijuí. O estudo tem exatamente o objetivo de demonstrar o custo de operação das máquinas durante uma hora e também o custo por hectare das principais operações agrícolas: aração, subsolagem, gradagem, semeadura e adubação, aplicação de herbicidas e inseticidas e colheita.

OS CRITÉRIOS

Para a elaboração do estudo, os técnicos levaram em conta a sistemática desenvolvida pelo Departamento de Estudos Econômicos no Centro de Treinamento da Cotrijuí e ainda o acompanhamento de custos a nível de propriedade rural. Este acompanhamento faz parte do trabalho de Contabilidade Agrícola, que é coordenado por este Departamento.

Como ponto de referência, os custos dos lubrificantes e filtros foram baseados nas características técnicas dos fabricantes. No cálculo de conservação e reparos o estudo levou em consideração um custo de 9 por cento sobre o valor dos tratores e automotrizas, e de 10 por cento para os demais implementos. Na depreciação se considerou como Valor Residual, o índice de 10 por cento sobre o valor total das máquinas. Só não foi considerado neste



O PREÇO DE USAR AS MÁQUINAS

estudo o pagamento da mão-de-obra do operador e nem a lucratividade do proprietário da máquina ou equipamento. Estes valores são variáveis e, portanto, alteram o custo final das operações de um caso para o outro.

É preciso salientar mais um ponto neste estudo de custos. A tabela, que vai permitir estabelecer os gastos de cada operação — tanto por hora como por hectare — considera na fase de preparação da terra o uso de arado ou de subsolador. Estas são duas operações distintas e não realizadas no mesmo ano na mesma área de terra. Por esta razão, a tabela diferencia os custos de preparação da terra onde se considera o trabalho de subsolagem e o trabalho de aração.

Custo hora/máquina

OPERAÇÕES	Horas de Trab/ha	Trator (Cr\$)		Implementos (Cr\$)		Total Geral (Cr\$)	
		p/hora	p/ha	p/hora	p/ha	p/hora	p/ha
Aração — Trator Valmet 85 ID	2,080	585,81	1.218,50	322,79	671,40	908,60	1.889,90
Gradagem (2x) — Trator MF 65x	0,9461/0,6304	589,23	464,49	382,64	301,64	971,87	766,13
1 — Sub-Total		1.175,04	1.682,99	705,43	973,04	1.880,47	2.656,03
Subsolagem — Trator Valmet 85ID	1,313	585,81	769,19	64,74	84,99	650,55	854,18
Gradagem (2x) — Trator MF 65x	0,9461/0,6304	589,23	464,49	382,64	301,64	971,87	766,13
2 — Sub-Total		1.175,04	1.233,68	447,38	386,63	1.622,42	1.620,31
Semeadura e Adubação	0,5650	589,23	332,92	508,27	287,17	1.097,50	620,09
Aplicação de Herbicidas	0,6112	585,81	358,05	185,36	113,29	771,17	471,34
Aplicação de Inseticidas	0,6875	585,81	402,74	131,41	90,35	717,22	493,09
3 — Sub-Total		1.760,85	1.093,71	825,04	490,81	2.585,89	1.584,52
4 — Colheita	1,1065					3.418,20	3.782,26
Total 1 (1+3+4)		2.935,89	3.951,74	1.530,47	1.463,85	7.884,56	8.022,81
Total 2 (2+3+4)		2.935,89	2.327,39	1.272,42	877,44	7.626,51	6.987,09

OS CUSTOS

Na fase de preparação da terra o estudo considerou o uso de um trator Valmet 85 ID tanto para a aração, como para a subsolagem. Num hectare, este trator trabalhará 2,080 horas para concluir o serviço de aração, o que representa um custo de Cr\$ 585,81 por hora ou de Cr\$ 1.218,00 por hectare. Somado ao custo do uso do implemento, o trabalho de aração representará uma despesa de Cr\$ 908,60 por hora ou de Cr\$ 1.889,90 por hectare.

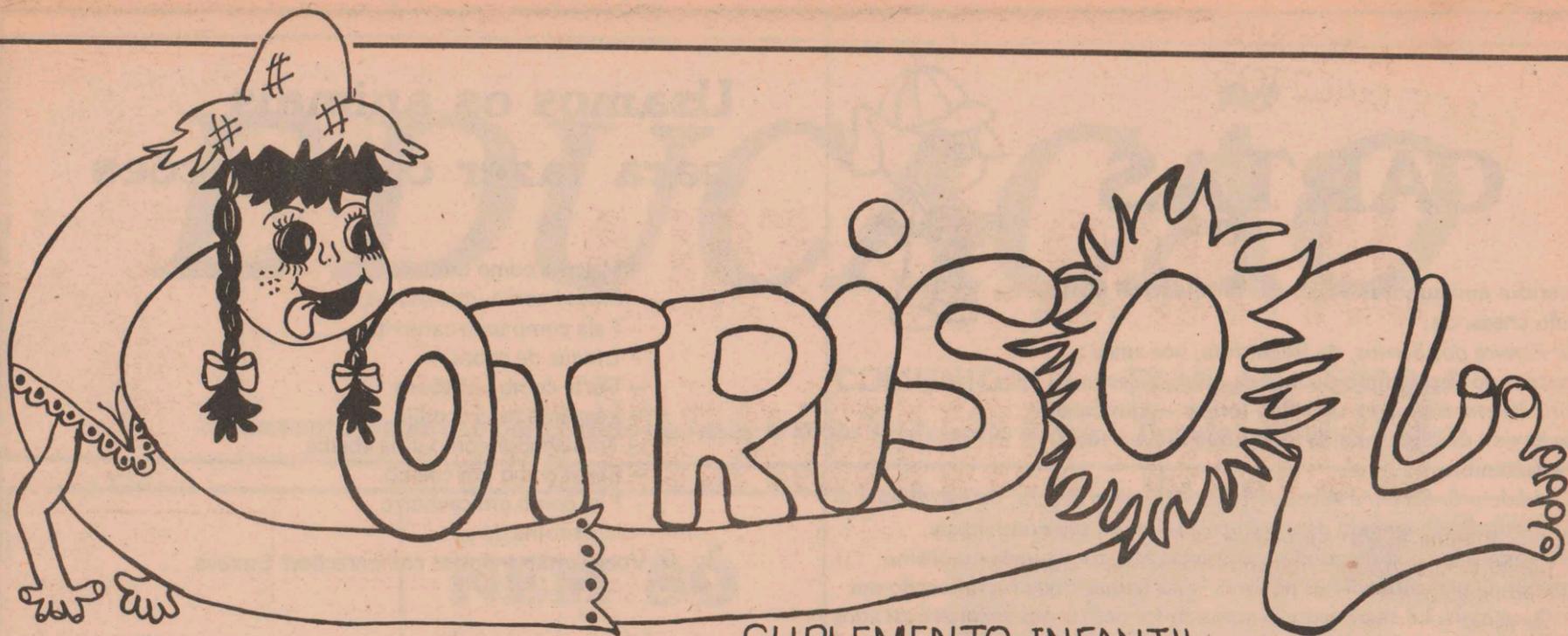
Já nos casos de uso de subsolagem o custo de preparação da terra é inferior ao da aração. É preciso lembrar, porém, que esta é uma operação eventual, realizada apenas nas

áreas onde seja necessário romper a camada compactada do solo, e que não se repete a cada ano. O trabalho consumirá 1,313 horas de trabalho para preparar um hectare, o que representa um custo de Cr\$ 585,81 por hora ou Cr\$ 769,19 por hectare. Considerando ainda o custo do uso do implemento, a subsolagem representará um valor de Cr\$ 650,55 por hora ou Cr\$ 854,18 por hectare.

Tanto usando arado como subsolador, a preparação da terra ainda exigirá duas vezes a operação de gradagem, uma mais pesada (que representa o tempo de 0,9461 horas de trabalho num hectare) e outra mais leve (onde se gasta, em média, 0,6304 horas de trabalho). O custo da gradagem representa Cr\$ 971,87 por hora ou Cr\$ 766,13 por hectare.

Todos estes números estão na tabela que publicamos ao lado, juntamente com os demais custos que envolvem o uso de máquinas na formação das lavouras, como semeadura e adubação, aplicação de herbicidas, aplicação de inseticidas e colheita. São apresentados dois subtópicos para a etapa de preparação da terra (um considerando subsolagem e outro aração) e também dois tipos de operação empregado na preparação da terra.

Com estes números nas mãos, como pensa o pessoal que elaborou este estudo, será mais fácil para os produtores chegarem a um acordo sobre o que cobrar e o que pagar pelo uso das máquinas e equipamentos.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

O PASSARINHO AZUL

Estava escrito nas grandes folhas das duas velhas palmeiras em plena mata.

Todos os bichos que ali moravam já tinham lido e relido aquelas palavras muitas e muitas vezes. Estava escrito:

"Um dia quando na mata
A paz ou o amor faltar,
Procurem o passarinho Azul
Que ele vai lhes contar".

A curiosidade era geral. — Mas contar o quê? A pergunta pairava no ar, e sempre que dois bichinhos estavam conversando já se sabia que o assunto era esse.

Num bonito dia de sol, com a água da lagoa a reluzir, mil estrelas de flores boiavam lentamente, até chegar à margem, beijando a areia, Dona Onça Pintada, então, resolveu reclamar de seu Tigre Malhado porque ele estava pisoteando sua horta. Por sua vez, seu Tigre Malhado achou que o porco-do-mato estava a olhá-lo de má vontade, e assim por diante.

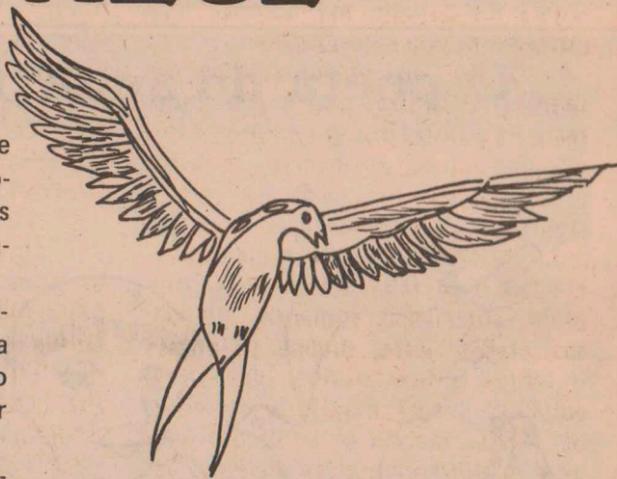
Estava formada a confusão!

O engraçado é que antes, todos sempre se lembravam do que estava escrito nas grandes folhas das velhas palmeiras, que eram tão velhas que ninguém sabia quanto, e agora que precisavam, ninguém recordava, só queriam brigar.

Era Dona Chita, dando lições de boas maneiras ao seu Chipanzé, que por sua vez estava sentado no alto de uma escada para alcançar o ouvido de Dona Girafa e assim poder brigar e ser ouvido.

Lá pelas tantas, a tartaruga Chamosa lembrou:

— Hei! Amigas!
Escutem, por favor,
E as palavras escritas
De que todo mundo falou?
Vamos todos,
Ande moçada!
Procurem o passarinho Azul



Ajude meninada!

E a procura foi grande.

Passou à tarde e a noite chegou.

Foram todos à casa de Dona Coruja tomar um lanche.

Depois continuaram a busca. A noite inteira procuraram. No dia seguinte continuaram ainda. Estavam todos cansados e doloridos.

Aqueles que antes tanto brigaram, agora estavam ajudando uns aos outros e, inclusive, carregando no colo os mais fracos e pequeninos.

Estavam voltando para casa, quando ouviram uma voz que vinha do alto de uma árvore grande, grande. A voz perguntava:

— Vocês acharam?

— Não! responderam todos.

— Acharam sim! Claro que acharam! Não estão todos de bem? Com a procura do passarinho azul vocês não se juntaram todos? Vocês não fizeram as pazes?

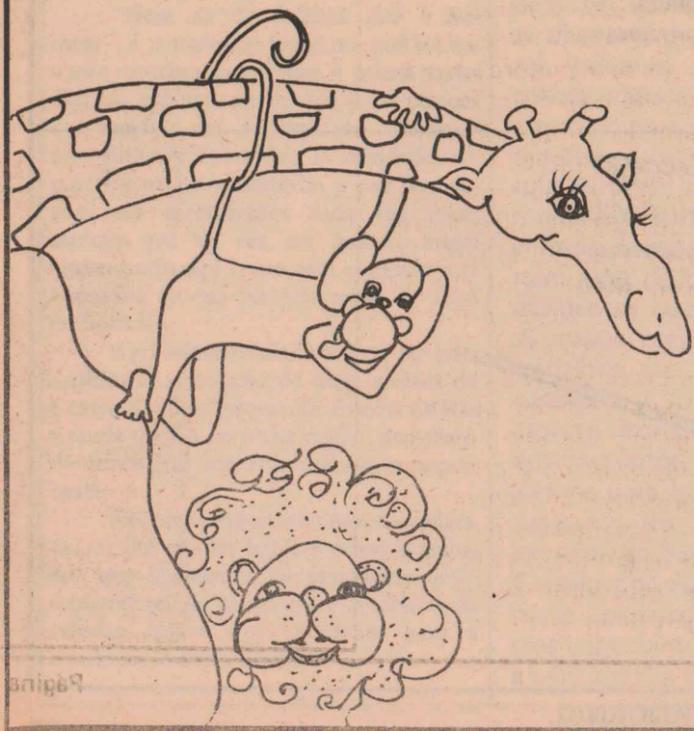
— Sim. Sim. Sim. — Dizia contente a bicharada.

— Pois é, você agora estão ajudando uns aos outros. — Por isso eu digo, você encontraram o passarinho azul, porque reencontraram a paz, o amor, a felicidade.

Estavam todos calados, prestando muita atenção, quando, ouviram um barulhinho de asas e folhas que se agitavam.

Olharam para o céu e, bem pequenino, lá ao longe, voava um passarinho.

Ele era Azul. . . Azul. . .



CARTAS



Queridos amiguinhos! Vocês são formidáveis! Mais cartas estão chegando:

Jair Pereira dos Santos, de Redentora, nos envia a resposta do passatempo do mês de julho. Acertou! Ruth Helena Heimann, de Vila Florida – Ajuricaba – nos enviou uma pecinha de teatro que brevemente publicaremos.

Cirlei Lúcio S. Secchi e Alceu Afonso Andreatti Secchi, de São Roque – Tupanciretã, escreveram para o Cotrisol usando sua criatividade.

Queremos pedir mil desculpas pelos erros que cometemos no último Cotrisol. O primeiro foi nas palavras – As frutas, onde foi colocado um quadro a mais. Lê-se pêssego. O segundo foi nas contas enigmáticas: após a figura do rato deveria vir “ – ra”. A resposta seria terra.

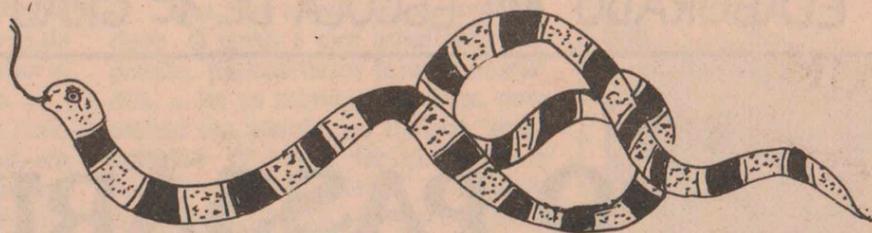


Continuem escrevendo para o Cotrisol – rua das Chácaras, 1513, 98.700 – Ijuí – RS.

Usamos os animais para fazer comparações

- Valente como um leão.
- Manso como uma ovelha.
- Fala como uma caturrita.
- Língua de cobra.
- Forte como um touro.
- Lágrimas de crocodilo.
- Trabalhador como uma abelha.
- Fértil como um coelho.
- Fiel como um cachorro.
- Uma fome de cão.

Você conhece outras comparações? Escreva. . .



O poeta do amor também escreveu para as crianças



SÃO FRANCISCO

Vinícius de Moraes, escreveu um livro, dedicado às crianças – “A Arca de Noé”. Todas poesias são muito bonitas, porém destacamos para vocês uma que é dedicada a São Francisco. No dia 4 de outubro comemora-se o Dia Mundial dos Animais, em homenagem à São Francisco, que se caracterizava pelo respeito, admiração aos animais e à natureza. Também nós queremos render nossas homenagens:

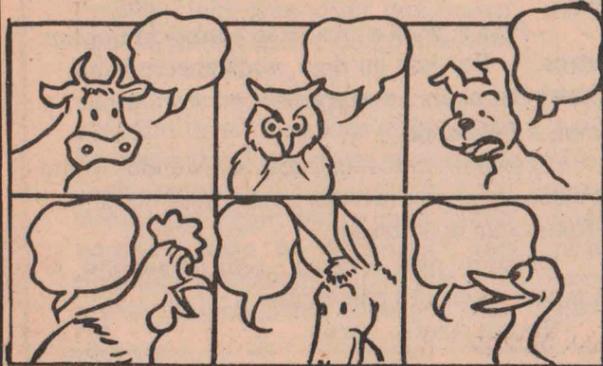
Lá vai São Francisco
Pelo caminho
De pé descalço
Tão pobrezinho
Dormindo à noite
Junto ao moinho
Bebendo a água
Do ribeirão.

Dizendo ao vento
Bom dia, amigo
Dizendo ao fogo
Saúde, irmão.

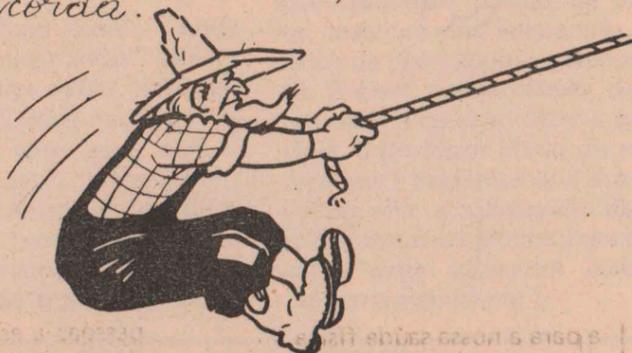
Lá vai São Francisco
De pé no chão
Levando nada
No seu surrão

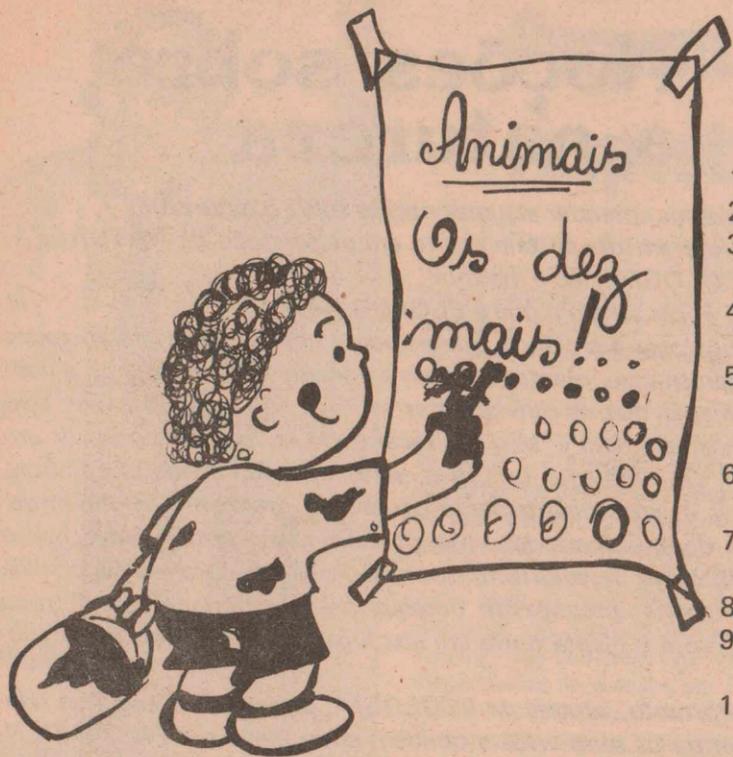
Lá vai São Francisco
Pelo caminho
Levando ao colo
Jesuscristinho
Fazendo festa
No menininho
Contando histórias
Pros passarinhos

Por favor, ponha nos balões a voz de cada um destes animais.



O fazendeiro está vendendo seu furo e puxa um animal muito teimoso. Desenhe o animal na ponta da corda.





Animais: os 10 mais

1. BALEIA — o maior animal mamífero
2. TIGRE — o mais forte dos felinos.
3. LEOPARDO — É o mais veloz. Faz 112 Km por hora.
4. GIRAFA — É a mais alta. Alimenta-se de folhas.
5. ELEFANTE — É o mais forte dos animais domesticados pelo homem.
6. CÃO — O maior companheiro do homem.
7. AVESTRUZ — O maior bicho de penas.
8. OVELHA — A mais dócil e meiga.
9. CAVALO — Melhor auxiliar do homem.
10. ABELHA — A mais trabalhadeira.

*Veja se descobre
seis animais cujos
nomes rimem com
as seis palavras
abaixo.*

BADALO
SOCORRO
FEDELHO
GARRAFA
FALANTE
ORELHA



A importância do rabo dos cães

A Sociedade de Veterinários da Inglaterra pediu recentemente ao Parlamento que aprove uma lei proibindo cortar o rabo dos cachorros por "motivos estéticos". Os veterinários afirmam que está mais do que provado que a cauda é um órgão importantíssimo para os cães, pois serve como leme, freio ou estabilizador.

Quando um cão está correndo, e precisa fazer uma curva, a cauda o ajuda a manter o equilíbrio. Se precisar brejar de repente, usa a cauda como freio. (Já notaram que quando

um cão pára de frente ergue a cauda? E ao nadar, usa a cauda como leme?)

O cão se vale também da cauda para manifestar seu contentamento. Mas há muito cão abandonado "toquinhos" por aí...



ATENÇÃO

Mande para o Cotrisol, uma curiosidade que você acha que vale a pena ser divulgada. Escreva.

Nome:

Endereço:

Curiosidade:

A Notícia

Millôr Fernandes

Estavam dois caçadores bem no centro da África, quando por de trás de uma colina, de dentro de uma gruta, na escuridão da mata, surgiu um tigre de dentes de sabre.

Disse um dos caçadores:

— Um animal pré-histórico! O mais terrível e precioso dos animais pré-históricos! Que vamos fazer?

— "Vamos fazer o seguinte" — sugeriu o outro caçador, preparando-se para correr. "Você fica aqui e aguenta o bicho, que eu vou espalhar a notícia pela África inteira!

MODELAGEM

Brincando com argila

Desde que o homem primitivo descobriu a argila, as mãos humanas não cessaram de criar utensílios e figuras.

Vocês já experimentaram amassar o barro e fazer bichos, bolinhas ou rolinhos. Hum!... que gostoso!... Os adultos reclamam da sujeira...

... pois saibam que a modelagem ajuda a desenvolver a criatividade, contribui para a coordenação motora (facilitando a letra mais legível e bonita), porque modelando mexe com os músculos dos dedos, das mãos e ainda serve para descarregar as emoções. Dá possibilidade de fazer e refazer o trabalho.

Bater, amassar a argila, unir, separar até construir um todo. Experimente, assim:

— Amasse o barro com as mãos ou com os pés.

— Retire um pedaço e trabalhe sobre um plástico ou um jornal. Modele a peça.

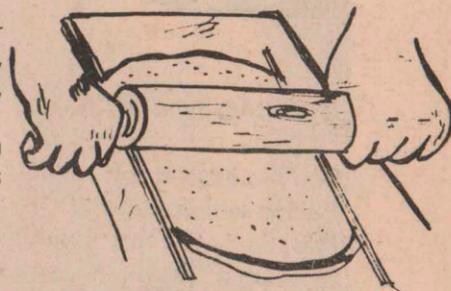
— Deixe secar a peça à sombra. Depois de seca pode queimá-la no forno da olaria. Se não quiser levá-la ao forno, pode lixar, pintar e envernizar para dar brilho.

Ferramentas para a modelagem

As ferramentas servem para raspar, alisar, cortar, unir, realizar detalhes, pulir...

Elas podem ser feitas ou encontradas em casa: colheres, garfos, facas, espátulas, rolo de amassar, escovas, etc...

Experimente modelar com a turma e surgirão figuras ou objetos fantásticos.



Denúncia: Os bichos estão morrendo

Os nossos bichos estão sendo mortos pelos homens. Até pouco tempo atrás havia uma quantidade enorme de peixes em todos rios, avestruzes, perdizes, macacos, tatus, lebres e veados pelos matos e pelos campos.

Hoje, a realidade é bem outra!

Cada dia, toneladas de lixo são lançadas em vários rios. Fábricas e redes de esgotos jogam seus resíduos nas águas, eliminando o oxigênio e interrompendo o ciclo de vida aí existente (plantas aquáticas, microorganismos e peixes). É também o Homem que, desmatando florestas próximas aos rios, causa um desequilíbrio na relação perfeita que a Natureza criou entre a água, o ar, a terra e os seres vivos.

Se fizermos um passeio observando atentamente a Natureza, vamos, com certeza, encontrar tristes exemplos de destruição. Onde está a andorinha, o sabiá, a anta, a garça? E os outros bichos?

É urgente e fundamental que o Homem aprenda a conservar a vida dos animais e viver em equilíbrio com a natureza, coisa que a gente precisa aprender desde criança e com muita rapidez porque um dia vai-se pagar caro por qualquer agressão que fizermos à natureza.

É preciso denunciar sempre que a Natureza estiver em perigo. Todos precisam entender que o meio-ambiente deve ser respeitado, para a sobrevivência do próprio Homem!

Queimada

(Canção Fantasia)

Na boca da queimada há um grito sentido
E a mão que incendeia, não pede perdão
Nem houve os gemidos dos lírios feridos
E o choro de morte no verde do chão

A fumaça se ergue em negra romaria
O campo se veste cor dos temporais
As chamas se afundam pelas sesmarias
Vermelhas manadas de chucros baguais

É o campo queimado, vai perdendo o pêlo
E mão que incendeia não pede perdão
Nem ouve os gemidos dos lírios queimados
E o choro de morte no luto do chão

Agoniza o campo num manto de fogo
E um sudário se estende no chão
E um passáro clama em tristes lamentos
O filho no ninho ainda embrião

É hora do homem parar de agredir
Ou gerações futuras
Serão caravanas errantes
Condenadas a morte da fome
Numa terra que não vai parir.

Letra e música — Cide Güz
10ª Califórnia da Canção Nativa do RS.

Noções sobre a natureza

Vamos aprender algumas noções sobre a natureza?

Hoje em dia se fala muito em preservação da NATUREZA, em ECOLOGIA, não é mesmo?

E vocês sabem o que é ECOLOGIA?

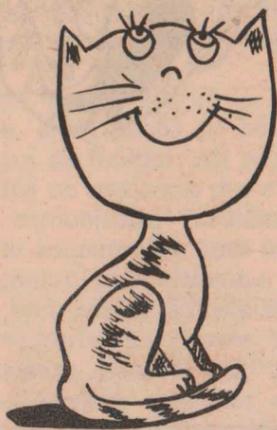
Ecologia é a ciência que estuda e nos faz saber, como todos os organismos — plantas, animais e homens — vivem entre si e com o ambiente que os rodeia. Os seres vivos não poderiam viver sem um substrato, isto é, sem um local onde se fixar ou construir um abrigo. Do ambiente (ar, água, solo) depende a vida das plantas, animais e, conseqüentemente, do próprio homem. O homem depende da existência dos vegetais e animais, contribuindo para o equilíbrio ou desequilíbrio do meio ambiente. Quando ele queima uma floresta, provoca um desequilíbrio mas, quando ele derruba uma árvore e planta outra em seu lugar, está tentando um equilíbrio.

Portanto, através da ECOLOGIA, podemos entender as relações entre os seres vivos e também entre eles e o MEIO AMBIENTE (como ilustra o desenho).

Como vimos, na NATUREZA todas as coisas estão relacionadas, formando este grande conjunto do qual fazemos parte: a terra, o ar, a água, os seres vivos.

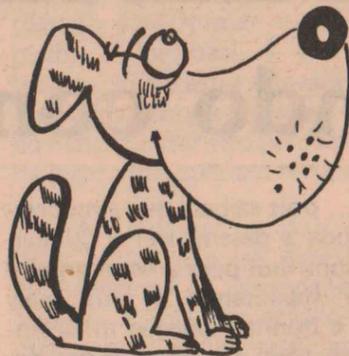


Os animaizinhos também fazem suas orações ao Senhor



ORAÇÃO DO GATO

Senhor, sou manhoso e dengoso
E, dizem, que não paro de arranhar
Não é verdade, Senhor
Eu sou fácil de agradar
É só me tratar com carinho
Que eu começo a ronronar.



ORAÇÃO DO CÃO

Sou o melhor amigo dos homens
O mais fiel dos animais
Sou garboso, altaneiro...
Sacudo o rabo faceiro
E nem gosto de morder
Porque meu maior prazer
É estar entre amigos
E livre, livre correr

ORAÇÃO DO RATINHO

Sou tão escurinho!
Pareço sempre sujinho
Mas, Senhor, o que fazer?
Se assim é, assim tem que ser.



ORAÇÃO DO GALO

Senhor! Sou o rei do galineiro
Graças Te dou Mestre
Pelo canto que me deste
Despertador do amanhecer...



de: Mariluz Leonetti Calvi in: Carrossel

EDUCAÇÃO

COMUNIDADE — FAMÍLIA — ESCOLA

Suplemento elaborado pelo Grupo de Assessoria aos Professores Rurais — Convênio Cotrijuí/Fidene

**MAIS
UM
SUPLEMENTO**

Aos associados da Cotrijuí, aos professores do meio rural e do meio urbano, às pessoas que participam de trabalhos comunitários, às crianças e jovens, enfim, aos nossos amigos leitores, estamos entregando mais um exemplar do Suplemento de Educação. Pensamos muito para definir os assuntos deste número correspondente ao mês de setembro. Exatamente este mês cheio de datas importantes sobre os quais muito poderíamos escrever. Sem desprezar as demais, destacamos a data farroupilha para representar os eventos desta etapa do ano. Para darmos este destaque, não elaboramos nenhum artigo. Apenas recorremos ao livro "História do Rio Grande do Sul", de autoria do professor Danilo Lazzarotto e extraímos dali, "As realizações do governo Farroupilha".

Temos em todas as edições procurado dar uma atenção especial ao trabalho desenvolvido por alunos e professores. Esta nossa atenção tem-se materializado em matérias contendo aspectos práticos das atividades de ensino. Desta vez é o ensino de Ciências que ocupa este espaço. "Ciências em nossas escolas" é o artigo criado pela Lori, onde procura-se definir uma postura diante do trabalho desta área e fazer algumas colocações sobre uma de suas partes, a observação.

"Nem só de futebol vive o homem", é o título do texto no qual o Leonardo procura questionar a pouca variedade de esportes praticados pelas pessoas que residem nas comunidades interioranas. Entendemos serem as atividades esportivas muito necessárias e por isso devem ser incentivadas cada vez mais, mesmo que de vez em quando criem algum embaraço como este contado pelo Vicentini na sua história sobre o "Jogo de Bochas".

Aproveitamos ainda um espaço para noticiar a instalação de dois núcleos do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul em nossa região, por considerarmos isto um fato realmente importante.

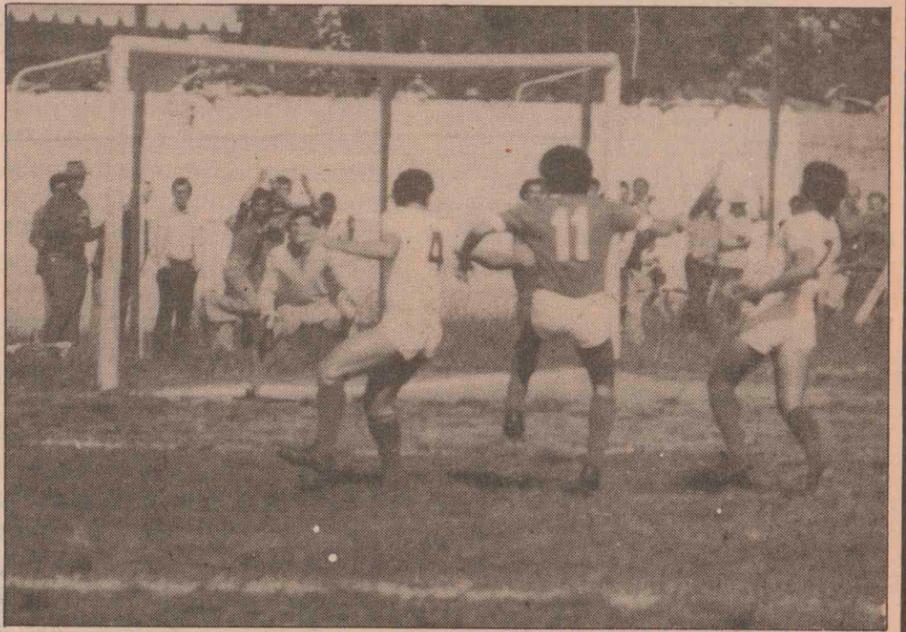
No mais, esperamos novas manifestações dos nossos leitores sobre o trabalho que realizamos de montagem deste suplemento. As cartas até o momento recebidas muito nos animaram para a continuação desta tarefa.

NEM SÓ DE FUTEBOL VIVE O HOMEM

"Esporte é saúde", repete-se a todo o momento. Se esta afirmação é verdadeira, então deve haver muita gente doente por aí, principalmente as mulheres. Ainda bem que a nossa saúde não depende só do esporte, porque se assim fosse... ufa!

Pensando nas pequenas cidades ou vilas interioranas, vamos constatar a existência da prática de poucos tipos de esportes. E mais, a maioria deles sendo praticados quase exclusivamente pelos componentes do sexo masculino. Toda localidade possui o seu campo de futebol e a sua cancha de bocha. Dois jogos "prá macho". Para as mulheres só sobra mesmo o baralho e o dominó, isto se não estiver na hora de cumprir com suas lides domésticas. Em alguns lugares existe ainda um tal de "bolãozinho", um minibolão jogado pelas mulheres enquanto conversam e tomam um chá da tarde.

Realmente é muito pouco o que se faz em termos de práticas esportivas. É claro que as pessoas possuem também outras formas de se divertirem, tais como, bailes, festas, passeios, leituras, assistir TV, contar causos, etc. Acontece porém que, no nosso entender, nenhuma delas substitui o esporte. Podem substituir em parte talvez com um momento de descontração. Se estivermos numa festa num baile ou num jogo de bocha, todos eles são momentos que nos fazem esquecer as nossas preocupações, os nossos trabalhos, etc., e assim estamos descansando a "cuca". No entanto, o esporte exerce sobre nós muitos outros efeitos. Por exemplo, ao jogarmos uma bocha, mexemos com músculos do corpo que não são exercitados em outras atividades. E assim por diante, cada tipo de esporte proporciona muitos exercícios importantes para o nosso corpo e para a nossa saúde física.



PENSAMENTO "ESPORTIVO"

Um outro efeito que julgamos importante, é que a prática do esporte possibilita o desenvolvimento em crianças e adultos, de espírito de equipe, de cooperação, de união. É verdade que também pode desenvolver o espírito competitivo, o individualismo.

Neste caso precisamos pensar e nos conscientizar de que o mais importante não é ganhar a qualquer preço, mas sim participar do jogo conservando acima de tudo um pensamento "esportivo".

Voltando à questão da pouca variedade de tipos de esportes existentes em nossas localidades, podemos indicar alguns fatores que contribuem para esta escassez.

Um deles talvez seja a não existência de quadras adequadas para voleibol, handebol, basquete e futebol de salão. Outro fator, talvez seja esta idéia tão espalhada por aí, de que o Brasil é o país do futebol. Este modo de pensar certamente contribui para uma acomodação das pessoas a este tipo de jogo. Mesmo

vendo que o futebol é quase exclusivamente praticado pelos homens e estes homens não desenvolverem quase nenhum outro tipo de esporte, nos acostumamos em achar tudo isto muito certo. Ainda um outro fator que pode contribuir para esta falta de práticas esportivas são as exigências de trabalhos e outros compromissos que fazem as pessoas disporem de pouco tempo. Ou pelo menos usarem estas situações como pretextos para não se envolverem em atividades esportivas ou outro tipo de lazer. A vivência de cada localidade irá determinar os dias e as horas de jogar. As pessoas vão assumindo como um costume, por exemplo, jogar bocha aos domingos, definindo inclusive regras específicas para quem deve jogar. A história contada por Vicentini neste mesmo jornal nos ilustra muito bem uma situação real.

Achamos no entanto, que já é hora de começarmos a pensar mais seriamente em criar condições para a prática de outros tipos de esportes.

CIÊNCIAS EM NOSSAS ESCOLAS

— História "científica"

A nossa história "científica" começa com um fato acontecido há algum tempo. Cristiano, um menino de 4 anos, estava brincando em frente à sua casa numa noite enluarada. Enquanto isso, sua mãe estava dentro de casa com um olho pregado na TV e outro no lado de fora. O menino brinca, corre, pula aqui, pula ali. Olha para o céu, vê a lua e começa a descrevê-la: "Ela é branca, brilhante. Tem uns barrancos nela. É redonda, bem parecida com o sol. Ela faz sombra que nem o sol..." Pensa mais um pouco e mais que de pressa entra em casa e pergunta para a mãe:

— Manhê, por que a lua fica lá em cima?

A mãe começa a pensar em como sair "bem" dessa pergunta. Pensa em seus tempos de escola... Finalmente responde à questão tentando "enrolar" o menino.

— Bem, filho, a lua está "pendurada" lá em cima, por isso ela não cai

O menino volta a brincar e pensa na resposta da mãe. Mais que de pressa pega a bola joga-a para cima, dá piques com ela. Alguns minutos depois volta com uma nova pergunta:

— Manhê, a bola não fica pendurada no céu! Ela é redonda que nem a lua. Acho que a lua também não fica pendurada. Tem que ter outra coisa que faz a lua ficar pendurada no céu...

— Ciências na escola

Esta historinha tenta mostrar que a criança ao entrar na escola já possui uma série de conhecimentos de ciências a partir da manipulação, observação e experimentação dos fenômenos do dia-a-dia. Estes conhecimentos estão relacionados com o seu

corpo, com os alimentos, com os pais e os irmãos, com os animais, com as plantas e o ambiente, com as coisas que a rodeiam e/ou a "encucam".

O "mundo" é sentido e compreendido pela criança por meio dos órgãos dos sentidos. À medida que ela olha, apalpa, cheira, experimenta o sabor, compara as "coisas", isto é, se relaciona com o fenômeno concreto, começa a formar idéias (conceitos) sobre cheiros, sabores, cores, sons, tamanhos, consistência, temperatura, formas, asperezas, distâncias, utilidades dos seres... Percebe também semelhanças e diferenças por meio de comparações, causas e efeitos, relações entre pessoas, plantas e animais, e ambiente (terra, chuva, água). Percebe também a ligação que existe entre os seres vivos e os seres sem vida. Ao fazer essas observações aparecerão muitos problemas para a criança. Isto é, ela quer saber o porquê das coisas, deduzirá muitas coisas através da lógica e fará algumas abstrações.

Neste contexto a escola tem a função, nas séries iniciais, de desenvolver as habilidades perceptivas, aguçar o "espírito" de observação e de experimentação, problematizar o aluno, mas ao mesmo tempo buscar alternativas junto com os alunos para solucionar os problemas levantados; sistematizar e ampliar os conhecimentos do dia-a-dia, bem como proporcionar à criança o processo de aquisição de conhecimentos, relacionados com o seu dia-a-dia, de forma mais científica.

Uma das formas de iniciar a criança no processo de aquisição de conhecimentos é a observação dos fenômenos do seu dia-a-dia. Esta

observação deve ser planejada, controlada, orientada para que haja aprendizagem. Ela é feita geralmente em cima de fatos ou fenômenos que existem na realidade concreta da criança. A sua realização pode partir de um problema vivenciado pelos alunos. Outras vezes é o professor que propõe aos alunos a observação, problematizando-os para observar um determinado fenômeno.

Ao planejarmos uma observação devemos ter em mente o "praquê" desta atividade, isto é, ela será apenas uma atividade de saída de sala de aula? De demonstração de alguma coisa concreta? De dar uma olhada num fenômeno? Ou a nossa preocupação é com a compreensão da realidade, com suas múltiplas relações, com sua interdependência, com suas causas e efeitos... Nesse praquê parece-nos que deve estar a tentativa de fazer o aluno descobrir o seu próprio caminho de investigação científica (processo de aquisição de conhecimentos)

— Uma Excursão aos Arredores da Escola para Observar Plantas

Tomemos como exemplo uma atividade de observação para 3ª e 4ª séries (1º grau) Uma excursão aos arredores da escola para observar plantas. Qual será nosso "praquê" para esta atividade? Que o aluno tenha, no final da observação e das atividades complementares, uma maior percepção sobre o fenômeno observado (plantas); identificar e conhecer plantas existentes nos arredores da escola e comuns na localidade; plantas nativas e cultivadas; diferenças e semelhanças entre as plantas; as partes das plantas e suas funções; diferentes estágios do ciclo vital das plantas; utili-

Uma das formas para iniciar o processo de observação é discutir com os alunos os vários aspectos da paisagem nos arredores da escola já conhecida deles; levantar hipótese sobre os conhecimentos que os alunos possuem ou não sobre as plantas; discutir e decidir sobre o que vão fazer nesta excursão (entenda-se aqui excursão como a saída da sala de aula). Eis alguma questões para serem discutidas: Vocês conhecem os arredores da escola? Que coisas existem lá? A aparência da paisagem sempre foi a mesma? Quem modifica ou modificou a paisagem? Por que modificam a paisagem? Que plantas existem nos arredores da escola? Estas são todas iguais? Por que não são iguais? Que plantas são cultivadas ou elas não existem? Por que os homens cultivam algumas plantas e outras não? Qual a utilidade das plantas? As plantas têm relação com os seres vivos e

com os sem vida? Como? As plantas dependem de que e de quem para viver?... Em seguida se poderia discutir com os alunos como pode acontecer a observação: a) definir o que poderia ser observado entre os problemas levantados tanto pela professora como pelos alunos os quais estão relacionados com o praquê da observação; b) elaboração de um roteiro ou ficha em conjunto com os alunos; c) como observar: Vamos observar somente com os olhos? Ou vamos usar as mãos, o nariz, a boca, os ouvidos? Como vamos usar cada um dos sentidos? Os cuidados que os alunos devem ter durante a observação para cheirar, apalpar, experimentar o sabor, ouvir. Há necessidade de utilizar instrumentos para medir, cortar, desenhar...? Quais são os instrumentos que vamos levar e como vamos utilizá-los? d) O que e como anotar as informações durante a atividade para serem trabalhadas posteriormente? Que desenhos precisam ser realizados? Como devem ser feitos estes desenhos? e) coleta de materiais — Os alunos definirão quais os possíveis materiais (folhas, frutos, plantinhas, terra...) poderão ser coletados.

Durante a observação estimular os alunos a falar, a comparar, a perceber, compreender as coisas. Lançar perguntas que desafiem os alunos.

O trabalho também deve ser relacionado com o planejamento global. Ele não será um fato isolado que irá acontecer na vida dos alunos. Este trabalho (observação) está relacionado também com as atividades de: Língua Portuguesa, História, Geografia, e de Matemática...

Uma das formas para iniciar o processo de observação é discutir com os alunos os vários aspectos da paisagem nos arredores da escola já conhecida deles; levantar hipótese sobre os conhecimentos que os alunos possuem ou não sobre as plantas; discutir e decidir sobre o que vão fazer nesta excursão (entenda-se aqui excursão como a saída da sala de aula). Eis alguma questões para serem discutidas: Vocês conhecem os arredores da escola? Que coisas existem lá? A aparência da paisagem sempre foi a mesma? Quem modifica ou modificou a paisagem? Por que modificam a paisagem? Que plantas existem nos arredores da escola? Estas são todas iguais? Por que não são iguais? Que plantas são cultivadas ou elas não existem? Por que os homens cultivam algumas plantas e outras não? Qual a utilidade das plantas? As plantas têm relação com os seres vivos e

NÚCLEOS DE CPERS

O Centro dos Professores do Rio Grande do Sul (CPERS) é a entidade máxima dos professores do nosso estado. É como se fosse um grande sindicato ou a federação dos sindicatos desta categoria de trabalhadores.

A forma de organização desta entidade se dá a partir da formação de núcleos tanto na capital como também no interior. É através

destes núcleos regionais, que os trabalhadores da educação desenvolvem suas atividades classistas visando uma melhoria profissional e, conseqüentemente, uma melhoria da qualidade do nosso ensino.

No dia 12 de setembro de 1981, contando com a presença dos professores Zilah Totta e Tereza Noronha e, do professor Osvaldo Rodrigues, todos componentes da

direção estadual do CPERS, foram instalados oficialmente dois novos núcleos em nossa região. Um deles com sede na cidade de Três Passos, abrangendo os municípios de Campo Novo, Humaitá, São Martinho, Braga, Tenente Portela e Santo Augusto. O outro sediado em Ijuí e dele também fazendo parte os professores de Ajuricaba, Augusto Pestana, Condor e Panambi.

REALIZAÇÕES DO GOVERNO FARROUPILHA



É admirável o que foi realizado pelo governo revolucionário. Arthur Ferreira Filho assim descreve o fato:

"A República Farroupilha, apesar das circunstâncias contrárias, procurou organizar-se como Estado Moderno, progressista e impregnado de alta moral administrativa. No emprego do dinheiro público o governo republicano foi de inexcedível rigorismo. Os impostos eram moderados e os gastos se realizavam dentro da mais escrupulosa parcimônia.

Tratou a República de dar vigoroso impulso à instrução, que se achava estacionária desde a Proclamação da Independência, não obstante o pesado tributo pela pecuária e destinado, nominalmente, ao Fundo Literário, criado no tempo do Marquês de Pombal para custear escolas públicas. Foram criadas pela República aulas em todos os municípios, ao mesmo tempo que se desenvolvia intensa propaganda no sentido de despertar nas populações rurais o interesse pela instrução. As muitas recolhidas aos cofres públicos eram automaticamente empregadas nas despesas com o ensino. O governo republicano criou um gabinete de leitura que mais tarde foi transformado em Biblioteca Nacional pela Constituinte de Alegrete.

No setor de comunicações, a República criou o serviço de correio; abriu várias estradas novas e realizou consideráveis melhoramentos noutras. Até a convocação da Constituinte, o governo era assisti-

do pelo Conselho de Procuradores, órgão consultivo composto de um delegado de cada município. O Conselho reuniu-se pela primeira vez em Caçapava, nova capital da República, a 21 de dezembro de 1839.

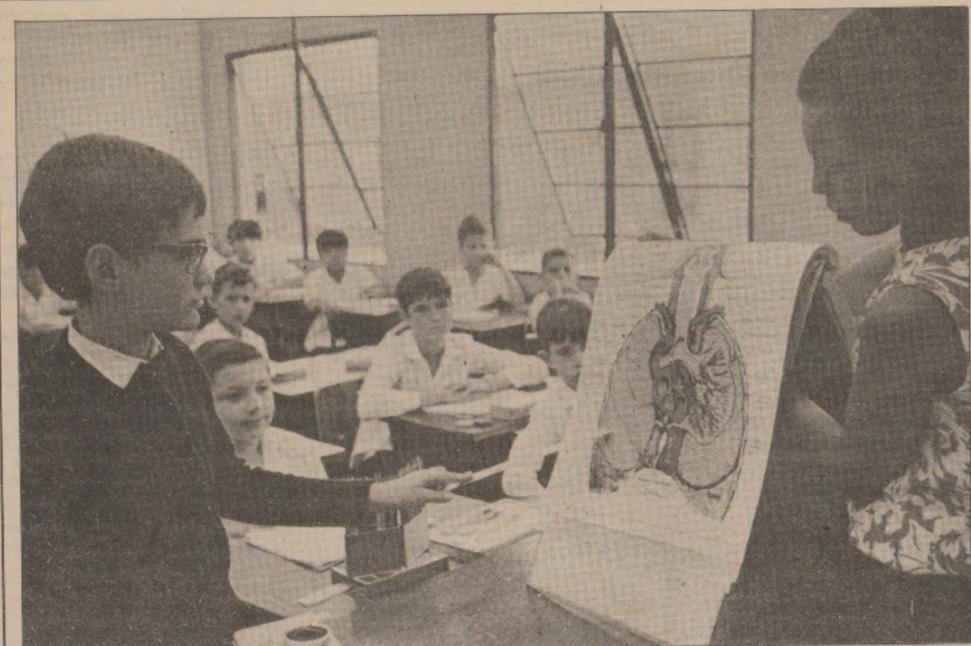
Colaborou ele na feitura de diversas leis, inclusive a eleitoral, que estabeleceu o voto obrigatório a todos os que tivessem o direito de exercê-lo.

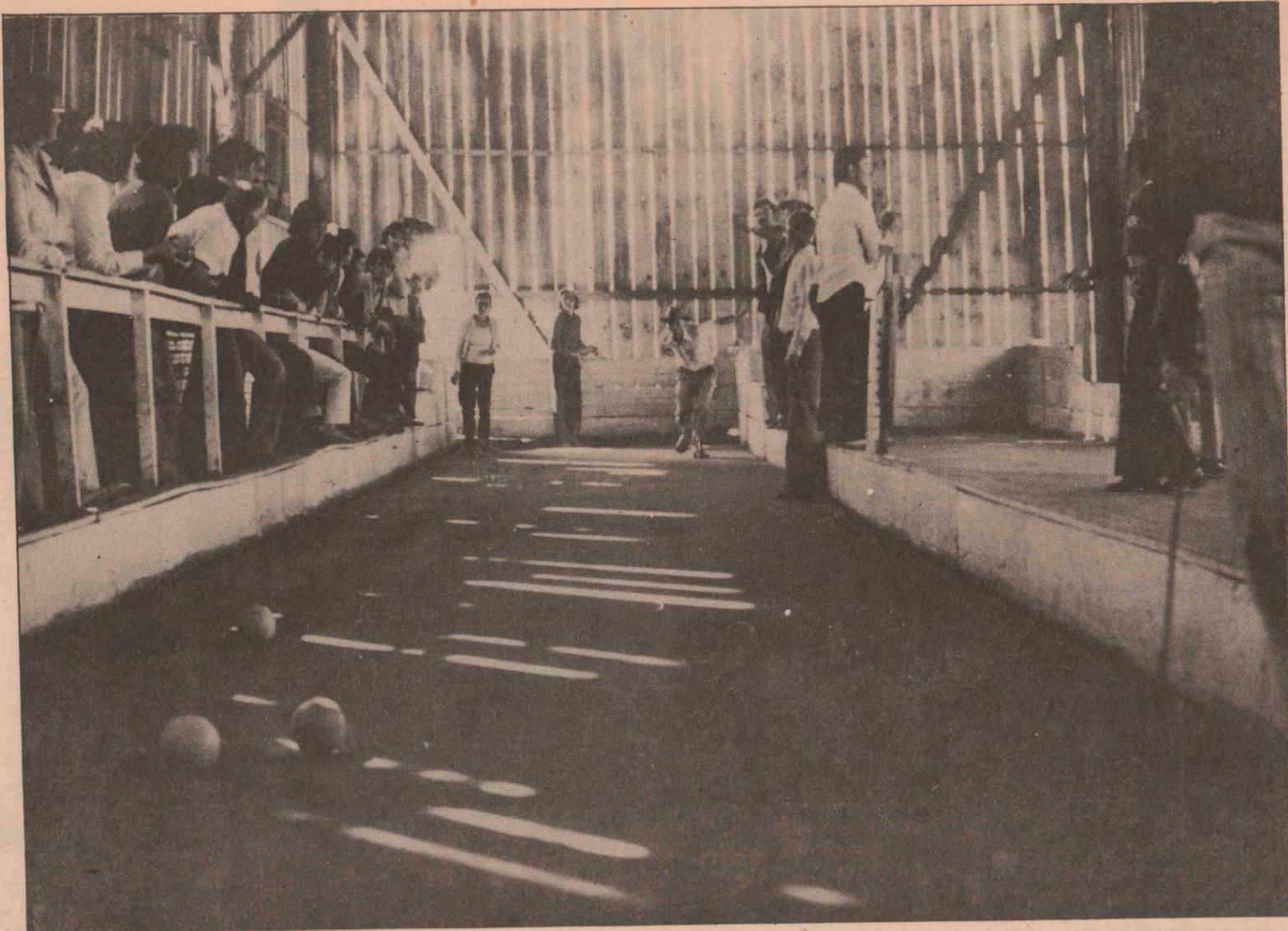
Em matéria penal e civil a República manteve em uso as leis do Império.

Uma das primeiras preocupações do Governo Republicano foi estabelecer relações de boa amizade com os vizinhos mais próximos, como a República do Uruguai e as províncias argentinas de Entre Rios e Corrientes. Mandou uma embaixada ao ditador Francia, do Paraguai, que a recebeu com muita cordialidade. Também contava a República com a simpatia dos Estados Unidos, embora não chegasse a estabelecer relações diplomáticas com aquela poderosa nação.

A amizade com os vizinhos do Prata trouxe apreciáveis vantagens, permitindo, através de seus grandes portos, Montevidéu e Buenos Aires, comerciar com os países americanos e europeus.

Empenhada em guerra sem quartel, a principal atividade da República Rio-Grandense foi, necessariamente, a militar. Todos os seus recursos, todos os seus esforços, teriam de convergir para as operações bélicas". (Danilo Lazzarotto — p. 89).





O JOGO DE BOCHAS

Distante da sede do município, a uns 2 quilômetros mais ou menos, situa-se uma pequena vila, VISTA ALEGRE. Talvez tenha levado esse nome porque ali residiam, noutros tempos, só imigrantes italianos e estes, embora em pequeno número, mantinham um relacionamento interessante: visitavam-se constantemente, reuniam-se para cantar, rezar, jogar. . . Principalmente aos domingos era uma festa, todos participavam de algumas diversões.

Neste local construíram uma capelinha, uma cancha de bochas, um campo de futebol. Ali aconteciam todos os encontros dos membros da comunidade. Também era ali que se encontravam com membros de comunidades vizinhas.

Os primeiros e também os últimos encontros das pessoas antes do casamento eram aí que ocorriam. As novenas religiosas eram uma constante. Era só dar 15 dias de seca e a santinha entrava em ação. E lá se iam todos, crianças, jovens, os de meia-idade, e até os mais velhos. Rezavam, mas também tinham outras práticas. A maior parte dos casamentos tinha início nessas novenas e terminava com uma festa na capelinha.

Agora, nestes tempos de sufrença, a localidade também deixa transparecer esta sufrença. A capelinha lá está, no mesmo local, muito embora já tenham se passado 50

ou mais anos. Continua com a mesma pintura. O seu estado é de completo desalinho. Está toda desbitolada. A gente, ao olhá-la, não sabe se está vesgo ou se é ela mesmo que está torta. O campo de futebol cedeu lugar a uma lavoura de soja. A terra, dantes palco de diversões, hoje é trabalhada por trator, ceifa. . . A cancha de bocha, esta sim progrediu. Está com cobertura, com luz elétrica e com outras benesses do "desenvolvimento". Até água enxada tem! Funciona também uma "copa", onde o pessoal se abastece da cachacinha e, alguns, de cerveja. Dali também pegam os doces, balas, rapaduras e o badalado mandolote, doces esses que servem para adoçar mulher e filhos.

Os "gringos" dantes, hoje são negros, mestiços, caboclos, isso na sua maioria. Mas alguns "gringos" ainda ali moram. Rezar, pouco fazem, pois isso caiu da "moda". Agora jogam bocha, ouvem o futebol (da dupla grenal) pelo radinho à pilha. Alguns, só 8 cada vez, jogam bocha. Baralho, uma vez começaram jogar e foi "aquela paulera".

Num domingo desses, estavam na cancha de bochas algumas pessoas. Não muitas, talvez umas 15. O jogo de bochas, na sociedade deles, é regido por algumas normas. Acontece que nem todos delas são conhecedores. Também a interpretação das normas varia do caboclo

para o gringo, do negro para o gringo e assim por diante. Uma dessas regras, talvez a mais importante para alguns, porque determina quem e quando se joga, diz mais ou menos o seguinte: "Só se pode jogar 2 partidas consecutivas e depois há que ceder o lugar para outros jogar". Como tinha mais gente que o necessário para formar os quadros de bocha (8 pessoas), 7 ficaram sobrando. Entre estes estavam os mais dormidos, os que tardaram a chegar na cancha e por isso perderam a vez de jogar, mas queriam recuperá-la.

Ao escolher os dois quadros para jogar, não se sabe se por coincidência ou propositalmente, cairam quatro de origem contra quatro negros. No largar os "parelheiros", alguém lascou:

— Os gringos contra os nego.

Jogaram uma partida. Duas. Os gringos ganharam. Provocações vociferavam a todo instante, tanto dos que jogavam como dos que "tenteavam" vez para jogar. Com a devida permissão destes últimos saiu a 3ª partida, a revanche.

Nestas alturas já havia rolado muita cachacinha prá alguns e cervejas para outros.

Num dado momento, alguém do jogo provoca um gringo para jogar "de mano":

— Jogo por 4 cervejas no que termina a partida.

Gringada vai, negada vem. Ba-

te-boca prá lá, bate-boca prá cá. Jogo "atado". Mas um gringo, dos mal-dormidos, puxou a lei da sociedade:

— Só pode jogar 2 e depois tem que caí fora. Como vocês vão jogá de mano?

O negro pulou para o meio da cancha e desacatou o gringo, este, por sua vez, retribuiu as gentilezas. Deixa disso prá lá, deixa disso prá cá. A coisa esquentava cada vez mais. Uns já estavam com bochas na mão (não prá jogar, é lógico), outros já com garrafas (não prá beber, é evidente). Um corre em busca da carneadeira. Outro, em busca de um pau. Ânimos acalorados; palco montado para a luta: Gringos X Negros.

— É só gringo que qué mandá mesmo nessa porcaria!, dizia um, outro respondia:

— Nego só é gente quanto tá na privada.

Feliz ou infelizmente a coisa parou por aí. A guerra (no pau mesmo) não se concretizou. Comentase que os negros implicados na discussão estão devendo alguns "trocados para os gringos" e que a coisa não foi só por jogo não.

Aparentemer te conflitos como esse narrado, ocorrem por questões raciais. Na realidade são relações patrão X empregado, é o estado de crise em que vive a agricultura minifundiária que se reflete nos momentos de lazer desse pessoal.